This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
C3149ve
1904

A 474006 DUPL

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817
LIBRARIES

10 P.M.

UMA VESPERA DE FERIADO

DO MESMO AUCTOR

PARA BREVE

Os Maias — Peça extrahida do romance do mesmo titulo de Eça de Queiroz.

EM PREPARAÇÃO

Bernardim Ribeiro — Peça historica em verso.

Carreiro, José Bruno Tavares.

JOSÉ-BRUNO

UMA VESPERA DE FERIADO

PEÇA EM TREZ ACTOS, UM PROLOGO E UM EPILOGO, EM PROSA E VERSO

2.ª EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA DE A. M. TEIXEIRA
20, PRAÇA DOS RESTAURADÔRES, 20

1904

Typ. a vapor da Emprêsa Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

79 02 04 - 190

Esta peça foi expressamente escripta
para ser representada
por um grupo de quintannistas de Direito, Medicina e Philosophia,
na sua festa de despedida,
a nove de março de mil novecentos e quatro,
no Theatro Principe Real de Coimbra,
repetindo-se no mesmo theatro a doze de março e em Lisboa,
no Real Theatro de S. Carlos,
a vinte e quatro, em beneficio da Assistencia
Nacional aos Tuberculosos

DISTRIBUIÇÃO

O PROLOGO		*José Ayres de Magalhães*
A UNIVERSIDADE		*Pedro de Miranda*
PANTALEÃO, proprietario de mercearia		*Fernando de Figueiredo*
AS 3 FACULDADES	FARIA (theologia)	*José-Bruno*
	ESCULAPIO (med.)	*Pedro de Miranda*
	«PRINCÊZ» (dir.)	*José Ayres de Magalhães*
ALBERTO, quartannista de med.		*Alberto Marques*
O DONO DO RESTAURANTE		*Ernesto de S. Marinha*
O CREADO DO RESTAURANTE		*Alberto de Campos Mello*
MARIA, servente de republica		*Miguel Trancoso*
CONCEIÇÃO		*Carlos Roberto Pinto*
MARGARIDA		*Augusto Victor dos Santos*
ISABEL	tricanas	*Alvaro Julio Barbosa*
CANDIDA		*Miguel Trancoso*
MARIA		*Antonio V. F. Roquette*

Tricanas. — Estudantes.

Em Coimbra.—Actualidade.

Os restantes papeis são desempenhados por quintannistas que figuram na peça com os proprios nomes.

Aos quintannistas da Universidade
que com esta peça realisaram
a sua recita de despedida

Meus amigos:

Com um grande abraço de despedida, venho offerecer-vos a peça com que realisamos hoje a tradiccional recita dos quintannistas.

Quero ao mesmo tempo deixar aqui publicamente consignado o meu mais vivo agradecimento pela prova de confiança que de vocês recebi, numa situação em que vos encontrei a meu lado, contra a opinião preconcebida da maioria dos nossos condiscipulos.

Refiro-me ao que aconteceu o anno passado por occasião da votação dos projectos para a recita official do curso.

De certo isso está ainda bem presente á vossa memoria.

Nessa votação foi o meu projecto reprovado por **cônsideraveis** *argumentos, mesmo contra a opinião de alguns dos quartannistas que o regeitaram e para quem esses argumentos pezavam mais do que o proprio criterio litterario... Isto não é inven-*

tado, nem ditado por pequenas vaidades offendidas. É apenas a reproducção de declarações feitas em particular por alguns dos meus opposicionistas, embora menos sinceramente tenham allegado que votavam contra o meu projecto pela **conveniente** *razão de que elle não passava de uma exhibição de bebedeira!...*

Tendo-vos repugnado essa attitude mesquinha do curso e como protesto contra a deliberação por elle tomada, encontrei-vos a meu lado, á custa de uma scisão, persistindo e incitando-me a levar por deante o projecto de recita que apresentei então, inteiramente dispostos a vencer todos os obstaculos que por ventura se levantassem.

Aqui vos apresento agora, realisado, o tão discutido projecto. Sobre elle e sobre esta peça só tenho a reproduzir o que vos disse o anno passado: « quiz apenas fazer uma coisa leve e sem pretenções, o pretexto para passar alegremente algumas

horas de uma noite.» Nunca pretendi com ella guindar-me ás culminancias da gloria ou ao pedestal da immortalidade, como ao curso me fez a justiça de affirmar o meu querido amigo Alvaro Sereno, — affirmação que publicamente confirmo agora aqui.

Ei-la ahi vae, pois, com o unico desejo de que as horas que durar a sua representação não sejam para vocês absolutamente destituidas de interesse e de alegria.

Com todos os seus defeitos, com os seus versos errados, com as suas rimas algumas vezes inadmissiveis, com as suas reminiscencias de outras peças, com tudo isso e com muito mais, ella certamente não desapparecerá da vossa memoria, porque a lembrareis na saudade da noite em que dissemos adeus ao melhor tempo da nossa vida.

A todos os interpretes d'esta peça agradeço a intelligencia, a bôa vontade e o in-

teresse que puzeram no desempenho dos papeis que lhes foram confiados.

A vocês todos e aos quintannistas de Medicina e de Philosophia que comnosco fazem hoje a sua festa de despedida, — os meus cordeaes agradecimentos pela prova de estima e de confiança que me testemunharam.

Coimbra, 9 de março de 1904.

José Bruno.

NA 2.ª EDIÇÃO

Meus amigos:

É meu dever, nesta 2.ª edição, dirigir-me novamente a vocês, agora que da nossa festa só existe uma grande saudade e uma grata lembrança.

Realisada a nossa despedida, aproveito esta occasião para vir agradecer a vocês a forma como contribuiram para o brilhante e inolvidavel exito da nossa festa.

Não se podia fazer mais; — não se podia esperar tanto. Foram alem da minha espectativa e da espectativa geral.

Luctando com a responsabilidade de papeis de difficil desempenho, conseguiram dar-lhes um destaque e um relevo que eu nunca me atreveria a desejar, agradando incondicionalmente, causando a admiração de quantos assistiram ás recitas.

Não sou eu que o digo: — di-lo a acclamação e o applauso com que foi coroado o vosso desempenho em Coimbra e em Lisbôa e di-lo o caso virgem de se ter exgotado uma edição d'uma recita de 5.º anno!

Eu deveria, talvez, corrigir n'esta edição alguns defeitos da primeira, o que não seria difficil. Acho, porem, preferivel não o fazer, deixando-a ficar tal qual foi representada, com o sabor aspero d'um trabalho feito á pressa, sem preoccupações de impeccabilidade.

Desculpem-me vocês e guardem-o apenas como uma simples recordação da noite da nossa festa, só para que depois, d'aqui a muitos annos, «á hora gêba do rheumatismo», elle possa lembrar-vos a noite em que a nossa mocidade soltou o seu derradeiro grito,— essa noite que foi bella e que foi grande porque todos contribuiram com o melhor da sua alma, do seu coração, da sua intelligencia e da sua boa vontade.

Abraça-vos a todos muito cordealmente o vosso amigo e camarada

José-Bruno.

PROLOGO

Depois de levantar o panno, estando em scena todos os quintannistas para cantar a ballada de despedida, no momento em que a orchestra começa a toca-la, o PROLOGO *entra, de casaca, calção e meia de seda, monoculo, guias do bigode petulantemente erguidas, a estoirar de pose, provocação e insolencia. Manda callar a orchestra e, num espanto, depois de encarar o publico durante alguns momentos :*

Não sabeis quem eu sou ?... Pois não sabeis ?... Hom'essa !...
Vêde lá no programma...

(Pausa. Num gesto affirmativo, como quem vê que foi reconhecido :)

O prologo da peça !

(Muito affectado e precioso :)

Um prologo *last-style*, um prologo arte-nova,
Que vos não vae massar com a batida trova
Em que o auctor, humilde, pede aos espectadores
Que em lugar de batata atirem antes flores !
Sou um prologo *hors-ligne*, altivo, *ancien régime,*
Para quem, certamente, o *grande e hórrivel crime*
E' não saber com arte, em *five-o'-clock-teas,*

*

Com duas phrases preciosas e subtis,
Cahir a tempo aos pés, numa audacia estudada,
D'uma linda mulher num sophá recostada!
Consegui mesmo ter toda a linha, o destaque,
Um certo ar de Cyrano de Bergerac!
A mesma fina graça, o mesmo atrevimento...
Talvez menos nariz, — talvez menos talento...
Mas isto de talento, os senhor's sabem bem,
Em qualquer parte o ha: cem kilos,—um vintem!
Hoje em dia o talento, o genio, a inspiração,
Resumem-se em saber vestir com distincção!
E' verdade, — não é?...

(Mostrando-se todo:)

Reparem bem... A linha,
O córte, o estylo, a pose, a graça de andorinha
Que reveste o meu ser de uma elegancia fatua,
Estão mesmo a pedir a gravura e a estatua!
E este bigode... Oh, o bigode!... Altivo... insolente!...
E—«o bigode é o homem», disse uma vez um lente

Ora agora que fiz esta apresentação
(Como viram modesta e sem affectação...),

(Numa transição brusca e inesperada, mudando de expressão e de voz subitamente:)

Esta mascara arranco, ignobil e affectada,
Deixo o artificio, a phrase falsa e trabalhada,
O gesto precioso e o monoculo irritante,

(Tomando uma capa das mãos de um dos quintannistas)

Pégo na velha e linda capa de estudante,
E appar'cendo, afinal, ante vós, tal qual sou,
Sem aquelle ar galante e audaz de Cyrano,
Vou expôr-lhes, emfim, aquillo que os auctores
Me mandaram dizer, — Senhoras e Senhores.

Da legendária terra que o Mondego banha
Numa clara tristeza e numa graça extranha,
Terra que todos vós de nome conheceis,
E' d'essa terra que nós todos—bachareis! —
Vimos fallar-vos nesta noite de alegria.
Numa doce visão tranquilla e fugidia
O vosso olhar vae ver a heroica e antiga terra
Que tanta dôr e amor, tanta legenda encerra!...
Terra de Ignez de Castro, a misera e mesquinha,
Terra da que foi Santa e foi tambem Rainha!...
Terra de campos tristes, verdes salgueiraes
Debruçados num Rio que vae correndo aos ais,
Mondego de Camões, das doiradas areias,
De choupos e luar, de torres e sereias!
Terra onde é mais azul e mais macio o luar,
Terra de raparigas lindas de encantar!
Velho burgo onde as banzas gemem suas queixas,
Onde á noite, pelo ar, choram tristes endeixas!...
Terra onde a saúdade é sempre viva e accêsa,
Terra aonde é mais doce e mais triste a tristeza
E mais amargas e profundas são as dôres...
Terra do fado, de poetas e de amores!...

Se tudo isto é Coimbra, alguma coisa ha ainda
Que não é nada, crêde, mesmo nada linda!
São as sebentas infindaveis, pavorosas,
Terriveis, sem syntaxe, e sujas, mal cheirosas,
Enormes e brutaes, occas, cretinisantes,
Matando diariamente mil almas de estudantes!...
São as dissertações,—longas parlapatices,
Sublime collecção de asneiras e tolices!...
São as colicas doidas, ferozes e mortaes,
Que nos deixam de cama um mez, ás vezes mais,
Doentes, em dieta, a caldos de gallinha,
No terror da licção, com calafrios na espinha!
E' a individualidade a que se chama *urso*,
A nata, a gemma, a flor dos rapazes d'um curso...
Extranho de ser de aspecto grave e sublimado
Sob a sciencia de oitenta expositores vergado
De direito administrativo e social,
Financeiro, romano, civil e penal...
Profundo abysmo de loquaz philosophia,
De ethica, de moral e de anthropologia!...
Finalmente, os credores,—a praga mais damnada
Que Jehovah concebeu numa hora excommungada!
Os de Coimbra, então, são os peores de todos:
São como os cães damnados, esfomeados, doudos!
Tiveram por avós, num seculo passado,
Uma leôa ou panthera e um velho cão damnado!

Mas nesta noite tudo havemos de esquecer!
Que ella seja p'ra nós do mais cruel prazer!

Corra o Champagne numa enorme onda espumante,
No eterno adeus á capa negra de estudante!
Afoguemos em riso a morta mocidade,
Afogando no peito os gritos da saudade,
Pois é da mocidade, hoje aqui sepultada,
Que vos vimos trazer a ultima gargalhada,
A' dos vinte annos gargalhada derradeira!
Quando, amanhan, da Vida a porta traiçoeira
Se abrir, de par em par, com um fragor medonho,
Guardaremos d'aqui o doce e claro sonho
Da noite em que enterrámos, entre dores e risos,
Cinco annos de vida em gargalhada e guizos,
(Coveiros de nós mesmos, a rir e a chorar,
Na bocca uma canção e lagrimas no olhar...)
D'esta noite de festa, alegre e fugidia,
Que é para vós, senhores, noite de alegria,

(Voltando-se para os quintannistas :)

Que é para nós, amigos, noite de saudade!
Requiescat in pace,—morta mocidade!

E agora, mil perdões pela longa massada,
Senhoras e Senhores.—Vá, maestro, a ballada.

Recua com duas mesuras. Os quintannistas começam a cantar a ballada de despedida, no fim da qual cae o panno.

Filho do Alvis autorisa

1914

PRIMEIRO ACTO

Num quarto classico de **republica**, *desconfortavel e sem luxo. Enfeitando as paredes, mocas e palmatorias, paginas d'* **A Parodia** *e do* **Supplemento do Seculo**, *collecções de photographias e de bilhetes postaes illustrados. Á D. baixa secretaria e cadeira de braços. Á E. alta uma cama de ferro, banca de cabeceira e lavatorio. Ao F. um armario pequeno e junto d'elle, uma arca de madeira. Ao centro uma mesa grande. Janella á D. alta. Portas ao F. e á E. baixa.*

PRIMEIRO ACTO

Quando o panno sobe, alguns rapazes, agrupados em volta da meza grande, jogam a batota. Correia da Fonseca, director da republica, dorme deitado na cama.

CORREIA, *acordando e espreguiçando-se:*

Que horas são?

SEIXAS VIDAL, *banqueiro, á meza do jogo:*

Dama é porta.

VASCO VALENTE, *com um murro na meza:*

Excommungada sorte!

CORREIA

Então!

SANDE E CASTRO, *voltando-se para* CORREIA:

Vae alta a lua na mansão di a morte...

VIDAL

Ao mico.

SANDE E CASTRO, *continuando:*

... e já seis horas com vagar soaram!

ARMANDO MARINHO, *a* VIDAL:

Dobra!

CORREIA, *sentando-se na cama:*

Da semana seis dias já passaram!
Hoje é sabbado, é vespera de feriado,
E ás seis horas da tarde ainda aqui deitado
Sem um tostão, um só, no bolso, por meu mal!

Mettendo as mãos nos bolsos do collete:

Um tostão?... Cinco reis! Nem sequer um real!
Isto é de endoidecer!

Fica a pensar, muito triste...

VIDAL, *levantando o baralho de cima da meza:*

Jógo.

Pausa. Tira cartas do baralho. Parando:

Conde de espadas.

VASCO

Estão doidas as cartas!

SANDE E CASTRO

Furiosas!

ARMANDO MARINHO

Damnadas!

CORREIA, *sentando-se na cama:*

Como resolver isto?!

VIDAL, *fazendo pagamentos:*

Á cruz quatro vintens!

VALENTIM, *batendo na meza:*

Aqui.

VIDAL

Dez reis ao salto!

ALBERTO MARQUES, *idem:*

Aqui.

SANDE E CASTRO, *para* MARQUES:

Mil parabens!

VIDAL

Trez vintens confecciono *ao mico* do valete...
Trez vezes trez são nove; *á porta*... são só sete!

CORREIA, *levantando-se da cama:*

Como sair d'aqui?

VASCO, *estendendo dinheiro :*

De salto aos pés da dama !

MARQUES, *exageradamente comico, para* VASCO :

Ai já minha alma toda em palpites se inflamma!

SANDE E CASTRO

Põe estes tres vintens de dama contra quina.

VALENTIM, *para* SANDE E CASTRO:

Se acértas o palpite...

SANDE E CASTRO

Ai, pae do ceu, que mina !

VIDAL

Vou jogar.

MARQUES

Alto lá. Suspenda e calle o bico.
Ponha ahi nessa quina este vintem de *mico*
E um pataco *de salto*, alem, no az de paus!

MARINHO

Has-de ir longe, menino!

CORREIA, *que se approximou da meza do jogo :*

Os azes são tão maus!

VASCO, *de mãos postas em supplica:*

Ó sorte! Vê lá tu, por Deus, se me não poupas!
Faze que eu ganhe p'ra tirar do prego as roupas,
O relogio, um lençol, as botas e a cadeia!

VIDAL, *levantando-se e annunciando, grave, com o relogio na mão:*

Aviso: a brincadeira acaba ás seis e meia!

SANDE E CASTRO

Chamas-lhe brincadeira...

VALENTIM

Outros chamam batota!

CORREIA, *muito serio:*

Eu já ouvi dizer: puxar o... *coiso* á sóta,
Ouvi chamar-lhe *hypnose,* ouvi chamar-lhe *monte,*
Ouvi chamar...

VIDAL, *encavacado, querendo protestar:*

Porém...

SANDE E CASTRO, *num grito:*

Calle-se e não reponte!

CORREIA

Agora brincadeira... E' novo! Outro que emende!
É muito original, tem graça e não offende!

VIDAL

Perdão. Se por acaso ao referir-me á batota...

CORREIA, *interrompendo-o :*

Brincadeira! Perfeitamente. Tomei nota!

VIDAL

Sabes que mais? Cebola!

VASCO

Anda lá para a frente!

SANDE E CASTRO

Se o banqueiro se zanga—quem o paga é a gente!

MARINHO, *pondo dinheiro numa carta :*

Salva a porta.

VIDAL

Salvaste. Vou jogar.

(Tira cartas do baralho)

MARINHO, *n'um grito de alegria :*

Salvei !

SANDE E CASTRO, *debruçado sobre o banqueiro :*

Que vejo ? .. Uma figura !

MARQUES, *assustado :*

Ai o valéte !

VIDAL, *depois de tirar a carta, para* MARQUES *ironico :*

Um rei !

VASCO

Admitte um salto a credito ?

VIDAL

A missão dum banqueiro
Consiste em receber, pagar,— mas só dinheiro !

Muito devagar, tirando as cartas do baralho :

E assim, como estão vendo,–uma quadra innocente;
Idem—um duque;—um rei magnanimo e clemente;
Um terno d'oiros ; — outro rei que não faz mal ;
Sena de espadas . . .

TODOS, *assustadissimos, espreitando as cartas :*

O az ! . . .

VIDAL, *tirando a carta, cumprimentando e concluindo:*

E o pinhão foi geral!

VOZES

Não vale! É indecente! Preciso de dinheiro! Protesto! Reclamo! Ao saque! Ao saque!

MARINHO

Assim, pela violencia!

VOZES

A elle!

Ha lucta em cima da mesa pelo dinheiro.

VIDAL, *empurrando-os, defendendo o dinheiro:*

Arréda que é dinheiro! Quem perdeu, perdeu e quem não quer não joga!

VOZES

Larga! Larga! Aqui! Arreda! Retira!

CORREIA, *da porta:*

Eh lá! Pouco barulho que vou fazer as contas! *(Chamando para fóra:)* Senhora Maria, venha á falla!

Dirige-se para a secretaria e prepara-se para escrever, tirando um livro de uma gaveta. Os rapazes dispersam-se pelo quarto, satisfeitissimos, contando o dinheiro que extorquiram ao banqueiro.

VIDAL

Isto não é republica! E' o pinhal da Azambuja.

MARINHO

Ainda o dizes!

VIDAL

O «*ainda o dizes*» foi dez tostões que me roubaram!

SANDE E CASTRO

Não admittimos insinuações!

VIDAL, *dirigindo-se para a porta:*

Vão para o diabo que os carregue!

VASCO

Retiras-te indignado?

VIDAL

Indignado e roubado! Vivam! *(sae).*

VALENTIM

E nós ralados!

No entretanto a creada — MARIA, *tem entrado momentos antes e está de pé, junto da secretaria, dando a* CORREIA *o rol das compras do dia.* SANDE E CASTRO *e* MARINHO *ficam perto da secretaria, a assistir ao rol.* VASCO *estira-se na cama.* VALENTIM *lê o « Seculo ».* MARQUES *faz paciencias com as cartas.*

CORREIA

Calem-se lá que estou a fazer o rol. *(Para* MARIA:) Continue.

MARIA

Lenha, cinco reis.

CORREIA, *escrevendo:*

Cinco reis.

MARIA

Pimenta, dez reis.

CORREIA

Dez reis.

MARIA

Hortaliça, trinta e cinco.

CORREIA, *no auge do espanto:*

Trinta e cinco?!... Ó creatura, eu já não lhe disse cem vezes que cortasse com a hortaliça? Vocemecê não me dirá para que diabo serve a hortaliça?

MARIA

O senhor, é para adubar a comida!

CORREIA

Adubar?... Então vocemecê julga que nós somos terras para precisarmos de ser adubados?... Fique sabendo d'uma vez para todas: nunca mais se compra hortaliça nesta casa!

VALENTIM

Esta mania do verde! O tratamento herbaceo! Este vegetalismo!

MARINHO

E' claro! E' necessario cortar com despezas superfluas!

CORREIA

Ouviu? Vamos adeante.

MARIA

Arroz, um pataco.

CORREIA

Hum! Já cá faltava o arroz!

MARIA

Chá, meio tostão.

CORREIA, *admiradissimo :*

Chá? ! . . . Quem diabo toma chá aqui nesta casa?

MARIA

Quem? E' o senhor, são os senhores todos!

CORREIA

Nós?

MARIA

Não. Sou eu, talvez!

CORREIA

E' verdade; tem razão. Todos nós tomamos chá. Mas tomamo-lo porque vocemecê o põe na mesa!

MARIA

Então os senhores não haviam de tomar chá?

SANDE E CASTRO

E' claro que não! Quem tem sede bebe agua! Chá é agua!

CORREIA

Irra! Continue.

MARIA

Credo! Até parece que nem tomaram chá em creanças!

CORREIA

Deixe-se de tretas. Chá, meio tostão. Que mais?

MARIA

Pingue, quinze reis.

CORREIA, *espantadissimo:*

Pingue! Pingue!... Ouçam lá: algum de vocês bebe pingue?

VALENTIM

Quem, nós?

CORREIA

Mas então por onde é que se some este pingue, não me dirá?

MARIA

Ó senhor! Valha-me Deus! Como é que o senhor quer que eu cosinhe sem pingue?

CORREIA

Como é que quero? Hom'essa! Cosinhe com vinho, cosinhe com cousas que se bebam! Vocemecê já viu alguem beber pingue?... Ai não viu? Pois nem eu! Já lhe disse que só quero pôr aqui no rol cousas que se vejam na mesa, ouviu? O resto não pago.

MARIA

Ai tão bomsinho!

CORREIA

Tão bomsinho é isto que lhe digo! Faça-se fina e verá!

MARIA

Mas como é que eu hei-de então cosinhar

CORREIA

Cosinhe como quizer! E' bôa! Já lhe constou alguma vez que eu fosse cosinheiro?

MARIA

Mas...

CORREIA

Deixe-se de reflexões e vamos para deante. Pingue, quinze reis. Que mais?

MARIA

Batatas, um vintem.

CORREIA

E' todos os dias este pagode das batatas Adeante.

MARIA

Chouriço, vinte e cinco.

CORREIA

Vinte e cinco!... Toca a musica!

MARIA

Petroleo, dez reis.

MARINHO

Muito se estuda nesta casa!

MARIA

Carne de vacca, trez tostões.

CORREIA, *pulando na cadeira:*

O quê!... Trez tost... Quem foi que comeu trez tostões de carne?

MARIA

Eu é que não fui!

CORREIA

Ai então fomos nós, hein? E em quê, não me dirá? Ora sempre quero saber onde está toda essa carne!

MARIA

Olhe: está na sua barriga em *croquettes* e em assado.

CORREIA, *espantadissimo, batendo na barriga:*

Eu tenho aqui trez tostões de carne de vacca?

MARIA

Na sua e nas dos seus companheiros... Parece-lhe muito?

CORREIA

Parece muito, sim senhora, e parece sobre tudo muito tostão! Tanto mais que eu já estou farto de lhe dizer que nos dias em que ha peixe inutil comprar tambem carne!

SANDE E CASTRO

E' claro. Se nos deu peixe ao almoço, devia da-lo tambem ao jantar! Vejam lá que luxuria esta: carne e peixe no mesmo dia!

CORREIA

E' verdade! E quanto gastou vocemecê de peixe, diga lá! Sim, quanto é que gastou? Sempre tenho um certo empenho em saber!

MARIA

Quanto? Duzentos e quarenta!

CORREIA

Ainda o dizes! Duzentos e quarenta! Se lhe parece que é pouco!

MARINHO

Elle é gaz!

CORREIA

Com duzentos e quarenta compro eu um tubarão!

SANDE E CASTRO

Qual tubarão! Uma baleia!

MARQUES

Mas hoje não houve peixe ao jantar! Ou houve?

CORREIA

E' verdade! onde poz vocemecê o peixe?

MARIA

O' senhores! Os senhores fazem-me perder o juizo! Então não se lembram do que almoçaram! Não almoçaram peixe?

CORREIA, *berrando, excitadissimo :*

Mas deviamos ter almoçado carne! Mas queriamos ter almoçado carne desde o momento que o jantar havia de ser tambem de carne!

SANDE E CASTRO

Nos dias em que ha carne é inutil comprar tambem peixe!

MARIA

Ai que inferno este!

CORREIA

Não ha aqui infernos, nem meios infernos! O que ha é que você ha-de fazer o que a gente lhe mandar e mais nada, percebeu?

MARIA

Olhe, eu assim é que não posso! Se os senhores não estão satisfeitos, arranjem outra creada ou vão de cesto ás costas fazer as compras!

SANDE E CASTRO

Vocemecê reponta agora? Mas quem é que manda então aqui, diga lá! E' vocemecê, é o Correia, somos nós, ou quem diabo é? Sim, é preciso saber isto!

CORREIA, *conciliador:*

Deixa lá, deixa lá!

SANDE E CASTRO

E' todos os dias esta dança!

CORREIA

Ha mais alguma coisa?

MARIA

Pão, sete e meio.

CORREIA

Já estava espantado por não apparecer o pão! (*Imitando-a:*) Pão, sete e meio! D'aqui a pouco pomos uma padaria a trabalhar por nossa conta. Fica mais barato. Mais nada?

MARIA

Ha ainda o vinho.

CORREIA

Quanto?

MARIA, *com intenção:*

Oito tostões!

CORREIA

E que mais?

MARIA

Mais nada. Faz favor de botar a conta!

CORREIA

Lá vae. Espére. (*Faz as contas.*)

VALENTIM

Ouça cá. Não se esqueça de passar amanhan pela engomadeira e de lhe dizer que preciso sem falta de roupa. Já hoje tive de pedir umas ceroulas emprestadas!

MARQUES

Tambem se não ha-de esquecer de ir amanhan ao prego. Diga á D. Leonor que lá irei pagar os juros das camisas. Que não m'as vá vender, ouviu?

MARIA

Ouvi, sim senhor.

CORREIA, *acabando as contas:*

Prompto.

MARIA

Quanto é que deita?

CORREIA

Somma mil quatrocentos e noventa e cinco.

MARIA

Quanto é?

CORREIA

Quatorze tostões, mais quatro vintens, mais quinze reis.

MARIA

Quanto é que devo dar de troco?

CORREIA

Quanto é que lhe dei hontem?

MARIA

Quinze tostões mais um vintem.

CORREIA

Foi isso. Mil quinhentos e vinte. Tem a dar vinte e cinco de troco.

MARIA

Parece-me que é isso mesmo que tenho lá na cosinha. Eu vou buscar. (*Sae.*)

MARINHO, *a* CORREIA

Quanto é que sommava o rol?

CORREIA

Mil seiscentos e noventa e cinco.

MARINHO

Quanto é que tiraste?

CORREIA

Tirei dois tostões. Disse-lhe mil quatrocentos e noventa e cinco!

MARINHO

Não dará por falta de tanto?

CORREIA

Isso dá ella! Bem viste como disse logo que ainda tinham crescido vinte e cinco!

SANDE E CASTRO

Sempre se é menos roubado!

CORREIA, *para* MARIA *que entra:*

Então, quanto cresceu?

MARIA

Foi ao certo o que o senhor disse. Vinte e cinco!

CORREIA

Ainda o dizes!

MARINHO

E' phantastico!

MARIA

Aqui está o troco.

CORREIA

Pode ficar com elle. Compre um vestido!

MARIA

Muito obrigada. Quanto é que o senhor me dá então para a despeza de amanhan?

Movimento nos rapazes. Todos lhe voltam as costas. Pausa.

CORREIA, *muito ingenuo:*

O que foi que disse?

MARIA

Quanto é que o senhor me dá para a despeza de amanhã.

CORREIA

Ah!... Quanto é que lhe dou para a despeza de amanhan! Não tinha ouvido! Ouçam cá vocês: quanto é que se ha-de dar para a despeza de amanhan?... (*Silencio. Alguns rapazes assobiam...*) Então é forçoso dar dinheiro?

MARIA

Só se os senhores não quizerem comer!

CORREIA

Ora essa! Claro que queremos comer! Então a gente póde lá passar sem comer?

MARQUES

E' evidente!

MARIA

Os senhores lá é que sabem!

CORREIA

E' claro que sabemos!... Então não haviamos de saber, hein! Está visto que sabemos!... Sabemos muito bem! (*A Sande e Castro sem ser ouvido de Maria.*) E esta? .. E esta?...

SANDE E CASTRO

Aguenta-te! Inventa!

CORREIA, *depois de ter pensado um momento:*

Pois muito bem, senhora Maria! Amanhan de manhan chega-me ahi um valle de correio!... Enorme! *(Os rapazes fungam...)* Vae ser uma pandega nesta casa que nem vocemecê imagina!... Ha-de ver... Vinho do Porto, Champagne, peru, o diabo!... Por consequencia, a senhora Maria pede dinheiro emprestado para as compras de amanhan e eu quando me levantar vou trocar o valle e pago-lhe!

MARIA

Ai, isso é que não póde ser!

CORREIA

Ora deixe-se d'isso! Não póde ser!

SANDE E CASTRO

Que diabo! E' por uma questão de horas!

MARIA, *zangada:*

Não trato de saber! Não vou para a praça sem me darem o dinheiro!

CORREIA, *muito manso:*

Ó senhora Maria! Não vale a pena zangar-se! Que mania que vocemecê tem de se zangar por coisas que não valem nada!

MARIA

Não é zangar! E' que não saio d'aqui sem dinheiro para a praça!

MARQUES

Mas repare bem no desarranjo que isso nos faz! Tambem é preciso ver as coisas!

MARINHO

Que mal lhe faz pedir dez ou quinze tostões?

MARIA

Elle é o *pedes!* Bôa vae ella! E quem é que me paga?

CORREIA, *altivissimo:*

Ora essa! Quem paga? Sou eu, — é o vale que ha-de vir! *(Muito carinhoso:)* Ande, senhora Maria, não se faça má! Lembre-se de que a gente não almoça nem janta,— podemos até chegar a passar fome! Não tem remorsos?

SANDE E CASTRO, *com lagrymas na voz:*

Fome, senhora Maria! Sabe o que isso é?...

MARIA *a* CORREIA:

Mas o senhor dá-me o dinheiro amanhan mesmo, sem falta? E' preciso saber isso com certeza!

CORREIA

Ora essa! Tão certo como ter morrido o Pápa!

MARIA

Mas olhe que o Pápa levou muito tempo a morrer!...

CORREIA

Isso foi o Pápa! O vale é outra coisa! Não demora nada! E' amanhan, com certeza!

MARIA

Veja lá...

CORREIA

Está tudo visto!

MARIA

Bem... Então amanhan sem falta, hein?

CORREIA, *abraçando-a:*

Não ha creada como esta!

SANDE E CASTRO, *beijando-a:*

E' a rainha das creadas de Coimbra!

MARIA

Bem sei, bem sei! ... Tirem-se para lá! Não me attentem!

CORREIA

Isto vale quanto peza!

MARIA

Então já que não é preciso mais nada, Deus lhes dê muito boas tardes e até amanhan. Se precisarem de alguma coisa chamem, que eu ainda vou arrumar a cosinha!

CORREIA

Adeus, Rainha dos desamparados!

MARINHO

Protectora dos desprotegidos!

MARQUES

Consolo dos depennados!

MARIA, *da porta*

Os senhores sempre teem uma treta!... (*Sae.*)

VOZES

Boa tarde! Até amanhan!

CORREIA

Rouba muito, mas é boa creada! Não ha nega-lo.

SANDE E CASTRO

Esta lebre está corrida. Resta agora correr a outra, a mais importante!

VALENTIM

Qual?

SANDE E CASTRO

A da ceia!

CORREIA

Hum! Parece-me que temos de desistir d'isso hoje!

MARINHO

Então havemos de passar em casa toda a noite?

SANDE E CASTRO

E depois? Que diabo queres tu que a gente faça com dez tostões?

MARQUES

Joguemos a bisca em familia! E' divertimento innocente, barato e approvado pela Igreja e pelos compendios da moral!

MARINHO

Que raiva!

VALENTIM

Caramba! E não haver meio de operar umas corôas!... Assim nem sabe uma vespera de feriado!

MARQUES

E lembrar-se a gente de que ha tanto bago espalhado por esse mundo, tanto animal rico!...

MARINHO

Ouçam lá: e se a gente escrevesse uma carta a um d'esses gajos americanos da massa!

VALENTIM

E' verdade! Talvez caisse! Quem sabe?

MARINHO

Vamos experimentar?

PAD-ZÉ, *apparecendo á porta, aos berros:*

Viva a inconsolavel viuva do Padre Antonio Vieira!

VOZES

Oh Pad-Zé!

PAD-ZÉ

Viva a revolução social! Viva a memoria de Voltaire!

(Gargalhadas. Cumprimentos. Replicas facultativas...)

CORREIA

Sê bem vindo com a tua alegria

SANDE E CASTRO

Então que vento te traz por cá?

MARINHO

Vens optimo!

PAD-ZÉ

Optimo, optimo!! E vocês que tal?

CORREIA

Pessimo!

PAD-ZÉ

O' diabo! Então?...

SANDE E CASTRO

Sim, á brocha... atrapalhados com uns unicos e miseros dez tostões para produzir logo a ceia!

PAD-ZÉ

E depois ?

SANDE E CASTRO

E depois estavamos a ver que não ha forma!

PAD-ZÉ

Com que então não ha forma, hein? E' phantastico como vocês chegaram ao quinto anno nessa ignorancia!... Aposto que são capazes de saber alguma coisa d'essas que se ensinam nas aulas!... Vocês são extraordinarios!... Que consideração lhes merece Sua Magestade o Dinheiro!...

SANDE E CASTRO

Se te parece que vale pouco!...

CORREIA

Sim... Elle é barro!

PAD-ZÉ, *muito convencido :*

E' barro, é, sim senhor!... E' ainda menos do que barro... E' pó!... E' fumo!... E eu que diga como é que elle se fuma!... Mas como vocês se preoccupam com isso!...

MARINHO

Não é preoccupação, — é necessidade!

PAD-ZÉ

Ora deixa-te d'isso! Qual necessidade, nem meia necessidade!... Tudo isso é treta! Vive-se sem dinheiro da mesma forma que se é bacharel sem estudar! E' deixar correr! As cousas são como são, hão-de ser como tiverem de ser — e nós somos idiotas e perdemos o nosso tempo se quizermos modifica-las!... Estou hoje philosopho como burro!... *(Dirigindo-se a Valentim)* Ora vamos lá a fumar, han?

VALENTIM, *dando-lhe um cigarro:*

E dize lá, ó Pad-Zé: tencionas depois dirigir-te por esses principios tão... tão substanciosos?...

PAD-ZÉ, *accendendo o cigarro:*

Chama-lhes nomes que elles não se offendem!

VALENTIM

Tencionas?

PAD-ZÉ

E porque não?

VALENTIM

Porque não?

PAD-ZÉ

Sim... Pois vocês comprehendem cousa melhor do que o desapêgo ao dinheiro, do que a

bella despreoccupação do dia de amanhan?... Para que ha-de a gente preoccupar-se e ralar-se?... Se o fizermos, rapazes, nem as proprias horas alegres nos darão toda a sua alegria!

VALENTIM

Has-de ir longe com essa theoria.

PAD-ZÉ

Longe ou perto, — que me importa!... O que eu quero, o essencial é viver, viver a vida tal como ella deve ser na minha edade, — viver a *minha* vida, os meus vinte annos!... Experimentar tudo, gosando ou soffrendo, — vivendo! — Poder abrir hoje dez garrafas de Champagne, numa ceia colossal e ruidosa, vendo em volta de mim meia duzia de caras amigas, — e acordar no dia seguinte sem dez reis no bolso para almoçar...! Passar fome, então, e ter muitas vezes de mata-la com a lembrança da ceia da vespera, o que, assegurovos, não é tão mau nem tão pouco como pode parecer á primeira vista!... — Depois, outro dia, ao ver alguem atrapalhado ou com fome, saber fazer de cara alegre o sacrificio da propria camisa para sentir a ineffavel alegria de ter proporcionado um momento de felicidade, de ter visto dois olhos agradecidos, — ainda que essa alegria tenha sido muitas vezes comprada com o sacrificio do

nosso bem-estar e da nossa commodidade!... — Dormir hoje numa cama molle e bem feita, ao carinhoso e raro abrigo de quatro paredes — e vendê-la sem hesitar amanhan porque um prazer nos apeteceu realisar ou porque um amigo precisou de dois mil reis, — embora tenhamos depois de dormir numa cadeira dura e incommoda, embrulhados na capa, a tiritar com frio, ou mesmo ao ar livre, em cima d'um banco, sob o vasto e explendido tecto do ceu e das estrellas!...

VALENTIM, *ironico:*

Deve ser bello, isso!...

PAD-ZÉ

Ah! mais bello de certo do que julgas, meu amigo! Porque se acontece por acaso o corpo queixar-se; a consciencia — essa está sempre alegre, rejubila sempre, na doce convicção da lealdade e da independencia, — as duas grandes estrellas da mocidade!... Emfim, meus amigos, aspirar a plenos pulmões o ar puro d'essa mocidade, ao calor do bello sol dos vinte annos! Saber cantar, saber dar uma gargalhada e, sendo preciso, — saber chorar!... Viver sem cuidados, sem calculos, melhor ou peor, conforme calhar!

VALENTIM

Em summa, a vid'airada!

PAD-ZÉ, *enthusiasmando-se :*

Sim, a vid'airada, sumptuosa e miseravel, sem o *hoje* e sem o *amanhan,* sem rei nem roque, sem temer...

MARINHO, *interrompendo-o :*

Nem dever, Pad-Zé ?

PAD-ZÉ, *sem se desmanchar :*

Isso é outra coisa !

CORREIA

Pois sim... Tudo isso será muito bonito e sobretudo muito agradavel. Nunca experimentei, não tenho mesmo um especial empenho em experimentar, mas não quero po-lo em duvida ! Cada qual come do que gosta e os gostos não se discutem !

PAD-ZÉ

Estás a ver !

CORREIA

Mas o que eu quero que me digas é onde havemos nós de ir buscar dinheiro para a ceia, logo !

PAD-ZÉ

O' diabo ! O *krach* foi então completo ?

CORREIA

Ainda o dizes! De caixão!

PAD-ZÉ

Pois isso arranja-se... arranja-se...

MARINHO

Isso arranja elle... Como?

PAD-ZÉ

Não sei, mas é uma questão de tempo... Porque lá o arranjar, arranja-se! O que é necessario é pensar, fixar os complexos tramites da operação, como diria um urso... E isso não é difficil... Tenham vocês a certeza de que pode custar operar massa para um almoço ou para um jantar; para uma ceia arranja-se sempre! Não ha memoria de ter falhado!

SANDE E CASTRO

Essa agora!

PAD-ZÉ

Podes estar certo e eu te explico porquê... *(Senta-se á secretaria, tosse e muito grave, com o ar de quem prelecciona:)* Ha duas especies de refeições: refeições accidentaes ou secundarias, mais vulgarmente conhecidas por almoço e jantar,— e refeições es-

senciaes ou primarias, cujo typo fundamental é a ceia,— a ceia de Coimbra com bacalhau, iscas, peixe frito, bifes com batatas e vinho! As primeiras, as accidentaes, o almoço e o jantar, são filhas do acaso e da maior ou menor prosperidade das bolsas. Adquirem um certo caracter de permanencia e de estabilidade nos primeiros dias do mez... As segundas, as essenciaes, synthetisadas na ceia,— typo fundamental, correspondem a uma necessidade concreta do organismo physico e podem-se considerar, por assim dizer, como a base... não digo bem... como a móla... ainda não é o termo! (Como diabo se poderão considerar?... Ah!...) e podem-se considerar como a alavanca estatica (é o termo: a alavanca estatica! Sôa bem!), como alavanca estatica de toda a vida psychica e psychologica do complexo organismo craneano, séde da força directriz do movimento evolutivo das cellulas geradoras da energia cosmica e pântagruelica!

MARINHO, *interrompendo em voz e gesto d'urso*:

Mas V. Ex.ª dá-me licença...

PAD-ZÉ

Deixe-me acabar!

MARINHO

Mas perdão...

PAD-ZÉ

Dê-me licença... Ha ainda uma terceira especie de refeições não admittidas nem reduzidas a corpo de doutrina pelos mais eminentes tratadistas do instituto da Comilança ou da Barriga! E' o chá com torradas e bolos, ás dez horas, em familia e em chinellos, em companhia das primas,— refeição que na evolução scientifica nos apparece nos tempos patriarchaes da mais remota antiguidade pre-historica... E o *five-o'-clock-chá,* mais vulgarmente conhecido em Coimbra por *five-o'-clock-vinho*, que representa o momento psychologico ou, se assim me é licito exprimir, o momento alcoolico da evolução liquida, como diz o fallecido e chorado Spencer, que Deus haja!... Posta a questão n'estes termos, estabelecidas estas premissas, filhas de um eclectismo prudente e seguro, facil nos será ennunciar as respectivas conclusões logicas, que se podem concretisar numa só, — synthese de todo o raciocinio gastronomico:— A ceia é o acto essencial, inadiavel, e imprescindivel da vida humana, em virtude do qual o organismo socratico — physico — visceral, recebidas as cellulas geradoras da vida, as transmitte por sua vez ao organismo neo — platonico — psychico — craneano, afim de que a energia animal seja sempre conservada em toda a sua estabilidade hegemonica e dynamica. Essa conservação ob-

tem-se por meio de uma constante introducção na região boccal de substancias solidas — e sobre tudo liquidas. Tenho dito.

(Salva de palmas. Apoiados. Gargalhadas. Cumprimentos)

CORREIA

Mas com toda essa laracha ainda não nos disseste onde é que havemos de ir buscar o dinheiro para a ceia!

PAD-ZÉ, *profundamente admirado:*

Ora essa! Não disse?

CORREIA

Não ouvi!

PAD-ZÉ

E' espantosa a força de logica que é preciso desenvolver para convencer vocês! Caramba! Parece que não viveis ha cinco annos em Coimbra!

CORREIA

Então, fazes favor, repete.

PAD-ZÉ

Homem, escuta-me bem. Nós já assentámos neste principio irrefutavel: almoçar e jantar,

quando calhar. Vae em forma de proverbio. São luxos que se dispensam facilmente. Agora quanto á ceia: — a gente tem ou não tem fatalmente de cear?

CORREIA, *estranhando o adverbio*

Fatalmente?

PAD-ZÉ

Fatalmente, inadiavelmente, im-pre-te-ri-vel-men-te!

MARINHO

Indubitavelmente!

CORREIA

E' claro que tem. Mas não é mais escuro que tem tambem fatalmente de arranjar dinheiro para a ceia!

PAD-ZÉ

Isso virgula! Lá a questão do dinheiro é secundaria! Portanto, se ha dinheiro—ceia-se e paga-se a ceia; se não ha dinheiro — ceia-se e não se paga a ceia! Recurso ao credito!

MARINHO

Incondicionalmente de accordo!

PAD-ZÉ, *a* MARINHO :

Dá cá essa mão honrada! E's dos meus! Ainda te hei-de ver presidente da Liga Nacional contra a Temperança!

MARINHO

Não. Prefiro a presidencia da Companhia Vinicola... Tenho a bebida de casa!

PAD-ZÉ, *para* CORREIA :

Bem... Então está resolvido, não é verdade?

CORREIA

Seja assim .. Recurso ao credito! E com os dez tostões da batota sempre se ha-de conseguir manipular a coisa!

PAD-ZÉ

Não contando com o prego, a santa instituição do penhor a oitenta por cento, garantidos pelos quatro poderes do Estado, pelos codigos e pela Carta Constitucional!

CORREIA

Fallas bem; mas já não ha que pôr lá!...

PAD-ZÉ, *lançando os olhos pelo quarto*:

Ora essa! Não ha? *(Indo á cama e arrancando a colcha que passa a um dos rapazes:)* Mas então que inaudita infamia é esta de possuir uma colcha na cama quando não ha dinheiro para a ceia?... *(Espreitando para debaixo da cama:)* Que attentado sem nome é este de possuir umas botas nos pés e um par de reserva debaixo da cama?... Quando foi que um estudante commetteu a pulhice de possuir outras botas alem das que tem nos pés?... *(Para* CORREIA, *gesticulando violentamente com uma bota em cada mão:)* Foram esses os exemplos de economia, de brio e de pundonor que lhe legaram seus avós?... Responda, senhor!... O seu silencio é profundamente significativo!... E quantos cobertores, quantos? *(Examina:)* Dous! Dous cobertores!!... O' biltre! O' canalha! Pois tu possues dous cobertores?... O' austeridade evangelica que tão esquecida vaes! *(Tirando um cobertor da cama:)* Arranquemos este cobertor, limpando assim esta mancha vergonhosa da tua vida... e da tua cama! Sempre dá uma corôa!

CORREIA

Fico com a cama bonita, não ha duvida!

PAD-ZÉ

Fica optima, toleirão! *(Roçando a cara pelo cobertor,*

enternecido:) Ah! que suave... que macio... que bom que é!... Que saudades!

CORREIA

Saudades?... De quê?

PAD-ZÉ, *muito triste*

Pois de que ha-de ser?... D'este requinte de civilisação e de luxo, d'um celebre cobertor que já tive, — porque eu já me dei tambem o luxo oriental de possuir um cobertor cuja memoria se perde na noite dos tempos! O' bohemia!

MARINHO

Então onde tens tu dormido?

PAD-ZÉ

Quem, eu?... (*Encolhendo os hombros e deixando cahir o cobertor aos pés*:) Nem eu sei! — Em Coimbra!

CORREIA

Não ha nega-lo que é uma residencia muito vaga!

PAD-ZÉ

E' vaga, é... E sobre tudo incerta!... Ora nesta republica... ora naquella... ora num banco...

MARQUES, *continuando*

Ora na esquadra !...

PAD-ZÉ, *olhando o camarote do commissario de policia*:

Ainda o dizes!... (*Concluindo*:) Ora não durmo!...

MARINHO

Oh que horror!

PAD-ZÉ

Ah! não... enganas-te! Tem a sua belleza essa vida! O bom ar que se respira sempre, que alarga o peito e desenvolve os musculos e depois as madrugadas vistas do Penedo da Saudade... o sol a surgir... muito longe... por detrás das serras! E' bonito!

SANDE E CASTRO

Será, mas não compensa!

PAD-ZÉ, *numa reverencia*:

Opiniões... Além de que, meus amigos, a grande vantagem está na impossibilidade em que se veem para me encontrar os meus respeitaveis credores! — Ah! não lhes é facil dar comigo!...

MARIA, *entrando, para* CORREIA :

Senhor doutor .. Está alli fóra o senhor Pantaleão da mercearia que quer fallar a V. Ex.ª.

CORREIA

Tramado! Era o que me faltava!

PAD-ZÉ, *muito intencional :*

Inconvenientes de ter residencia certa e conhecida!...

CORREIA

Oh que grande espiga!

MARINHO

Mas isto é uma infamia! Toca as raias da perseguição!...

MARQUES

Nem sequer nos deixam gozar as doçuras da vespera de feriado!

PAD-ZÉ, *a* CORREIA :

Olha... Esse tambem é meu credor!... Vê lá se é capaz de dar comigo!... Só aqui, por acaso, em casa de outro...

MARIA

Diz que é a decima vez que cá vem e que não se vae embora sem fallar com V. Ex.ª.

CORREIA

Diga-lhe que não estou em casa!

PAD-ZÉ, *atalhando-o, rapido:*

Não diga tal! — Um credor é uma pessoa a quem somos devedores da maxima consideração!

MARQUES

Que theoria tão exquisita!

PAD-ZÉ

Não é exquisitice nenhuma; é o conhecimento dos homens, a pratica de muitos annos... (*Para Maria*) Mande entrar.

MARIA, *sae.*

CORREIA

Mas que diabo lhe hei-de eu dizer?

PAD-ZÉ

Não digas nada, — ou antes, dize-lhe que vaes

pagar. Falla de alto... canta-lhe grosso — e deixa o resto por minha conta!

CORREIA

Mas se tu tambem lhe deves...

PAD-ZÉ

Que importa isso?... Um dia, — num futuro ainda muito incerto, pagar-lhe-hei. E agora ouve... Sê altivo — mas tratando-o sempre nas palminhas das mãos. Muita labia e promessa de pagamento... Muitas promessas... Desfaze-te em promessas... Sê tu mesmo uma promessa!... Em sendo altura eu intervirei. (*Para os outros rapazes:*) E vocês tratem de lhe fazer o melhor acolhimento possivel! Entendido, hein?... — Ah Murger! Murger! Faze descer sobre mim um raio da tua inspiração!... Musas da Bohemia, vinde em meu auxilio!...

Todos os rapazes, correndo para a porta onde fazem duas alas, entoam um coro de saudação, muito comico. Com esse coro recebem PANTALEÃO *que entra a sorrir, muito affavel, cumprimentando para ambos os lados.* PAD-ZÉ *senta-se numa cadeira, á D. baixa, a ler um jornal, de frente para o publico e de perfil para o credor. Durante o dialogo que segue olha frequentes vezes de esguelha para* PANTALEÃO. *Este, sentado á E. baixa, occupado em fallar com* CORREIA, *não dá pela presença de* PAD-ZÉ. CORREIA *falla com* PANTALEÃO *de pé, junto d'elle, lançando de vez em quando a* PAD-ZÉ *um olhar implo-*

rativo de socorro. Os outros rapazes estão dispersos pela scena espreitando maliciosamente o que se passa e fungando repetidas vezes.

PANTALEÃO, *logo que o coro termina, levantando-se :*

Muito obrigado! Muito obrigado por tudo! (*Para* CORREIA:) Eu desejava-lhe uma palavrinha em particular...

CORREIA

Ora essa! Aqui mesmo! Tudo isto aqui é particular!... Mas sente-se, sente-se ..

PANTALEÃO, *sentando-se:*

Pois como deve suppor, eu vinha cá por causa da contasinha lá da mercearia... Olhe que não venho por minha vontade... Necessidades, senhor doutor, necessidades!... Uma lettra ..

CORREIA, *interrompendo-o, muito serio:*

Perfeitamente, senhor Pantaleão, eu sei o que são lettras! Necessidades, meu caro senhor, necessidades!

PANTALEÃO

Ora ainda bem que tambem sabe o que são necessidades!... Pois eu estou num momento de necessidade!... Uma lettra que se me vence...

CORREIA

Oh, de certo!... Com effeito, uma lettra a vencer é tudo o que ha de mais necessidade!

PANTALEÃO

Ora ainda bem que me dá razão!

CORREIA

Toda a razão!

PAD-ZÉ, *á parte:*

Isso, isso! Dá-lhe razão já que não lhe dás dinheiro!

PANTALEÃO

Pois a necessidade obriga-me. Estamos em março e ha sete mezes que V. Ex.ª se não digna...

CORREIA, *para* PAD-ZÉ *que ha momentos lhe falla por gestos:*

Hein?

PANTALEÃO, *extranhando a interrupção:*

Como?...

PANTALEÃO *volta-se para a E., onde estava* CORREIA, *e apanha-o a gesticular para* PAD-ZÉ. *Voltando-se para a D. vê finalmente* PAD-ZÉ *do outro lado da scena, muito serio, a ler. Grande silencio...* PANTALEÃO *levanta-se e dirige-se devagar para* PAD-ZÉ

soltando um Oh!... *de espanto e de alegria. Quando já está perto,* PAD-ZÉ *volta-se, vê-o e fita-o por cima dos oculos, interrogadoramente... Durante um momento ficam ambos em frente um do outro, callados, muito serios, aos cumprimentos,—*PAD-ZÉ *semi-levantado da cadeira, com o jornal na mão...*

PANTALEÃO

V. Ex.ª não me conhece?...

PAD-ZÉ, *muito ingenuo:...*

Não me recordo... não tenho a honra...

PANTALEÃO

Está a brincar...

PAD-ZÉ, *idem:*

Não... por mais esforços que faça...

PANTALEÃO

Veja lá... O Pantaleão... o Pantaleão da mercearia...

PAD-ZÉ, *num grito:*

Ah!... Agora me recordo!... O senhor Pantaleão!... Que desgraçada memoria a minha!... Pois não me lembro! Como está V. Ex.ª? Todos os seus, bem?... Mas que agradavel surpreza!

Ora, na verdade, quem me havia de dizer! Eu estava mais longe... Mas então como tem passado?... Ha tanto tempo que o não via... E de pé... de pé... Sente-se, senhor Pantaleão!... Então por quem é... Não faça cerimonia...

CORREIA

V. Ex.ª está em sua casa...

PANTALEÃO, *sentando-se:*

Muito obrigado, muito obrigado! (*A' parte:*) O que quererá dizer isto...

PAD-ZÉ

Deixe-me vêr o seu chapeu... Então, não faça cerimonia .. Eu não caibo em mim de surpreza! Quem me havia de dizer hoje de manhan, ao acordar, que o dia me reservava uma surpreza tão agradavel!... (*Batendo-lhe num hombro:*) E gordo... e forte... e saudavel!

MARINHO, *batendo-lhe no outro hombro:*

Que belleza de homem!. .

PAD-ZÉ

Que fibra, hein?... Isto é que é um homem ás direitas! Na verdade!...

PANTALEÃO, *ironico:*

V. Ex.ª então gostou muito de me encontrar?

PAD-ZÉ

Se lhe parece!... Toca as raias do infinito o numero de vezes que tenho ido á sua loja para lhe fallar! Mas é sina minha,— encontro sempre o caixeiro... V. Ex.ª nunca está!

PANTALEÃO, *ingenuo:*

O caixeiro não me disse nada!...

PAD-ZÉ

Ah, não lhe disse? Naturalmente foi porque se esqueceu! Não admira... Eu comprehendo perfeitamente esse esquecimento... (*A um gesto de* PANTALEÃO:) Oh! Não me diga que não! Comprehendo e calculo bem a enorme responsabilidade, os enormes encargos e afazeres d'um caixeiro de mercearia! Deve ser horrivel!... (PANTALEÃO *abana-se com o lenço...*) V. Ex.ª está com calor?... Marques, depressa, um copo de vinho para o senhor Pantaleão!... (*A outro gesto de Pantaleão:*) Esteja descançado, não lhe faz mal... E' apenas para refrescar... Pois eu, como lhe disse, tenho ido lá varias vezes á loja... Sim, por causa d'aquella contita que lá tenho...

PANTALEÃO

Contita?...

PAD-ZÉ

Sim... Uma porcariasita insignificante... Cinco mil reis, creio eu, não?

PANTALEÃO

Cinco?... Quinze, meu caro senhor!... Quinze mil seiscentos e trinta e cinco!...

PAD-ZÉ

Ou isso. Sejam quinze mil seiscentos e trinta e cinco! Quinze ou cinco,—que importa? E' tudo a mesma miseria!... (*Indicando-lhe o copo que* MARQUES *acaba de trazer.*) Beba-lhe... beba-lhe bem!

PANTALEÃO, *depois de ter bebido*:

Boa pinga, sim senhor!

PAD-ZÉ

Optima... (*Confidencial:*) E' da lavra aqui do nosso commum amigo Correia da Fonseca, o mais rico proprietario de vinhos no Douro... Marques, traze outro copo... Anda rapido... Traze dous...

PANTALEÃO

Mas não se incommodem... não se incommodem!... (*A' parte:*) Que amaveis! que amaveis!

PAD-ZÉ

Ora essa! Não é incommodo nenhum! Nós apenas queremos o bem-estar de V. Ex.ª!

CORREIA

Sim... Nós apenas pretendemos ser agradaveis a V. Ex.ª! E creia V. Ex.ª que no dia em que tivermos a certeza de que lhe fomos agradaveis,—esse dia será com lettras d'ouro inscripto nos fastos da nossa vida!...

PANTALEÃO

Ah sim?... Elle é isso?... Pois então não é preciso ir muito longe nem esperar muito... VV. Ex.ªs fazem-me o favor, reembolsam-me dos seus debitos?

PAD-ZÉ, *atalhando-o e entregando-lhe um dos copos que* MARQUES *acaba de trazer*

Eis o copo... Carregue-lhe mais... Este é para mim! (*Bebem ambos...*) Senhor Pantaleão: V. Ex.ª acaba de interpretar subrepticiamente o im-

pensado offerecimento do meu amigo Correia... Porém, nós, em vez de nos melindrarmos com a sua insinuação subrepticia...

PANTALEÃO

Subrepticia?...

PAD-ZÉ, *energico*

Subrepticia, repito,—longe de nos melindrarmos com ella preferimos observar-lhe delicadamente que V. Ex.ª está fazendo uso d'uma linguagem impropria d'um cavalheiro!

PANTALEÃO

O que é improprio... o que é indecente — é não me pagarem! (*Bebe o resto do copo...*)

CORREIA

Lá volta o senhor com a insinuação subrepticia!...

PAD-ZÉ, *muito sério*

Eu devo dizer-lhe, senhor Pantaleão, visto que V. Ex.ª parece ignora-lo, que V. Ex.ª está no meio de rapazes para quem uma divida é um compromisso sagrado!... Todos estes que aqui vê são rapazes de craneo e de futuro, tendo deante de si um largo horizonte de ideaes e de

esperanças! (*Noutro tom, interrompendo-se*) Marques, vae buscar outro copo!... Amanhan, formados, occuparão as cadeiras do Parlamento. Se quizerem poderão votar leis e impostos que reduzirão o senhor á miseria... (PANTALEÃO *dá um salto na cadeira...*) Sim... á miseria andrajosa e repelente!... Alguns serão ministros, presidentes do conselho, reis, imperadores,—quem sabe? E lembre-se o senhor da posição terrivel em que fica perante elles se ousar neste momento lançar a menor mancha na sua dignidade!... (*Pegando numa cadeira e erguendo-a sobre* PANTALEÃO) Trema, senhor Pantaleão, perante o horror d'esse momento futuro!

PANTALEÃO, *já com visos de bebedeira, levantando-se, recuando e indo cair noutra cadeira:*

Ai tremo... tremo... E quem ha-de ser, quem ha-de ser o imperador?... (*Pega no copo que* MARQUES *lhe estende e bebe...*)

PAD-ZÉ

Não se trata aqui de saber qual ha de ser o imperador! Talvez eu... talvez outro... Eu ou outro — o que tem isso para o caso?... O que é essencial é o facto em si e as consequencias que d'elle podem resultar e que são para dar agua pela barba ainda ao mais pintado!

PANTALEÃO, *fallando a custo :*

Mas então vamos lá a pôr a limpo este negocio... Até quando querem os senhores que eu espere ?

PAD-ZÉ, *atalhando-o rapidamente :*

Marques, outro copo !

PANTALEÃO, *protestando :*

Não .. Não...

PAD-ZÉ

Perdão, senhor Pantaleão, será o ultimo. Eu sei que o senhor é apreciador e dou-lhe os meus parabens ! (PANTALEÃO *ri-se alvarmente. Mostrando-lhe o copo que* MARQUES *traz :*) Ei-lo ahi está, vermelho e tentador, capaz de fazer pecar um santo !...

PANTALEÃO, *pegando no copo :*

Mas digam com franqueza... Quanto tempo querem os senhores que eu espére ainda ? (*Bebe.*)

PAD-ZÉ

A' sua pergunta, senhor Pantaleão, a resposta afigura-se-me de uma rára facilidade... Quando Deus prometteu á humanidade a vinda d'um Messias, fê-la esperar quatro mil annos por elle...

Quatro mil annos, meu caro senhor... Não lhe digo mais nada... Quatro mil annos!... Ha-de concordar que já é um praso consideravel...

CORREIA

Ainda o dizes!

PAD-ZÉ

Muito bem. E a humanidade esperou! Em vista d'isto não seremos nós de uma humildade franciscana pedindo a V. Ex.ª que espere, — não mais quatro mil annos, o que seria talvez inutil, — mas apenas mais oito dias, só mais oito, quatro vezes dous, ou duas vezes quatro?...

PANTALEÃO, *muito bebado:*

Pois está claro!

PAD-ZÉ, *satisfeitissimo, para os rapazes:*

Prompto! Custou, mas conseguiu-se!

PANTALEÃO, *levantando-se a cambalear:*

Pois quem é que se importa aqui com dinheiro?. . Os senhores cuidam que eu preciso de dinheiro?... Então os meus capitaes não contam?... O que eu preciso... Sabem do que eu preciso?... E' de brincar!

CORREIA

Ahi, — valente!

PAD-ZÉ, *dançando em volta de* PANTALEÃO:

Brinquemos, senhor Pantaleão, brinquemos!

PANTALEÃO, *tendo ainda na mão o copo, quasi vasio:*

Eu vou beber á saude de VV. Ex.as... de todos os rapazes... sim... de todos... da Academia... e das Ex.mas familias... Viva a Academia!

VOZES

Viva! Viva o commercio de Coimbra!

PAD-ZÉ

Viva o capital!

Musica. Coro.

MARQUES, *logo que o coro termina, a* PAD-ZÉ, *apertando-lhe a mão:*

Os meus effusivos cumprimentos!

PAD-ZÉ

Espéra... O melhor vae ser agora...

PANTALEÃO, *sentado, muito bebado:*

Que grande pagode!...

Gargalhada...

PAD-ZÉ, *rindo:*

Deu-lh'a toda, hein?

PANTALEÃO, *num riso alvar:*

Que grande pagode!

PAD-ZÉ, *batendo-lhe no hombro:*

Ora ahi está como eu gosto de o ver!... Alegre... satisfeito... Ah! O senhor é um homem feliz!

PANTALEÃO, *rindo sempre:*

Muito... Muito..

PAD-ZÉ

Bem o vejo... Bem o vejo... Basta olhar para si... para os seus olhos... Como elles riem!

MARINHO, *muito triste:*

Ao passo que nós...

PAD-ZÉ

Sim... Ao passo que nós estamos para aqui tristes, succumbidos, com a morte na alma e o desespero no coração!... Ah, como eu o invejo, senhor Pantaleão!... O senhor é verdadeiramente aquella cousa rara a que um sabio chamou *o animal feliz!*

PANTALEÃO, *rindo sempre:*

E' bôa... E' bôa...

PAD-ZÉ

Não é tal bôa... E' mesmo muito má... Pessima! *(A medo:)* Ah... se o senhor quizesse...

PANTALEÃO

Mais pagode?

PAD-ZÉ

Não.

PANTALEÃO

Então mais vinho?... Ai quero, quero!

PAD-ZÉ

Bem se trata agora de vinho... *(Bruscamente, fallando-lhe quasi em segredo:)* Trata-se de uma cousa importantissima, de um caso de vida ou de morte!

PANTALEÃO, *já atarantado:*

Oh diabo!

CORREIA, *a um dos rapazes:*

O que diz elle?

PAD-ZÉ

Sim... Não exagero... De um caso de vida ou de morte!... Nem V. Ex.ª pode calcular... Tem sido um horror, um verdadeiro horror para todos nós!

MARINHO, *ao ouvido de* PAD-ZÉ:

Cuidado não seja muito calva...

PAD-ZÉ, *para* MARINHO:

Deixa... *(Para* PANTALEÃO, *pondo-se a cavallo numa cadeira deante d'elle:)* Imagine V. Ex.ª o que nos succedeu hontem á tarde... Um horror... Depois do jantar, eu e estes meus amigos fomos dar o nosso costumado passeio hygienico pela Estrada da Beira. Vinha tombando a noite... A poesia do crepusculo inebriava as almas... No ar pairava alguma coisa de tragico... O momento era de uma solemnidade austera!... Os rouxinoes cantavam nos laranjaes em flor! Nos dois lados da estrada, entre festões de florsinhas silvestres,

os grillos faziam: *cri... cri...* E do alto d'uma oliveira uma coruja soltava gritos lugubres: *que-e-e... que-e-e...* Um quadro da natureza!... Fomos andando... No ocáso, o sol desapparecera numa hecatombe d'oiro...

PANTALEÃO, *extranhando a palavra:*

Heca... quê?

PAD-ZÉ

Hecatombe... Sorvedoiro, abysmo, vórtice..

CORREIA

O que sairá d'aqui!

PAD-ZÉ

Estavamos já perto da Portella. Mas nesse instante... ah, nesse instante... — ó dor! ó miseria! ó tragedia! — o mais terrivel espectaculo se ergueu ante nossos olhos pasmados!... D'um casebre de apparencia miseravel gritos e gemidos chegaram aos nossos ouvidos! Tremulos, parámos, a escutar... Percebiamos um ruido confuso de vozes debeis de creanças, de vozes claras de mulheres, de vozes fortes de homens!... Avançámos cautelosamente, com o coração a bater, a bater... Ah, senhor Pantaleão, o caso não era para menos!... Numa enxovia infecta e

cheia de fumo, a natureza humana agonizava e soffria! Homens, mulheres e creanças, amontoados para alli como féras brutas, como seres malditos escorraçados por Deus, mordiam-se e dilaceravam-se ás dentadas e aos gritos, numa furia inexplicavel e selvagem... Este — trincava um braço d'uma filha... Aquelle — o nariz d'uma mãe... Aquelle outro — as orelhas d'uma esposa... E uma esposa chupava tranquillamente os dedos dos pés d'um marido, — como se fôra um prato de mão de vacca!... Horror!... No ambiente errava um cheiro nauseabundo e suffocante — e de cima d'uma prateleira um gato esqueletico volvia para nós um olhar ameaçador e esfomeado!... Nisto, um trovão ribomba...

E as mães que o som terribil escuitaram
Aos peitos os filhinhos apertaram!...

E vozes debeis de creanças gritavam: pão... pão... E vozes claras de mulheres imploravam: pão... pão... E vozes fortes de homens reclamavam: pão! pão! pão!... (PANTALEÃO *está visivelmente commovido...*) E eu vi alli, senhor Pantaleão, vi, com minha alma de anarchista e meus olhos de bacharel, todo o quadro revoltante da injustiça humana e da iniquidade social! Sim... Ao passo que V. Ex.ª, ao passo que nós todos, bafejados pelas auras da felicidade e da fortuna, levavamos vida descuidada e alegre,—alem, não muito longe,

naquella enxovia, a miseria dizia missa acolytada pela fome!... Emquanto cá fóra os grillos faziam: *cri... cri...* e as corujas gritavam: *que-e-e... que-e-e...* — lá dentro as almas ululavam: pão... pão... *(Tragico:)* E chorei .. E chorei, senhor Pantaleão!... Chorei eu — e choraram estes... Chorámos nós — e choraram elles... Chorou a natureza inteira... Toda a humanidade chorou pelos nossos olhos!... Ah!...

PANTALEÃO, *com lagrymas na voz:*

Coitados... Coitados...

PAD-ZÉ, *succumbido:*

Muito tempo nos quedámos alli, presos áquella miseria que apenas pudemos soccorrer com o lenitivo das grandes palavras... Não tinhamos mais nada no bolso!... *(Energico, fallando muito depressa:)* Mas alli jurámos por nossos graus de bachareis que a alegria havia de entrar hoje naquella casa levada pelas nossas mãos compassivas, — embora fosse preciso fazer o impossivel, embora fosse preciso roubar, embora fosse preciso matar!... *(Estendendo gravemente a mão:)* Senhor Pantaleão: dois mil e quinhentos para os que soffrem... uma esmola para quem tem fome... Peço! *(Vendo que* PANTALEÃO *se não resolve:)* Exijo!

Pausa. Os rapazes fazem esforços sobre-humanos para não largar á gargalhada. PAD-ZÉ *continua sempre de mão estendida, im-*

movel e grave... PANTALEÃO, *depois de uma longa hesitação, muito commovido, levanta-se, volta-se para a parede, tira a carteira do bolso, vagarosamente, e extrahe d'ella uma nota de dois mil e quinhentos, emquanto por detraz d'elle os rapazes lhe fazem momices, seguindo-lhe soffregamente os gestos.* PANTALEÃO *estende a nota a* PAD-ZÉ.

PAD-ZÉ, *pegando nella e apertando-lhe a mão, muito serio:*

Senhor Pantaleão: o senhor é um homem de bem!

PANTALEÃO

Mas olhe que isto não fica por costume, hein?

PAD-ZÉ

Como assim?

PANTALEÃO

Sim... Quero eu dizer na minha que uma vez não são vezes... Uma vez — e andou com sorte! Quem tem fome que trabalhe como eu... — Ou julgará o senhor que eu sou alguma agencia do Banco de Portugal?

PAD-ZÉ, *sem se desmanchar, sempre muito serio:*

Julgo que o senhor é um homem de bem... Sempre tive essa convicção... Isso me basta.

SANDE E CASTRO

De resto, senhor Pantaleão, o pequenino e insignificante favor que o nosso amigo doutor

Pad-Zé acaba de solicitar da sua generosidade ser-lhe-ha generosamente retribuido, — capital e juros!

PANTALEÃO, *muito interessado:*

Ah, sim? Juros? A quantos? A quantos?...

PAD-ZÉ

Não discutamos agora esse miseravel pormenor! Num futuro mais ou menos proximo será V. Ex.ª reembolsado... Quando? *O futuro a Deus pertence* — e não nos é licito discutir a sabedoria das nações!... Conte com a minha gratidão e guarde a minha palavra!

VALENTIM

Vae rico!

PAD-ZÉ, *solemne:*

Confie em mim... Confie em Deus!... Dias mais prosperos virão para o nosso desgraçado Portugal — e para as nossas desgraçadas algibeiras!... E é com a gratidão em meu labio, o reconhecimento na minha alma e com a voz embargada por tanta commoção, — que eu lhe digo: *(Gravemente, apertando-lhe a mão:)* Até lá!... *(Noutro tom, despedindo-o:)* Passe V. Ex.ª muito bem!

PANTALEÃO, *espantado*

Porém...

PAD-ZÉ, *num gesto enorme, empurrando-o para a porta:*

Que todas as felicidades da terra caiam sobre a sua cabeça!

Os rapazes mettem-lhe nas mãos, á força, o guarda-sol e o chapeu...

PANTALEÃO, *protestando, a balbuciar:*

Mas então os senhores...

MARINHO

Que um manancial de venturas orvalhe sempre a sua vida!

PANTALEÃO, *querendo sempre protestar, indignado:*

Os senhores põem-me na rua?

Os rapazes vão-no empurrando para a porta, aos encontrões...

SANDE E CASTRO

Que um tapete de rosas se estenda sempre sob os seus passos!

MARQUES

Que todas as graças façam ninho no docel do seu leito!

Teem-no levado até á porta...

CORREIA, *empurrando-o para fóra:*

Que um grande raio o parta, seu grande massador!

PANTALEÃO, *da porta, apopletico:*

Mas isto é uma infamia... E' uma exploração!

Fecham-lhe a porta na cara. Gargalhadas... Grande alegria...

MARQUES, *cantando com a musica do coro anterior:*

Caro Pantaleão!

CORREIA, *idem:*

Caro senhor credor!...

SANDE E CASTRO, *idem:*

Grande pedaço de asno!...

MARINHO, *a* PAD-ZÉ:

És um genio!

VALENTIM, *idem:*

És um heroe!

PAD-ZÉ

Pois sim... Deixa lá as heroices em paz e vão vocês aprendendo como a gente os engazupa

sem ter estudado uma palavra de finanças!... Contemos a pecunia... Quanto ao todo?

CORREIA

Dois mil e quinhentos... com dez tostões que já tinhamos da batota...

PAD-ZÉ

Trez mil e quinhentos... Com o prego sempre se ha-de manipular uma libra! Pode ser que não chegue mas é o mesmo... Larga!

CORREIA, *indo á mala:*

Espera... Talvez ainda haja aqui um lençol... Cá está... Sempre ha-de dar alguma coisa!

PAD-ZÉ

Optimo... Optimo...

Todos teem pegado nas capas. Alguns sobraçam a colcha da cama, o cobertor, as botas e o lençol...

MARINHO

Basta de demoras! Já não é sem tempo!

CORREIA

Vamo-nos embora! Parecia interminavel esta tarde!

PEDRO DE MIRANDA, *entrando da E., com uma sebenta na mão, para Correia*:

Ouve lá... Tu vaes sair?

CORREIA

Se te parece que é cedo!... Porque?

PEDRO

E' porque tenho já hoje de começar a copiar esta sebenta para segunda feira... E' enorme!... Perto de quarenta paginas!

PAD-ZÉ

Coitado!...

PEDRO

E como naturalmente terei de escrever até muito tarde...

CORREIA

Escusas de dizer mais... Já sei... Não tens dinheiro para petroleo!

PEDRO

A sabedoria de Salomão falla pela tua bocca!

CORREIA

Toma lá um tostão...

PEDRO

Não... Não é necessario... Deixa lá... Basta que dês licença para me servir do teu candieiro.

CORREIA

Ora essa! A's ordens!

PAD-ZÉ, *a* PEDRO:

E ouve lá: depois vens ter comnosco, não?

PEDRO

Não sei a que horas acabarei! (*Vae á secretária e colloca sobre ella a sebenta.*)

PAD-ZÉ

Claro que has-de vir! A's dez e meia... Rompe a ceia a essa hora... Não faltes!

PEDRO

Para onde vão vocês d'aqui?

SANDE E CASTRO

Para o Marques Pinto, brincar!

PEDRO

Então o dinheiro sempre chega?

*

PAD-ZÉ

Para o café chega e cresce muito ainda...

PEDRO

E para a ceia?

PAD-ZÉ

Ah!... Para a ceia... (*Num gesto enorme:*) O desconhecido!... o insondavel!... o mysterio!... (*Rindo:*) Não faltes, adeus!

PEDRO

Adeus... Gozem-lhe bem!

VOZES, *saindo:*

Até logo... Não faltes... Adeus...

PEDRO, *acompanhando-os á porta:*

Divirtam-se... Divirtam-se...

PAD-ZÉ, *voltando atraz:*

Olha que se calhar abre-se Champagne!... Não faltes!... (*Sae, fechando a porta*)

PEDRO

Sim... Sim... A vida está para vocês!

PAD-ZÉ, *na rua :*

Viva a inconsolavel viuva do Padre Antonio Vieira!... Viva a Revolução Social!...

Os rapazes affastam-se, aos gritos... A scena já está muito escura... PEDRO *fica só, triste, de braços cruzados, encostado á meza...*

PEDRO

Que triste fado o meu! Copiar a sebenta!
Lembrar-me que lá fóra a noite luarenta
Põe um lençol de luz nas ruas medievaes,
Que ha banzas e violões gemendo o fado, aos ais!...
A est'hora, nos cafés da Baixa, na Calçada,
Ha riso e alegria, ha vinho e gargalhada!
E eu encerrado aqui, desesp'rado e sosinho,
Sem serenatas e sem risos e sem vinho!...
E tudo isto porquê?... Porque não ha dinheiro!...
Porque não tenho um tio, bem bruto e brazileiro,
Que me mande por mez quaesquer vinte mil reis
Que façam menos duro este estudo das leis!
Emfim!

Com um gesto de resignação dirige-se para a secretaria, onde está o candieiro e prepara-se para accende-lo. Na orchestra, em surdina, os violinos desenham a phrase da **Bohème** : *« Mi chiamano Mimi...» Ouve-se bater á porta...*

PEDRO

Algum credor... Faltava-me esta agora!

Batem novamente.

Espere, faz favor?... Não perde p'la demora!

CONCEIÇÃO, *fóra:*

Sou eu...

PEDRO, *alegremente surprehendido:*

Voz de mulher!...

CONCEIÇÃO, *sempre fóra:*

Sou eu, senhor doutor!

PEDRO

Eu, quem?

CONCEIÇÃO

A Conceição... Abra, se faz favor...

PEDRO, *dirigindo-se para a porta:*

Vou abrir...

CONCEIÇÃO

Eu espero...

Entrando:

O quê! Inda ás escuras?

PEDRO, *numa gravidade comica, passando-lhe a mão pela cara:*

A escuridão é mais propicia ás aventuras!

CONCEIÇÃO, *desviando-lhe a mão:*

A que aventuras?... Vá... Tire as mãos para lá!

PEDRO

Que arisca!

CONCEIÇÃO

E' como vê!

PEDRO

E o que te traz por cá?

CONCEIÇÃO

O que me traz?...

PEDRO

Sim...

CONCEIÇÃO, *enleada:*

Eu...

PEDRO

Então?

CONCEIÇÃO, *torcendo as pontas do avental:*

Não me traz nada!
Quando vinha a subir ha pouco a sua escada
Veio-me a idea de entrar (perdão p'ra quem tal
[ousa...),
Ver se o senhor doutor precisa alguma cousa!
E ouvi vozes... Julguei ouvir fallar alguem...
Mas agora reparo: — não está cá ninguem!

PEDRO

Enganas-te... Alguem 'stá... Porém não podes ver,
Porque, não sendo homem, tambem não é mulher!

CONCEIÇÃO

O' senhor! isso cheira assim a mangação!
Não é homem?

PEDRO

Não é.

CONCEIÇÃO

Nem mulher?

PEDRO

Tambem não!

CONCEIÇÃO

Nem homem nem mulher?... Essa é que não me
[assenta!

PEDRO

Nem homem nem mulher!...

(Indo á secretaria e pegando numa sebenta:)

E' isto!

CONCEIÇÃO, *pondo as mãos, num espanto*:

Uma sebenta!

PEDRO, *desalentado*:

Dizes bem... Dizes bem... O espanto é natural!
Concebes por acaso, dize, maior mal,
Desventura maior e magua mais ruim,
Maior tortura e dor, maior... *aquella*, emfim,
Do que estar amarrado, preso, acorrentado
A uma sebenta, numa vespera de feriado?

CONCEIÇÃO, *numa voz de piedade*:

Coitado!...

PEDRO, *num crescendo de desespero*:

Concebes dôr mais dura e mais insana
Do que levar toda a santissima semana
Agarradinho ao verbo, a bufar e a suar,

Sómente porque é doce e embriagador pensar
Que o sabbado ha de vir, — a noite, o riso, a ceia,
Guitarras a chorar á luz da lua cheia,
E ao ver cair á tarde a noite luarenta
Em lugar d'isso tudo — escrever a sebenta?...

CONCEIÇÃO

Coitado!...

PEDRO

Ó meu amor... Dize, por piedade,
Se concebes mais triste e torpe mocidade,
Destino mais amargo, sorte mais mesquinha,
Desventura maior, mais dura do que a minha!...

CONCEIÇÃO

Coitado!...

PEDRO, *numa voz de sonho:*

Dentro em pouco, em sendo dez e meia,
Em certo tasco esperam-me elles para a ceia!...
Elle é o bom linguado... Elle a boa pescada...
Elle o bom bacalhau feito de cebolada...
Elle o bom bife com batatas, todo loiro...
O bom vinho, que só por si vale um thesoiro...
O riso que esfusia... A bebedeira lenta...
Tudo isso é para elles... Para mim — a sebenta!

CONCEIÇÃO

Coitado

PEDRO

Dizes bem... Coitado! Coitadinho!
Que outro fado não ha mais triste e mais mesquinho!
Vê tu minha afflicção... Sou tal qual Pedro-Sem,
Que um dia tudo teve e agora nada tem,
Pois tudo me roubou com traiçoeira logica
Esta enygmatica sebenta mythologica!

Nos olhos de CONCEIÇÃO *marejam lagrymas de piedade...*

Mas tu choras, meu bem?... Tambem tens compaixão
De toda a minha triste e esteril afflicção?...
Sim... Nos teus olhos compassivos, maguados.
Tu lamentas tambem minha sorte e meus fados!...
—Vós sois todas assim, ó lindas raparigas!
Sonhar, cantar, dançar, gargalhada e cantigas,
Sorriso, amor, belleza, alacridade e graça,
O sonho que se evola... o riso que esvoaça...
Chale garrido e claro olhar, claras al'grias,
— O amor vos doira a vida... e a vida são dois dias!
Mas se um momento vem, por acaso, de magua,
Se a desgraça nos põe os olhos rasos d'agua,
Se o nosso coração vem perturba-lo a dôr,
Não ha, não, melhor mãe, nem ha irman melhor
Para fazer fugir a dôr que padecemos
E que soffra tambem só porque nós soffremos!...

CONCEIÇÃO, *muito resignada e triste:*

Pois que quer, meu senhor?... Se a gente é feita assim...
Hoje, amar este... amanhan, outro... outro, por fim...

Vê-lo partir depois, sem dôr na despedida...
Tendo sabido ama-lo... amado a sua vida...
Rido a sua alegria... chorado a sua dôr...

PEDRO, *muito commovido, como continuando o pensamento de* CONCEIÇÃO

Com a mesma ternura...

CONCEIÇÃO

E com o mesmo amor!...
Mas deixemos lá isso... Faça por 'squecer
Essa lição que p'ra amanhan tem de escrever,
P'ra nem ser lida pelos outros estudantes!
Deixe-a ficar em paz — e conversemos antes!

PEDRO

Ah, sim! Deixa esquecer o estudo e a lição
Que cretinisa a alma e gela o coração...
Quero tudo esquecer, — colicas e sebentas,
As aulas massadoras, frias, longas, lentas,
Para fallar comtigo e p'ra te ouvir fallar...
Senta-te aqui...

Senta-a n'uma cadeira collocada junto da meza do centro. Pela janella aberta o luar entra no quarto, fazendo destacar os vultos dos dois da escuridão do resto da scena. PEDRO *encosta-se á meza, todo inclinado para* CONCEIÇÃO. *E continuando:*

E's meiga e linda... — E' claro o luar...

Com muita ternura:

Vocês têm todas tanto encanto e tanta graça,
Tanta ternura e sonho em vosso olhar perpassa,
Que eu não quero suppôr durante um só instante
Como seria triste a vida de estudante
Sem aquelle perfume e sem aquelle viço
Emanados de vós, do sonho e do feitiço
Em que envolveis toda esta pobre mocidade,
Aureolando-a de luz, de amor e de saudade...
Herdeiras de romance e de pura legenda,
Ao trilhar d'esta vida a vossa ingloria senda,
Conservaes sempre a piedosa tradicção,
A herança do mais doce e terno coração,
Da maior formosura e da maior belleza
De todas as mulheres da Terra Portugueza!...
Creaturas do Acaso e filhas do Amor,
Que um moço amor gerou num beijo feito flor,
Se a nossa triste mocidade ora beijaes
Com fresca bocca e frescos beijos; — se nos daes,
— O' tricanas onde o Romance vive ainda
E a Legenda inda vive, assim graciosa e linda! —
Vossa alma e vosso corpo e tudo o que vós sois,
Sabereis inda amar, muitos annos depois,
Com mimos de avósinha e beijos de saudade,
Os filhos d'esses que na vossa mocidade
Beijastes com o amor e o mimo dos vinte annos!...
Já bem velhos então, cheios de desenganos,
Evocaremos em saudade indefinida
A doce graça, o claro gesto e a simples vida

Que perfumaram nossas vidas de estudantes,
Em lagrymas lembrando o que foramos de antes !...
Assumpção de «perfil de santa byzantina»;
Beatriz de trança negra e cinta airosa e fina;
Rosa que por amor entrou para um convento;
Palmyra cujo corpo é uma palmeira ao vento;
Isabelinha, a branca; Laura, a triste e morena;
Maria-Augusta cujos olhos fazem pena;
Candida, Julia, Elisa, esveltas e graciosas;
Conceição cuja bocca é feita e sabe a rosas;
—Vós que a velha legenda enche e nimba de gloria,
Todas vós vivereis — p'ra sempre! — na memoria
De toda a geração que ao ver-vos vos amou,
Pois na memoria — para sempre! — vos guardou
Uma saudade que não morre e que não passa,
Vossa imagem guardando e a vossa clara graça!

Beija-a longamente... Fóra, tão longe que mal se ouvem os seus sons, uma guitarra, acompanhada por um violão, começa a gemer um fado, continuando sempre a ouvir-se, aproximando-se, até ao fim do acto.

CONCEIÇÃO, *desprendendo-se de* PEDRO *e levantando-se:*

Não sei... não percebi... não pude perceber
O que o senhor doutor acaba de dizer!...
Fallava assim... difficil... treta arrevezada,
A que eu cá, francamente, não 'stou costumada!...
Porem, — não sei dizer porquê nem porque não,
Calhou-me bem, gostei de ouvir o seu sermão!

PEDRO, *afagando-a, a sorrir:*

O coração te disse o que não percebeste!...

CONCEIÇÃO, *esquivando-se:*

Então... tenha juizo... vamos...

PEDRO, *indo á janella:*

Já se veste
A noite de violões e guitarras dolentes...
Ah quem pudera, sem sebentas e sem lentes,
A' luz espiritual e clara do luar,
Partir, tocar, cantar...

CONCEIÇÃO, *interrompendo-o:*

Cear!...

PEDRO, *num sobresalto:*

O quê?! Cear?...

CONCEIÇÃO, *rindo e imitando-o:*

Pois não me disse ha pouco: «Em sendo dez e meia
Em certo tasco esperam-me elles para a ceia»?...

PEDRO

Eu disse isso?

CONCEIÇÃO

Pois quem?

PEDRO

Perdão, não disse tal!

CONCEIÇÃO

Pois então, n'esse caso, eu digo que faz mal!

PEDRO

Mal em quê?

CONCEIÇÃO

Em não vir?

PEDRO

Hom'essa!

CONCEIÇÃO

E' como digo!
Olhe... Eu só queria que isso fosse cá comigo!
Mandava passear colicas e sebentas,

Imitando-o:

As taes aulas massudas, frias, longas, lentas,
Punha aos hombros a capa e ia para o *rollié*...
Fallo como um doutor, não é?

PEDRO, *desalentado:*

Lá isso é!...

CONCEIÇÃO

E depois, meu senhor...

PEDRO, *interrompendo-a e cruzando os braços, desesperado:*

Pois tu tentar-me queres?...

CONCEIÇÃO, *continuando sempre:*

Bem sabe que a amizade impõe certos deveres!...
E não é *chic,* fica mal, não é bonito
Deixar-se estar em casa, assim sosinho e afflicto,
Quando n'est'hora p'la cidade a restaurantes
As raparigas vão cear c'os estudantes!...
E' isto ou não verdade?... O que responde?...Então?..

PEDRO, *coçando a cabeça, já tentado:*

Ó diabo! Que espiga!... Olha que tentação!

CONCEIÇÃO

E não é tudo, meu senhor,—ha mais ainda...
Recorde-se da ceia, apetitosa e linda...
Elle é o bom linguado...

PEDRO, *cheio de apetite:*

Elle a boa pescada ..

CONCEIÇÃO, *tentando-o sempre:*

Elle o bom bacalhau...

PEDRO, *lambendo os beiços :*

Feito de cebolada...

CONCEIÇÃO, *num crescendo de enthusiasmo :*

Elle o bom bife...

PEDRO, *idem :*

Com batatas...

CONCEIÇÃO, *idem :*

Todo loiro...

PEDRO, *idem :*

O bom vinho...

CONCEIÇÃO, *idem :*

Que só por si vale um thesoiro...

PEDRO, *idem :*

O riso que esfusia...

CONCEIÇÃO, *idem, cambaleando :*

A bebedeira lenta...

PEDRO, *idem :*

Não se pensa em lições...

CONCEIÇÃO, *idem :*

Em lentes...

PEDRO, *idem :*

Na sebenta!...
Ah! Não me digas mais, parece que indoudeço...
Não posso, não resisto...

CONCEIÇÃO

Vamos... Venha, peço!...

Pausa. PEDRO *vae vagarosamente até junto da mesa. Pega na sebenta. Folheia-a durante algum tempo, hesitante... Depois, sempre devagar, amarrota-a toda, deixa-a cair no chão e abrindo tragicamente os braços sobre ella :*

PEDRO

Seja feita, Senhor, sempre a vossa vontade,
No quinto anno como sempre!... A mocidade
Tem direitos...

CONCEIÇÃO

De certo!

PEDRO, *grave:*

Indubitavelmente!
Dorme, repousa ahi no chão eternamente
E larga-me da mão que eu vou d'aqui cear!

*

CONCEIÇÃO, *radiante, batendo as palmas:*

Essa, essa é que *m'a dá!*

PEDRO, *sempre muito grave:*

Eu estou a fallar...
Dado o caso, porém, — na cabeça isto mette,
De á licção ser chamado e dar estenderete,
Pelos artigos cem do codigo penal,
Dois mil e trinta e sete do commercial
E por tradiccional, sabia legislação,
Arvorado em juiz,— condemno a Conceição
A tantos beijos apanhar, em furia louca,
Quantas asneiras me sairem pela bocca!

CONCEIÇÃO

E leva-me comsigo, diga?... Leva, não?...

PEDRO

Tens muito empenho em vir?

CONCEIÇÃO

Se tenho!...

PEDRO

Vem, então,
E sem demora!

CONCEIÇÃO

E' já!

PEDRO

São quasi dez e meia
E eu não quero faltar ao principio da ceia!

A guitarra e o violão ouvem-se agora muito perto da janella.

CONCEIÇÃO

Ponha a capa, depressa...

PEDRO

Espera, cá vou pôr...

Sae pela E. baixa, voltando logo com a capa.

CONCEIÇÃO

Ai quem me dera a ceia!...

PEDRO

A ella, meu amor!

Offerecendo-lhe preciosamente o braço e cantando, sem acompanhamento de orchestra, com a musica do final do 1.º acto da **Bohéme**:

Dá-me o braço, rapariga...

CONCEIÇÃO, *cantando na mesma musica :*

Obedeço, meu senhor...

Partem ambos, cantando. Porém, quando vão a sair, uma voz ergue-se, fóra, cantando o fado, e, em pontas de pés, dirigem-se ambos para a janella, onde ficam a ouvi-lo, emquanto o panno desce o mais vagarosamente possivel :

UMA VOZ, *fóra, cantando :*

Estudantes de Coimbra
Têm dois pecados mortaes :
Não fazem caso dos livros
E gastam dinheiro aos paes !

SEGUNDO ACTO

Num restaurante. Á D., em todo o comprimento da scena, uma meza grande onde possam sentar-se á vontade quatorze pessoas. Á E. alta, uma meza pequena. Sobre ella restos de uma ceia. Á E. baixa, uma meza semelhante com talheres para três pessoas. Junto d'esta meza, á extrema E., um pipo pequeno, sustentado por uma armação de madeira. Portas ao F. e á D. Decoração de réclames de conservas e vinhos.

Estão em scena todos os rapazes que figuraram no 1.º acto — e muitos outros. Em companhia d'elles, quatro tricanas : MARGARIDA, CANDIDA, ISABEL *e* MARIA. *Ao F., um estudante e uma tricana dançam o* **vira**. *Á D. baixa, sentados junto da meza grande, dois estudantes tocam guitarra e violão, cantarolando a meia voz. Junto da meza da E. alta, dois estudantes, em attitude de quem acaba de cear, preparam-se para sair, o que fazem pouco depois de subir o panno. O* CREADO *limpa os restos da ceia d'esta meza. Rapazes e raparigas, dispersos pela scena, numa alegria ruidosa, dão ao restaurante um aspecto de vida. Á frente,* PAD-ZÉ *conversa com* CORREIA.

NOTA. — A 1.ª parte d'este acto, até á saida dos estudantes da ceia, foi feita de collaboração com o meu condiscipulo ALBERTO COSTA (PAD-ZÉ).

J. B.

SEGUNDO ACTO

CORREIA, *entregando dinheiro a* PAD-ZÉ :

Seis corôas ou sejam três mil reis, hein?

PAD-ZÉ

Passa cá para a pocha e deixa-me manobrar. A serenidade é tudo. Napoleão, como sabes, sempre sereno... Depois, Christovam Colombo, D. João VI, o Hintze Ribeiro, etc., — sempre serenissimos!... Estás d'ahi a ver toda a psychologia d'uma ceia a cão!

CORREIA

A cão?.... Então essa massa?

PAD-ZÉ

Homem, quando não ha dinheiro, não se paga. Quando ha dinheiro, guarda-se para as primeiras necessidades!... A noite está uma creança e precisamos de prevenir ignotos e tenebrosos acon-

tecimentos, que de certo se desenrolarão depois da ceia sob o vasto ceu azul d'este lindo paiz de Portugal!

CORREIA, *affastando-se :*

Bem te percebo!... És do Fundão e chamas-te Pad-Zé!

SANDE E CASTRO, *apertando, apaixonadissimo, as mãos de* MARGARIDA :

Ai dize, dize que me amas e que a tua alma se confunde com a minha nos meandros mysteriosos de uma paixão historica!... Paulo e Virginia... (*Noutro tom :*) Conheces a Virginia?

CANDIDA, *approximando-se :*

Conheço eu. E' a engommadeira da minha rua!

SANDE E CASTRO

Calle-se, espirito acanhado, e não venha manchar o sagrado idealismo que no meu craneo ferve em borbotões de amor com a nota material das engommadeiras da sua rua! — Esta Virginia, a da historia, a dos livros, a grande, (*Para* MARGARIDA :)— és tu, tu é que és a Virginia!

MARGARIDA

Eu?...

CORREIA

Este rapaz sempre foi muito romantico... Coitado!

SANDE E CASTRO, *continuando para* MARGARIDA:

E eu, cujo coração pulsa por ti com uma força de trezentos cavallos,— eu, sim, eu sou o Paulo! Palavra de honra que sou o teu Paulo!..

MARGARIDA

Pois sim, — Paulo!

CANDIDA

Nosso Senhor te dê juizo, — Paulo!

ALVES DE SÁ

Deixemo-nos de lérias e venha a comida.

SEIXAS VIDAL

Eh, Pad-Zé!..

PAD-ZÉ

Prompto. Vou operar. (*Para o* CREADO:) Pagem, approxima-te e com a devida venia. Do ponto do Universo onde junto de mim estás collocado, vaes transportar-te, com a rapidez do pensamento, ao

antro escuro e obtuso a que o teu patrão chama cosinha. Chegado que sejas, empunharás incontinenti o sebaceo papel onde se contem a enumeração das iguarias que pretendemos bizarramente auferir... A' minha presença trarás, pois, o sebaceo papel — e tudo isto rapido, senão emigramos e quem perde é o patrão.

MARINHO

Olha que se cá ficarmos tambem ha-de ganhar muito!

PAD-ZÉ, *para* MARINHO:

Pschiu! Abriu a bocca, saiu asneira, o lorpa!... (*Para o* CREADO *que se conserva immovel:*) Então não te mexes?

CREADO, *muito ingenuo:*

O que é que o senhor quer?

PAD-ZÉ, *cumprimentando-o profundamente:*

Se eu fosse lente dava-te uma distincção! Talvez um *accessit!* Tens talento para isso!...—A lista, burro!

ALBERTO

Dize o que ha para comer, camello!

CORREIA

Para comer e para beber!

VIDAL

Isso, isso... Para beber!

CREADO

Se era só para isso já podiam ter fallado!

PAD-ZÉ

Então eu não fallei, animal?

MARINHO, *intervindo, imperioso:*

O que ha que se trinque?

CREADO

Lá vae então a lista.

PAD-ZÉ

Vá. Dize o que houver.

CREADO, *fallando muito depressa:*

Lampreia com arroz. Pescada p'ra coser.
Carneiro com batatas. Bifes de cebolada.
Iscas com ellas e sem ellas. Carne assada.
Costelletas. Roast-beef. Sável. Chouriço. Enguias.
Lagosta. Salpicão. Linguiça. Carnes frias.
Sardinhas. Rim grelhado. Arroz de berbigão.

PAD-ZÉ, *enternecidissimo:*

Sinto que desfalleço!

CREADO, *continuando:*

Chispe com feijão.
Codorniz. Passarinhos. Grellos. Couve-flor.
Sallada de agriões. Perdiz á caçador.
Com molho de villão. Filetes de linguado.
Lingua guizada. Peixe frito. Frango assado.
Batatas fritas. Mão de vacca. Gallinhola.
E bacalhau p'ra assar, coser e á hespanhóla...

Silencio. Todos pensam, indecisos.

SANDE E CASTRO, *pretencioso:*

Eu queria truffas!

PAD-ZÉ

Olha lá... E um soldado da guarda municipal de Lisbôa—não querias?... Proponho bacalhau com batatas e grellos para entrada.

VIDAL

Para entrada e para saida parece-me bem.

VALENTIM

E viva o velho!

JOSÉ MARIA, *adeantando-se com duas raparigas pelo braço:*

Para mim e para estas senhoras reclamo iscas com ellas.

CREADO

Iscas com senhoras não temos! Só se quizer com batatas!

PAD-ZÉ, *numa reverencia:*

Bravo! E's um genio!... Já mereceste as palmas da distincção e os laureis do *accessit!* Com esta agora acabas de conquistar os fóros do premio!

MARINHO

Estás aqui estás lente!

CREADO, *saindo pela porta da D.:*

D'esta massa é que elles se fazem.

ALBERTO

E tem piada, o magano!

ALVES DE SÁ

Então os vinhos?... A murraça, o briol para quando é que ficam? Isto vae a secco?

PAD-ZÉ, *apertando as mãos banaceça:*

Manes de Bacho! Perdoae este crime de esquecimento!...—Quantas caveiras somos nós?...

SANDE E CASTRO, *contando rapidamente:*

Caveiras machos... nove. Caveiras machas... tres. Doze.

PAD-ZÉ, *correndo á porta por onde saiu o* CREADO:

O' marmellada... Olha que somos doze. Confecciona para cá murraça tinta!

CORREIA

Verde!

CREADO, *entrando:*

Tinta verde não ha cá!

VOZES

Ahi! Ahi! Bravo!

PAD-ZÉ, *para o* CREADO:

Fóge, ó bruto, que te faço socio do Instituto! *(O* CREADO *foge.)* Vinho verde, ouviste?...—E corre-me immediatamente á conquista d'uma cerveja!

O CREADO *sae.*

CORREIA

Agora temos compasso de espéra.

MARINHO

Eu proponho uma somnéca para aperitivo!

ALBERTO

Qual somnéca nem qual diabo! Não tiveste tempo de dormir na aula?

MARGARIDA

E se a gente désse uma voltinha de *vira?*

CANDIDA, IZABEL E MARIA

Isso, isso! Vamos a elle!

PAD-ZÉ

Adoptado!

JOSÉ MARIA, *cantando e dançando em frente das raparigas:*

Meninas vamos ao vira!

VALENTIM, *a* MARINHO:

Vamos arredar a meza. Ajuda-me.

ALVES DE SÁ

Arredem para lá a mangedoura!

VALENTIM *e* MARINHO *encostam á parede a meza da E. baixa.*

CORREIA, *aos rapazes que tocavam no começo do acto:*

Vocês tocam!

AS TRICANAS

Nós cantamos!

VOZES DE RAPAZES

Nós o côro!

PAD-ZÉ, *a quem o creado trouxe a cerveja, subindo para cima d'uma cadeira:*

E eu, do alto d'esta cadeira, cerveja em punho, estatua de Bacho que preside a uma orgia, — marco! *(Marcando:) Tudo brinca!*

O vira começa, dançado pelas tricanas e por quatro rapazes. Destacando-se do canto, ouve-se a voz de PAD-ZÉ, *marcando:* Meia volta! Outra meia! P'ra a direita! P'ra a esquerda! E bate palmas! Tudo brinca! Virá e volta! Segue e passa... *Quando o vira acaba, o* CREADO *entra com uma travessa enorme cheia de bacalhau com batatas, grellos e ovos cosidos.*

PAD-ZÉ, *descendo da cadeira:*

Les dames à la table et les chevaliers aussi... — Abanque tudo e rompa a reinação!

ALVES DE SÁ, *approximando-se da meza:*

O' collegas! Toca a auferir o alimento!... Ih, diabo, que até faz fumo!

VIDAL

Faz fumo e faz fome!

ALBERTO

Faz fumo, faz fome e faz frio!

ALVES DE SÁ, *passando-lhe uma garrafa:*

Toma lá um cobertor!

Todos se teem sentado em volta da meza.

PAD-ZÉ, *que preside:*

Minhas senhoras e meus senhores... (*Para as tricanas que altercam por causa de logares:*) Meninas, ordem! E' preciso respeitar o logar onde se está!... Minhas senhoras e meus senhores!

(*Bebe um copo de vinho.*)

CORREIA

Olhae que o exordio é profundamente eloquente!

JOSÉ MARIA

E' discurso que vae custar um almude!

*

Isto foi apenas o conceito inicial.— Minhas senhoras e meus senhores. E' chegada a occasião de iniciarmos os nossos trabalhos. Pela decima millionessima vez me cabe a honra de presidir a estes nocturnos labores, espinhosa funcção que ha sete annos exerço neste respeitavel estabelecimento de ensino, como lente effectivo da sexta faculdade,— a faculdade da Pandega. (*Noutro tom*) Podem-se ir servindo. Na minha aula admitto todo o barulho comtanto que me não faltem ao respeito! — A faculdade da Pandega, creada por decreto de tempos immemoriaes (vide *Collecção de legislação fiscal*), venerada e respeitada sempre, mereceu particular attenção ao sabio Rei D. Diniz, infatigavel semeador de pinheiros .. — e de lentes. D'ahi em deante, pelos seculos fóra, a auréola da sua gloria fulgiu, radiósa, sobre milhares de gerações academicas, que nella teem terçado armas para as grandes luctas do pensamento scientifico, profundamente scientifico, estomacalmente scientifico! Devemos agora considerar as medidas de altos intuitos e elevado alcance do eminente estadísta Marquez de Pombal, glorioso reformador da nossa Universidade. Nessa reforma, elle não esqueceu as tradições e a importancia d'esta faculdade da Pandega e unicamente para sua gloria e engrandecimento fundou, como todos sabem, a Companhia dos Vinhos do Alto-

Douro. (*Todos cumprimentam. Ha apoiados.*) Meus senhores. Eu já estou sendo demasiado longo e (*apontando a travessa da comida:*) preciso tambem de auferir a minha dóse de sciencia. Terminarei, portanto, esta debil prelecção indicando-lhes diversos meios de estudo. Podem e devem consultar: — os importantes trabalhos da Ferreirinha da Régua; as modernas obras de fundo da Adega Regional de Coimbra; ás variadas collecções da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal e os substanciosos opusculos da Anadia, da Bairrada e da Ilha da Madeira, alem de mil outros saborosos trabalhos de menor vulto que a todas as horas encontrarão á venda nas livrarias da especialidade. Não lhes citarei, por ser scientifica e monetariamente desnecessario, toda a vasta bibliographia estrangeira, que é riquissima em trabalhos do genero: Xerez, Málaga, Rheno, Sauterne, Bourgogne, Bordeus, Chateau 1.ª e 2.ª edição, Chartreuse, Kerman, Kummel, Benedictinos, Lucca, *Wiskey and soda* e sem soda, Cherry-Cordial, Gin, Rhum, Cognac, Kirschen, Chablis-- edição rarissima, Champagne — varias edições de luxo, etc., etc., etc.— Tenho dito.

PEDRO, *que momentos antes chegára á porta, com* CONCEIÇÃO *pelo braço:*

Viva a mocidade catholica!... Viva a alegria!...

VOZES

Olé! Olé! Vivam! Vivam!

E todos entoam alegremente um coro de saudação a CONCEIÇÃO *e* PEDRO

PAD-ZÉ, *logo que termina o coro:*

Abanque tudo e siga a reinação!

Todos voltam aos seus logares. PEDRO *e* CONCEIÇÃO *sentam-se tambem.*

VALENTIM, *pegando num copo:*

Deus seja comnosco! (*Bebe.*)

MARINHO, *idem:*

Beataque Maria semper virgo hujus Universitatis fautrix!...

SANDE E CASTRO

Escolheste bom caminho para o ceu, não ha duvida!

PATRÃO, *entrando, para* PAD-ZÉ:

Fazia-me o favor... (*Affastam-se ambos para a E. baixa, onde ficam a conversar.*)

VIDAL, *para* PEDRO:

Estamos vendo que é para aqui que vens escrever a sebenta, hein?...

PEDRO

Tens razão... Mas a culpa não é minha... Foi a mulher!

ALBERTO, *muito grave:*

Sempre a eterna questão... — *Cherchez la femme.*

PEDRO, *emphatico:*

Sim, a mulher... O mysterioso ser que nos eleva da alma da terra á luz das estrellas!...

SANDE E CASTRO, *imitando-o:*

Da sensualidade brutal ás volupias do mysticismo!...

PEDRO, *concluindo:*

Da prosa da sciencia á poesia da ceia!

PAD-ZÉ, *ao* PATRÃO:

Pódes ficar descançado... Dou-te a minha palavra de honra! Isto hoje não é como das outras vezes! Ha massa, muita massa, muita somma de pipa de massa!

PATRÃO

Estou para ver!

PAD-ZÉ

Ha-de ver, ha-de, sim senhor... *(A' parte:)* —talvez por um oculo!... *(Alto:)* E devo dizer-lhe, interpretando o sentimento d'esta brilhante pleiade que aqui está em corpo e alma, e sobre tudo em estomago,—devo dizer-lhe que não admittimos que duvide da nossa palavra!

JOSÉ MARIA

Retire-se aos seus aposentos!

PATRÃO, *para* ALVES DE SÁ, *que momentos antes se lhe collocou em frente, em attitude de quem cita um boi:*

O que é que deseja?

CORREIA

Não é nada, homem... Vae-te embora!

ALVES DE SÁ

E' que estava cá a sentir ganas de lhe fazer uma péga de cara...! Ih, diabo!

VALENTIM

E' verdade, ó Alves de Sá... Lembras-te da

tua péga o anno passado, na nossa toirada da Figueira?[1]

ALVES DE SÁ

Ah, rapazes! Isso é que foi uma tarde real!

MARINHO

Olha lá... Mas se a vontade é muita arranja-se um boi e fazes ahi a péga.

ALVES DE SÁ

Lá fazer, fazia... Mas boi é que não ha!

PAD-ZÉ

Ora essa! Não seja a duvida por isso! *(levantando-se:)* Cá está um boi!

ALVES DE SÁ, *levantando as abas da batina, que fica com um aspecto de jaleca:*

Optimo. Salta para alli... E tezo, hein, collega?

[1] Refere-se á toirada realisada por este curso na praça da Figueira da Foz, a 11 de junho de 1903, celebrando o encerramento das aulas do 4.º anno. Nessa toirada, o Alves de Sá, que fazia parte do grupo de forcados, enthusiasmou a praça com pégas prodigiosas!

JOSÉ MARIA, *para as raparigas:*

Vocês fazem de chocas!

ALVES DE SÁ, *puxando as mellenas para a testa:*

Assim... (*Para* PAD-ZÉ *que se foi collocar junto da parede da E.:*) Aguenta-te agora! (*Para os outros:*) Os collegas lembram-se... O bicho estava enfeitado com quatro pares que lhe ferrára o Valentim, — *como Diós lo manda!* (MARINHO, *fazendo com as mãos uma corneta, dá o signal da péga. E o* ALVES DE SÁ, *para* MARINHO :) Isso, isso!... O Sotto Mayor [1] deu a ordem... Cá o valente grupo avançou — e eu destaquei-me!

JOSÉ MARIA

Ahi agora é que era ver-te!

ALVES DE SÁ, *para* PAD-ZÉ, *como quem cita um boi:*

Eh, boi! Eh real!... (*Para os outros:*) E o diabo nada, com a crença nas taboas!... Bati-lhe os pés, bati-lhe as mãos e (*Voltando-se para* PAD-ZÉ:) *Eh, boi! Eh, boi! Eh, real! Eh, real!...*

PAD-ZÉ *avança, mette-lhe a cabeça contra a barriga e passa-lhe os braços em volta da cintura, levantando-o ao ar...*

1 Quintanista de direito, *intelligente* da toirada.

ALVES DE SÁ

Aqui, valentes!

Varios rapazes saltam-lhe em cima, ás gargalhadas. MARINHO, *imitando uma corneta, dá signal da entrada das chocas. As quatro tricanas, imitando o andar pesado das chocas, correm para* PAD-ZÉ *e arrastam-no para o lugar que occupava na meza... Applausos, vivas, salva de palmas ao* ALVES DE SÁ, *que elle agradece com gestos do estylo tauromachico, erguendo os braços ao ar. Replicas facultativas. Todos tomam os seus lugares.*

PEDRO, *a* ALVES DE SÁ:

Não ha duvida, compadrinho, de que tens uma decidida vocação para toireiro!

ALVES DE SÁ

Ih diabo, collega... Quim sabe?

PAD-ZÉ

Abanque tudo e siga a reinação! *(Pegando num copo:) Rapazes, vamos ao vira! (Bebe.)*

CANDIDA

Ai muito gósto eu d'estas ceias d'estudantes!

PAD-ZÉ, *acabando de beber:*

E virou!

MARINHO, *enternecido, para* CANDIDA:

Ai, credo, filha! Não me digas outra!

PAD-ZÉ, *que encheu novamente o copo:*

E meia volta! (*Bebe metade.*) *E outra meia!...* (*Bebe o resto.*)

CONCEIÇÃO

Sim senhor! Um *vira* bem dançado!

PEDRO

Mas a sala de baile ha-de ser outra, logo, no estomago!

PAD-ZÉ, *muito serio:*

O cavalheiro tem a bondade de não se preoccupar com a integridade organica das minhas visceras?

CORREIA

Viscerae homini reliquii sunt, como diz Plutarcho!

PEDRO, *levantando-se, em attitude de quem vae brindar:*

Eu faltaria por certo a um dos mais sagrados deveres se neste momento solemne deixasse de erguer minha voz debil sim, mas sincera, para beber á imperecivel e preciosa saude de... de... dos... das...

PAD-ZÉ

Perfeitamente. Eu concluo:— Das heroicas e

austeras virtudes da inconsolavel viuva do Padre Antonio Vieira!

CANDIDA

Pobre senhora!

PEDRO

Não era minha intenção referir-me agora a essa respeitavel cavalheira!

VALENTIM

Já estamos na phase dos brindes!

CONCEIÇÃO, *para* PEDRO:

Ande, falle, que é tão lindo!

JOSÉ MARIA

Começou a léria!

VIDAL

Pouco banzé!

ALBERTO

Estejam callados!

SANDE E CASTRO

Pois é claro... Deixem fallar! Que grosseiros que vocês são! Olhem para mim...—Eu sou finissimo!

CONCEIÇÃO

Callem-se, senhores doutores... Deixem fallar o Pedrinho!

MARINHO

Credo, filha! Que amor!

CONCEIÇÃO

Não sei se é amor... E' uma coisa que a gente sente cá por dentro!

JOSÉ MARIA

Esta rapariga tem muito bons sentimentos, coitadinha!

MARGARIDA

Os senhores tambem não fazem senão rir do que a gente diz!

IZABEL

Ahi está porque eu estou sempre callada!

CORREIA

Mas fallaste uma vez e fallaste bem!

PEDRO, *que tem estado sempre de pé, de copo na mão, á espera de que o deixem fallar:*

Bem, acabaram?... Eu vou continuar... E

vou continuar para beber á saude de... do... das...

PAD-ZÉ

Calle a bocca! E' sempre isto... Estes typos das sebentas, em enaipando cá para o pagodesinho, são o que se vê... De... do... da... dos... das...— Coitado! Eu desculpo-te! Lá ideas tens tu. O que te falta é a expressão... Esta coisa da treta!... A palavra foi dada ao homem como rei dos animaes. E portanto, segundo este criterio scientifico, o teu lugar deve ser entre os ruminantes!

CANDIDA

Entre os quê, senhor Pad-Zé? Fulminantes?...

MARINHO

Não, pequena... Sardinhas de Nantes! Elle queria dizer sardinhas de Nantes!

PAD-ZÉ

Não. Ruminantes foi o que eu disse e repito. Ruminantes!

PEDRO

Tambem o que faltava era chamares-me sardinha!... E sabem vocês que mais?...— Não estou para vos aturar! Eu estava em casa muito

quieto, preparando-me para trabalhar, apparece-me uma pequena linda em cuja companhia resolvo vir aproveitar a ceia para que me tinham convidado — e quando cá chego, mal me sento, começa logo a chover a piada e a gracinha!... Boa noite! Assim não me entendo!

ALBERTO

Mas olha lá, homem!

PEDRO

Já disse. Passem muito bem. Cá lhes deixo a Conceição... Prefiro estar em casa estudando, a vir para aqui aturar as graçolas do incorrigivel bohemio Pad-Zé! Vivam! *(Sae.)*

PAD-ZÉ

E' a tal coisa que eu dizia... Não ha nada peor do que um estudante que estuda! E' isto! Só serve para estragar o pagodesinho! Nunca consegui entender-me com semelhante gente!

MARINHO

Mas que mania aquella!

ALBERTO

Que disparate!

CONCEIÇÃO

Mas olhe lá, ó senhor Pad-Zé... Que coisa é aquella em que fallou ainda agora?

PAD-ZÉ

O quê?

CONCEIÇÃO

Aquillo que tinha um nome arrevezado... *Antes*...

PAD-ZÉ

Ah! Ruminantes!

CONCEIÇÃO

Isso! O que é ruminantes?

PAD-ZÉ

Appresso-me a descerrar gostosamente as trevas da tua ignorancia, aliás tão ingenua quão bella, porque lá diz o ditado: «Deus nos livre de mulher que sabe latim e de burra que faz *hin*»!

CORREIA, *gritando para a cosinha*:

O' Zé-Marmellada! Traze mais vinho!

PAD-ZÉ, *para* CORREIA :

Melindrar-me-hia a tua interrupção se não fosse motivada por uma justa necessidade!... (*Para as tricanas*:) Pois ruminante, meninas, é como quem diz burro! Isto é... burro, burro, não se póde dizer... Mas é tudo a mesma cathegoria social! Tretas da sciencia!

ALBERTO

Tretas? Asneira no caso!

SANDE E CASTRO, *para* ALBERTO :

Ora larga lá a basofia scientifica! Essa tua mania de fallar sempre de cathedra!

ALBERTO

Perdão... Mas neste caso eu fallo como representante das sciencias naturaes, como alumno do 4.º anno de medicina!

PAD-ZÉ

Está bem, está bem... Ficamos sabendo que esta coisa de ruminantes tambem é do teu officio. Estou d'aqui a ver a taboleta do teu consultorio: «Dr. Alberto de não sei quê. Medico de gente. Especialista em enfermidades de ruminantes!» Tezo!

ALBERTO

Não respondo a malcreados.

PAD-ZÉ

Ainda o dizes!... — Pois, raparigas, como vos ia dizendo, ruminante não é bem burro, mas é como se fosse! Isto é, quero dizer, o ruminante é sempre burro; agora o burro é que pode não ser ruminante!... Eu defino... —*Définissez les termes,* já dizia Aristoteles! Sob o ponto de vista moral e sociologico, ruminante é um membro da sociedade, sem consciencia collectiva, politica e religiosa. Encarado sob o aspecto zoologico, therapeutico e medieval, ruminante é um ser vivo e ambulante, visivel a olho nu, senhor e proprietario de quatro visceras digestivas, mais vulgarmente conhecidas por estomagos: um para a comida e trez para a bebida. — O ruminante exerce a complexa funcção de ruminar!

ALBERTO, *pasmado com tanta asneira:*

E' phantastico!

MARGARIDA

Eu não percebi nada!

CONCEIÇÃO

Coisas dos livros!

*

CORREIA

E' extraordinaria a fabrica de disparates que este typo tem na cabeça!

MARINHO

Desde que entraste lá em casa até agora ainda não fizeste senão dizer asneiras!

PAD-ZÉ

Com que então asneiras, hein?... A massinha que eu arrangei — asneira, hein?... Esta ceiasinha tambem asneira, não? Ora o ingrato!

CORREIA

Não. Tu tens um certo talento, lá isso tens. Sobretudo para o discurso. E' discurso por uma pá velha, sermão a toda a hora!... Olha lá... — Porque não foste tu para padre?

PAD-ZÉ

Por duas razões, qual d'ellas a mais importante. Em primeiro lugar, porque minha familia a isso terminantemente se oppoz; em segundo lugar, porque não gosto de vinho branco em jejum!

JOSÉ MARIA, *para* MARGARIDA *que ha momentos tosse, afflictissima:*

O que tens tu?

MARGARIDA

Ai deixem-me.. Engasguei-me... Uma espinha...

VALENTIM

Não é nada!

MARGARIDA

Ai que eu morro... Acudam-me...

VIDAL

Salta um de medicina, depressa!

CORREIA, *para* ALBERTO:

Tu agora, como medico de gente!

Grande confusão. Sentam MARGARIDA *numa cadeira affastada da meza.*

ALBERTO, *muito sereno:*

Lá vou. Vamos ver. (*Arregaça as mangas.*)

JOSÉ MARIA

Mexe-te, homem, que a rapariga está roxa!

ALBERTO, *conselheiral:*

Façamos o diagnostico. (*Observando* MARGARIDA, *que está sentada, a cabeça para traz, a lingua de fóra:*) Trata-se

de um caso não vulgar e que a litteratura medica pouco aponta.

PAD-ZÉ, *sentado á meza, muito tranquillo:*

Mettam-lhe vinho e deixem-se de partes!

CORREIA, *para* PAD-ZÉ:

Calla-te. E' o diagnostico!

ALBERTO

Um osso da espinhal medulla do bacalhau interceptou-se horizontalmente no esophago. Na fina mucosa d'esta região deve ter-se produzido uma reacção inflammatoria que flagrantemente se synthomatisa no seguinte... Côr violacea dos labios... Pulso molle e depressivel... Pupilla anormalmente dilatada... E tosse... Sobretudo tosse... Muita tosse... (*Perplexo:*) Que fazer?... A therapeutica com os seus modernos processos quer medicos, quer cirurgicos, dispõe de meios e recursos assombrosos, que, evidentemente, teem feito decrescer a espantosa mortalidade accusada nas estatisticas antigas.

JOSÉ MARIA

Oh que grande treta! Então a rapariga fica assim?

ALBERTO

Já lá vamos. Medicamente, Brouardel indica os vomitorios. Cirurgicamente, Péan e a pratica aconselham o moderno forceps esophageano!

MARINHO

Então decide-te, c'os diabos!

ALBERTO

Vou pensar! (*Passeia.*)

MARGARIDA *tem estado sempre e continua de lingua de fóra.*

SANDE E CASTRO

Não ha nada que pensar. E' o mesmo caso d'aquelle rapaz que esteve no hospital engasgado com um osso.

ALBERTO

Não. Então tratava-se d'um osso. Agora é d'uma espinha.

SANDE E CASTRO

Mas então espinha e osso não são a mesma coisa?

JOSÉ MARIA

Vamos a isto, caramba!

ALBERTO, *para* SANDE E CASTRO:

Não. O conceito histologico do osso é diametralmente opposto ao conceito obstetricico da espinha!

SANDE E CASTRO

Qual conceito, nem qual cabaça! O que é, é que estás para ahi a empalhar tempo com discursos e a rapariga ha meia hora com a lingua de fóra!

ALBERTO

Estou no exercicio das minhas funcções!

PAD-ZÉ

Isso, isso! Discutam mais!

SANDE E CASTRO, *para* PAD-ZÉ:

Não é discutir. E' que em vez de fazer discursos, fica melhor dizer-se logo francamente que se não sabe!

ALBERTO, *endireitando-se todo*:

Isso é uma insinuação ou uma provocação pessoal?

VOZES

Mau, mau! Temo-la travada! Que disparate!

VIDAL, *socegando* SANDE E CASTRO:

Deixa lá, homem!

ALBERTO, *muito exaltado*:

E' claro que osso e espinha são coisas differentes. Podia provar-t'o com milhares de opiniões e documentos, mas basta-me simplesmente citar o seguinte: — vocês teem ouvido dizer *ossos do officio,* não?

SANDE E CASTRO

Mas o que tem isso para aqui?

ALBERTO

Tem muito, sim senhor, porque o que nunca ninguem ouviu dizer foi *espinhas do officio!* Logo, — osso e espinha são coisas absolutamente differentes!

SANDE E CASTRO

A quinta-essencia do charlatão!

ALBERTO, *pulando*:

O quê?... Repita a phrase!

SANDE E CASTRO

Sim senhor, — do charlatão!

ALBERTO

Ou tu retiras a phrase ou parto-te a cara!

VOZES

Claro que retira! Retira a phrase! Retira a phrase!

SANDE E CASTRO

Não retiro nada!

ALBERTO

Ai queres?...

Atiram-se um ao outro, ao murro. Grande algazarra.

ESTUDANTES, *separando-os*:

Que estupidêz! E' indecente! Não estraguem a noite! *(Replicas facultativas.)*

PAD-ZÉ, *de cima d'uma cadeira*:

A' lucta! A' lucta! Viva a fraternidade academica!

ALVES DE SÁ

Ih, diabo! Ih, diabo!

Os rapazes conseguem separa-los e agarram-nos.

ALBERTO

Malcreado!

SANDE E CASTRO

Ignorante!

ALBERTO

Andaste com muita sorte em não estarmos aqui sosinhos, porque se estivessemos, eu havia de te demonstrar, ainda que fosse á força, que um osso nunca póde ser o camesmo que uma espinha!

SANDE E CASTRO

O que te vale é estares aqui dentro, porque se fosse na rua, num certo sitio que eu cá sei, quem te amolgava os queixos era eu, para não vires para aqui fallar de cathedra!

MARINHO, *para* ALBERTO

Está callado, homem!

VALENTIM

Deixa lá!

CONCEIÇÃO

Mas então a Margarida fica assim aqui toda a noite, de lingua de fóra?

PAD-ZÉ

Eu é que vou operar. Silencio e aprendam. Isto agora, por acaso, vae sem discurso. (*Péga num copo com vinho, vae a* MARGARIDA *e, dando-lhe pancadas nas costas, faz-lh'o beber num grande alarde de gestos, dizendo-lhe emquanto ella bebe:*

Aufira... Aufira mais... Aufira até final...

MARGARIDA, *tirando a espinha:*

Ai... Muito obrigada!

PAD-ZÉ, *num grande gesto desdenhoso:*

Médecin malgré lui!

CONCEIÇÃO *para* MARGARIDA

Coitadinha! Deixa ver o osso!

ALBERTO, *vivamente:*

Não é osso, — é espinha!

VALENTIM

Deixa lá, c'os diabos! E' espinha! São muitas espinhas! São todas as espinhas! Irra!

PAD-ZÉ

Bem. Abanque tudo e siga a reinação!

ALBERTO, *para* CONCEIÇÃO

Deixa-me examinar a espinha. *(Péga nella e vae sentar-se, examinando-a, muito concentrado, numa das mezas da E.)*

CORREIA

Vocês hão-de concordar que tudo isso foi uma estupidez! Uma questão por causa d'um osso!...

ALBERTO

D'uma espinha!

CORREIA

Eu retiro a phrase!

VALENTIM

Nem por uma espinha, nem por um osso, nem por um esqueleto!

PAD-ZÉ

Haja harmonia e concordia! *(Erguendo um copo cheio:)* Rapazes, vamos ao *vira!* *(Todos bebem)* *E virou!* *(Enchendo outro copo:)* *Meia volta!* *(Bebe metade)*

MARINHO

Não. Eu cá não danso mais!

JOSÉ MARIA

Nem eu!

PAD-ZÉ, *que tem acabado de beber metade:*

E outra meia! *(Bebe o resto.)*

ALBERTO, *muito triste, vem junto da meza, falla com* SANDE E CASTRO, *este levanta-se e affastam-se ambos para a E., onde ficam a conversar...*

MARINHO

Mas isto, afinal, não é uma ceia, — é uma batalha em que ninguem está quieto! Primeiro foi a tourada, depois a saudação, agora a espinha e a briga!... Que diabo! — Nós viemos para aqui comer ou o que é que viemos fazer?

JOSÉ MARIA

Ai, filhos! E este bacalhausinho parece mesmo feito no ceu!

ALVES DE SÁ

E o vinho, ó collega, e o vinhinho?... Que paladar, que aromasinho, caramba!... Um homem, depois de beber d'isto, sente-se com força para fazer uma pega a dez toiros!... Passa cá a garrafa!

ALBERTO, *para* SANDE E CASTRO

E' por isso que te quero pedir desculpa... Eu fui exaltado, bem sei... Mas é este meu costume, que queres tu?... Exalto-me, excito-me, perco a cabeça, faço asneira!... Em coisas de medicina sou uma féra!

SANDE E CASTRO

Eu tambem te estranhei... Que diabo! Nós fomos sempre muito amigos, não é verdade?

ALBERTO, *commovido:*

Isso nem se pergunta!... Já nossos paes foram amigos!...

SANDE E CASTRO, *tambem commovido:*

Foi por isso que tambem a mim me custou... Não esperava aquillo de ti, Alberto... Palavra de honra que não esperava!

ALBERTO, *com lagrimas na voz:*

Eu tambem te juro que não esperava aquillo de ti... Somos muito infelizes!...

SANDE E CASTRO, *chorando:*

Dá cá um abraço!

Cáem nos braços um do outro, a chorar.

VIDAL, *da meza grande, apontando* ALBERTO *e* SANDE E CASTRO

Vejam... Vejam...

VALENTIM, *reparando:*

E' phantastico!

MARGARIDA

Como seria, como seria?...

CANDIDA, *explicando:*

Vinho!...

MARINHO

São extraordinarios!

Teem-se levantado todos, excepto PAD-ZÉ, *e encaminham-se para junto de* ALBERTO *e* SANDE E CASTRO

PAD-ZÉ

Lá se levanta tudo outra vez! Eu continuo a auferir!

Todos, rodeando os dois amigos, cantam um côro em que se celebra a reconciliação.

VALENTIM

A' ceia, caramba!

PAD-ZÉ

Os cavalheiros fazem-me o favor de abancar d'uma vez para todas e de não vir perturbar novamente o sagrado acto da ceia?

CORREIA, *para o* PATRÃO, *que vem entrando:*

O que vens tu aqui cheirar?

PATRÃO

Venho dizer-lhes que isto não pode continuar assim, porque vae um barulho aqui dentro que

parece um inferno! Os moradores do andar de cima já reclamaram duas vezes e uns poucos de estudantes que vinham a entrar fugiram espantados! Assim não pode ser!

PAD-ZÉ

Com que então o cavalheiro ousa descerrar o labio repontão?

PATRÃO

O que eu ouso é dizer-lhes que se continuam assim hão-de ter a bondade de se porem no olho da rua!

PAD-ZÉ

Ah sim? Elle é isso? Espera que eu já t'as canto. (*Para* CORREIA.) Ainda ha bacalhau?

CORREIA

Já lá vae todo.

PAD-ZÉ

Pois muito bem, meu caro amigo e senhor!— Passe V. Ex.ª muito bem! *(Apontando a porta:)* Por alli é o nosso caminho!

PATRÃO, *agarrando-o:*

Isso agora é que havemos de ver!

PAD-ZÉ, *exaltando-se:*

Havemos de ver o quê?... Pois então nós estamos aqui em santa reinação e tu vens impor-nos silencio?... Silencio numa ceia?...

PATRÃO, *descendo á E. baixa:*

Uma coisa é fallar, outra coisa cantorias e óperas.

PAD-ZÉ, *em segredo, para os rapazes:*

Raspem-se... Raspem-se depressa... Eu manobro!

PATRÃO

Quem vem para aqui é para comer, pagar e mais nada. Prompto.

Os rapazes e as raparigas começam a sair á socapa, em bicos de pés, a occultas do PATRÃO.

PAD-ZÉ, *descendo junto do* PATRÃO:

Pois está claro. Prompto! Promptissimo! Mas para que diabo te exaltas tu, homem?... E' evidente! Sem ordem e sem silencio ninguem se intende! Deixa-os fallar... São todos assim... Berram, escamam-se, barafustam,— mas no fundo são optimos rapazes! *Immenso bons!*

PATRÃO

De accordo... Mas isto é uma casa seria e estes barulhos desacreditam-me o estabelecimento!

PAD-ZÉ

Pois é claro! Não ha nada como o silencio... Silencio, torradas e bolos!... O silencio, menino, o rico silencio da nossa alma! (*No cumulo do espanto, vendo que já sairam todos:*) Olha... Olha... Foram-se todos embora!

PATRÃO, *num sobresalto:*

O quê?

PAD-ZÉ

Que patifaria!... Isto não se faz!... (*Fazendo menção de sair:*) Onde estarão elles?

PATRÃO, *agarrando-o:*

Perdão, perdão... O senhor é que não sae! Foi o senhor que me encommendou a ceia e, portanto, ha-de ser o senhor que m'a ha-de pagar!... Venha o dinheiro! — Uma libra!

PAD-ZÉ

Mau, mau!... Não deturpes insidiosamente os factos!

PATRÃO

Não trato de saber! Quero o dinheiro!

Entram trez estudantes: FARIA, *estudante de theologia.* ESCULAPIO, *de medicina e PRINCÊZ, de direito. Ficam ao fundo. O* CREADO *entra, recebe ordens e sae. Os trez estudantes observam o que se passa entre* PAD-ZÉ *e o* PATRÃO *e conversam entre si, sorrindo. O medico traz uma guitarra. O jurista uma garrafa de champagne.*

PAD-ZÉ

Homem, espéra!... E' verdade que fui eu que te encommendei a ceia... Está claro que fui eu... Olha a novidade!

PATRÃO

E então?

PAD-ZÉ

Mas eu fui interprete, percebes? — só interprete... Interpretrei o sentimento geral, a fome collectiva! Todos queriam comer... E eu disse: — todos queremos comer!... Ora ahi está!... Interpretei... Transmitti...

PATRÃO, *batendo no bolso do collete:*

Mas o senhor disse-me ha bocado: eu tenho *aqui* dinheiro!

PAD-ZÉ, *batendo tambem no bolso:*

Eu disse: — *aqui?*

PATRÃO

Tal e qual!

PAD-ZÉ

Pois então enganei-me! Quando disse:— *aqui,* queria dizer: — *alli,* alli, nos bolsos dos outros!

PATRÃO

Mas então ninguem me paga?

PAD-ZÉ

Ora essa! Pago eu! Eu sou lá homem que deixe de pagar?... E' bôa!... Aqui tens... *(Tirando dinheiro do bolso:)* Quanto é a minha parte?

PATRÃO

São trez tostões... Mas se o senhor pudesse entregar tambem alguma coisa por conta d'aquella conta velha que cá tem...

PAD-ZÉ

Sem duvida, sem duvida... Toma lá uma corôa.

PATRÃO

Só?...

PAD-ZÉ

Tu comprehendes... Eu tenho aqui mais dinheiro... Mas a noite está uma creança... Ainda

vou d'aqui encontrar-me com os rapazes... Depois, naturalmente, enaipamos para outro restaurante, — sem com isso pretender melindrar-te... Comprehendes que nestas circumstancias o dinheiro é tudo... E' a base, a materia prima dos futuros acontecimentos da noite!

PATRÃO, *sem comprehender:*

A base... A materia prima...

PAD-ZÉ

Bem, bem... Toma lá a coroasinha... São cinco tostões! Quinhentos reis, lembra-te bem! Quinhentos! Que diabo, é dinheiro!... — Bôa noite! (*Dirige-se á meza e fica a mexer nas garrafas.*)

PATRÃO

Raios me partam mais ao dia em que tive a idea de abrir um restaurante em Coimbra!... (*Reparando em* PAD-ZÉ:) Que está o senhor a fazer?

PAD-ZÉ, *pegando numa garrafa:*

Não é nada, homem... Deixa lá!

PATRÃO

Para onde é que leva essa garrafa?

PAD-ZÉ

E' a gorgeta... A base, a materia prima!... Não te incommodes... Bôa noite! (*Vae a sahir.*)

PATRÃO, *aparvalhado:*

A base... A gorgeta...

PAD-ZÉ, *para os trez rapazes que estão ao fundo:*

Olé, rapazes, vivam!... Adeus, Esculapio... *Princêz*... Faria... Passem bem! (*Para o* PATRÃO:) Não te incommodes! Eu fecho a porta! Adeus! (*Parando com uma idéa:*) E' verdade... Tinha-me esquecido de te dizer... Inclue a despeza dos outros na minha conta... Eu assumo a precipua responsabilidade!... Bôa noite! (*Sae.*)

O MEDICO, *descendo:*

Que trêta, este Pad-Zé!

PATRÃO

E que paciencia a minha!... Vossas Excellencias já disseram o que queriam?

O MEDICO, *indo collocar a guitarra sobre uma das cadeiras que estão junto da meza grande:*

Já. Encommendámos ao rapaz. Vê lá não demore muito, hein?

PATRÃO

E' um momento. Com sua licença. (*Sae.*)

O MEDICO

Bem... Isto já é tarde. Com certeza agora ninguem nos virá encommodar!

O JURISTA, *para* O MEDICO, *indicando a meza da E. baixa:*

Presida você, Esculapio.

O MEDICO, *para* O THEOLOGO:

Não. Presida a Reverencia.

O THEOLOGO

Tambem eu não, meus amigos. (*Indicando o pipo que está junto da meza, á extrema E.:*) Deixem-me ficar aqui, ao pé d'este pipo a que me ligam intimas recordações... Presida você, *Princêz.* (*Senta-se.*)

O JURISTA, *sentando-se:*

Não. Eu fico bem aqui. Presida você, Esculapio.

O MEDICO

Pois bem... Presidirei eu, então! (*Cumprimentando para a direita:*) A Theologia... (*Para a esquerda:*)

O Direito... (*Sentando-se*:) A Medicina! E' profundamente consoladora esta harmonia das sciencias!

O THEOLOGO, *indicando o* CREADO *que entra com trez pratos*:

O que é consolador é o que vem alli!

CREADO

Prompto, senhores doutores... A ceiasinha!

O MEDICO

Bemvinda seja ella!

CREADO, *collocando um prato em frente do* JURISTA:

As iscas... (*Em frente do* MEDICO:) O bacalhau... (*Em frente do* THEOLOGO:) A linguiça...—Que vinho desejam?

O JURISTA

Eu dispenso. Passo a abrir este Champagne!

O MEDICO

Traze-me aguardente.

CREADO

Aguardente?

O MEDICO

Sim... Parece que ficaste espantado?

CREADO

Desculpe V. Ex.ª... Mas logo assim de entrada...

O MEDICO

E depois? Tens alguma coisa com isso?

CREADO

Queira V. Ex.ª desculpar... Eu apenas perguntei... Aguardente... Perfeitamente... (*Á parte:*) E' exquisito! (*Alto:*) Foi só por curiosidade!... (*Para* O THEOLOGO:) E V. Ex.ª?

O THEOLOGO, *batendo no pipo*:

D'este, filho... Traze-me d'este!

CREADO

Já não ha. V. Ex.ª bebeu-o todo, deve lembrar-se...

O THEOLOGO

Ah, sim... E' verdade! Esquece-me sempre... Traze-me vinho tinto.

CREADO

De qual?

O THEOLOGO

Verde ou maduro. O que quizeres. Pouco me importa.

O JURISTA, *ao* CREADO *que vae a sair:*

Traze-me uma taça.

O MEDICO, *idem*:

Trez calices.

O JURISTA, *ao* MEDICO:

Desculpe você, Esculapio, mas o creado tinha razão... Com franqueza,— aguardente com bacalhau...

O MEDICO, *indicando-lhe as iscas e o Champagne:*

Champagne com iscas...

O JURISTA

Oh! Isto é outra coisa!... E' *chic,* dá relevo á ceia, bem vê você!

O MEDICO

Pois eu cá é aguardente! Aguardente de canna! Aqui, tezo! Isso de Champagne é para mulheres!... Não é assim, Faria?...— Um homem que é um homem só deve beber bebidas brancas!

O THEOLOGO, *seraphico :*

E um portuguez que é um portuguez só deve beber vinho tinto!

O MEDICO

Discordo... O que dá fibra, o que dá faisca, é a aguardente!... Posso-vos affirmar, rapazes, que ella me tem livrado de situações difficeis! (*Para o* CREADO *que tem entrado momentos antes com a aguardente, o vinho tinto, os calices e a taça:*) Enche os trez calices!

O CREADO *enche e sae.*

O JURISTA

O collega phantasia, por certo!

O MEDICO

Dou-lhes a minha palavra de honra... De situações difficeis!

O JURISTA

Essa agora!

O MEDICO

Não acredita, talvez?

O THEOLOGO

E' natural!

O JURISTA

E se o collega exemplificasse?... Alem d'isso ia entretendo o tempo...

O MEDICO

Ora essa... Com todo o prazer!

O JURISTA

Ouçamos então!

O MEDICO, *pensando um instante:*

Que lhes hei-de contar?

Erguendo a cabeça, os olhos brilhantes, como quem encontrou:

Uma aventura teza,
Cheia de côr! Ai, já não tenho com certeza
Capacidade para ao vivo a figurar!
Camaradas, perdão se acaso eu me callar!
Se uma lembrança...— Emfim, são tudo rapaziadas
De Coimbra...

O JURISTA, *como convidando-o a principiar:*

Camarada...

O MEDICO, *depois d'um ligeiro cumprimento a ambos:*

Eu conto, camaradas. —

Aos quinze annos ou dezasseis, proximamente,
Vim eu, por attenção a uma velha parente,
Todo *liró* dentro da capa e da batina,
Queimar pestanas nesta *blague:* a medicina.
Embora então caloiro, usava sempre móca,
O gorro ao vento, a capa ao hombro, o copo á
[bocca!
Nem podes calcular sequer, meu amiguinho,
O cheiro que eu largava, em toda a parte, a vinho!
Não bebi a Vinicola toda, d'um só trago,
Só porque p'ra o fazer me escasseava o bago!
Pelo que diz respeito á ambrosia divina
Na aguardente fiquei, que é mais barata e fina!
O Champagne a espumar, por optimo que fosse,
Não podia bebê-lo, — achava-o sempre doce!
Detestava a bebida fina e adocicada...
A aguardente era tudo; as outras quasi nada.
Não podia soffrer ceias calmas, serenas...
Para mim, uma ceia era a aguardente apenas!
Bebia-a a toda a hora, emfim, por qualquer coisa,
Um chinfrim, uma autopsia em velha carunchosa,
Uma lição á bola, colicas de afflicção.
— A esmola d'uma turca, a graça d'um pifão!
Corria a vida assim, descuidada e amoravel,
Numa só bebedeira heroica e interminavel,
Quando num tasco entrou, n'uma noite estrellada,
Em certa ceia bem comida e bem regada,
A maior récua de bebados que eu, por Deus,
Vi na Academia!

O JURISTA

Se visse a dos Ilheus !...

O MEDICO

Tão bebados não eram, irra, com certeza !
A primeira cardina da sucia, a mais teza,
Era um rapaz de pança grande e avantajada,
Um copo d'alto-lá, um comilão d'Almada!

O THEOLOGO, *espantado*

Oh!

O MEDICO

Sob o buço negro, a bocca, quando a abria,
Via-se que lá dentro um litro caberia!

O THEOLOGO *e* O JURISTA, *espantadissimos*

Oh!

O MEDICO

Eu peço perdão se exagéro, rapazes,
Mas sempre queria ver se eram vocês capazes
De aquella bocca olhar sem se porem aos ais!
Se elle descesse á adega, eu não bebia mais!
Ver uma bocca assim — ó rico S. Martinho! —
Virar, d'um trago só, quatro litros de vinho!...
Passava-sè isto alli no tasco do *Faisca,*
Tresandando a chouriço, a bacalhau, a isca,
E a cabritos de vinho verde e carrascão !

Num desfallecimento, escondendo uma lagrima :

Ai o que eu bebo agora—e o que eu bebia então!
Se não me engano, elle pediu iscas com ellas
(Numa porção capaz de encher cincoenta guellas),
Exactamente eguaes a essas que petiscas...
Mas sem elle, sem elle, quem comeria as iscas?...
Nisto, ia já no fim a minha longa ceia
E seriam talvez umas duas e meia,
A voz d'elle escutei, já bem rouca e avinhada,
Dizer: «Eh lá, Faisca! Traz mais uma canada
De vinho verde novo e sete de maduro!
Quando, no fim da borga, vier o bife duro,
Beber-se-ha todo o resto e...» Não ouvi nada mais.
Inda senti cá dentro umas ganas mortaes
De beber de aguardente uns dois litros a secco
Para assim lhe mostrar quem era cá o meco!
Mas contive-me. «Não. Logo é melhor.»—disse eu.
Quando acabou a ceia era tarde. Nasceu
Um triste sol de hynverno. Elles, ainda á meza,
Bebiam sem parar. Cardina assim tão teza
De Velasquez lembrava o quadro dos *Borrachos,*
Cahidos para o lado, bebados como cachos!
Para ao pé d'elle então andei com mil cautellas,
Ergui, alto, o meu copo...—e agora é que são ellas!
Diz-se: aguardente e mulher, agarra-as bem, com [gana!
Mas sempre é forte a mão quando a aguardente [é *canna!*
Enchi-me de tezura e (estaes a vêr, é graça!)

Sósinho contra vinte copos de cachaça,
Contra toda uma adega inteira expondo a vida,
O gorro á banda, a capa ao hombro, a *canna*
[erguida,
Bebi, bebi, bebi, — té ficar como um carro...

Bebendo, numa furia, dois calices de aguardente

Assim... Assim...

O JURISTA, *impedindo-o de beber mais*

Por Deus! Olha que não é barro!

O MEDICO

Se não bebi toda a aguardente, nesse dia,
Foi para não matar á sêde... a Academia!

O THEOLOGO, *profundamente admirado*

Vinte copos, caramba! O amigo não augmenta?

O MEDICO

Vinte? — Trinta! Ou talvez, contando bem, qua-
[renta!

O JURISTA

E diga lá: — a récua?

O MEDICO

Ah! Desappareceu!

O THEOLOGO

E o comilão?

O MEDICO

Sei lá!

O JURISTA

Quê? Não o seguio?

O MEDICO

Eu

O JURISTA

Não o tornou a vêr?

O MEDICO, *tristemente*

Nunca mais o vi, não!
Pois bebi mais um copo — e cahi para o chão!

O JURISTA

No seu caso, Esculapio, eu...

O MEDICO

Diga...

O JURISTA

Se o consente..

O MEDICO

Não fazia o que eu fiz?

O JURISTA

Indiscutivelmente.
Mandava abrir Champagne, francez ou nacional,
Enchia quatro taças de optimo crystal,
E, desdenhoso, o bruta-montes affrontando,
Num gesto enorme as quatro taças apontando,
Diria, em voz repleta d'insolencias loucas:
« Camarada, perdoae, bater-me... com tão poucas! »

O MEDICO

Boa piada!

O JURISTA

Não é?

O MEDICO

Pena não me lembrar...

Com grande tristeza na voz

Agora é tarde já para eu lh'a atirar!

O JURISTA

Tinha piada...— Uma ceia, emfim, pensando bem,
Não é só aguardente, é Champagne tambem,

*

A doirada bebida *smart* que incendeia,
Que enche a noite de graça e enche de vida a ceia!
Qualquer coisa de loiro e capitoso e ardente
Que nos faz ter piada, inconscientemente,
Perturba, sobe, aquece e tem um poder tal
Que até de graça veste a ceia mais banal...
Sem Champagne, dizei, a ceia o que seria?
Uma coisa brutal, semsaborona e fria,
Sem belleza, sem *chic* e sem juntar, com graça,
A vida numa noite e a noite numa taça!
C'uma taça na mão, até a offensa é linda!
Será fina a aguardente; cá isto, — é mais ainda!
Vasto manancial de espirito e de veia...
Abre-se uma garrafa ao começar a ceia,
Bebe a gente, a valer, numa alegria louca,
E acorda de manhan sem mau gosto na bocca!
Se a aguardente vence o homem, se é bello vencer,
O Champagne faz mais, — porque vence a mulher!
No meu tempo, no tempo de caloiro,

Tirando um cigarro d'uma carteira que o MEDICO *lhe estende*

(Acceito.)
Fui o que inda hoje são caloiros de direito,
Botas de polimento, a calça muita teza,
Collarinho brilhante e bôa luva ingleza,
Sempre a beber Champagne e a chupar num La-
[Férme
Pelas salas feudaes do gordo Zé Guilherme.

Como isso já vae longe! Ai quem me déra lá!
Quem me déra!—Um dia, num baile, o Alves de Sá
Tocava na guitarra um fado que gemia,
Um mimo, o que ha de mais Alfama e Mouraria!

Querendo recordar-se e cantando

La-ri, la-ra, la-ri...

Suspendendo, tristemente

Já não me lembro bem...

Tudo passa!

Tentando de novo recordar-se

La-ri, la...—Nesse instante, alguem,
Uma tricana que eu já vira, casualmente,
Encostada ao balcão, a beber aguardente,
A linda Isabelinha, uma deusa, um assombro,
Poisou, a cambalear, a mão sobre o meu hombro
E disse, numa voz avinhada: «*Princêz*,
Stás bebado.» Sorri. Nisto, segunda vez:
«Borracho.» Ri ainda. Ah! meus bons camaradas!
Uma mulher bonita a dizer gallegadas
E' a coisa menos *smart* e menos Pompadour
Que pode imaginar-se! E' como se uma flor
Desatar a berrar, numa furia de morte,
Contra as douradas mãos d'uma mulher que a
[corte...

Nisto, terceira vez: «*Princêz,* sae-te p'ra lá!»
Já não ri. Na guitarra, inda o Alves de Sá
Gemia lindos, tristes fados lusitanos...

Querendo ainda lembrar-se

La-ri, la-ra, la... Não... *La-ri...*

Numa grande expressão dolorosa

Ha quatro annos!
Não me lembro... O Champagne!

Vendo de repente a guitarra e erguendo-se

Ah, talvez... Pode ser
Que o consiga tirar nesta banza. Vou ver.

Dedilhando um momento a guitarra, de pé, e continuando a fallar para os dois estudantes emquanto vae tocando

La-ri, la-ra...—Então, avancei, camaradas.
E, as guias do bigode assim arrebitadas,
O corpo firme, ao hombro a capa, á moda antiga,
Curvei-me ante essa linda e branca rapariga
E disse: «A tua mão. Oh! dá-m'a, Isabelinha...
Não me descomporás d'aqui a um nadinha».
Mandei abrir Champagne. Ella — estáes bem a [ver!—
Dava-me a impressão d'uma esponja a beber,
Uma esponja ligeira, esponja transparente,
Que chupava, chupava interminavelmente,

Como um *baby* de mama, insaciado e loiro,
Desde a espuma branca ao liquido cor d'oiro,
O Champagne Clicquot, doirado e espiritual,
Vendido por francez, — apenas nacional,
O Royal — Anadia, o Pommery — Bairrada!

Ao MEDICO, *que está mais proximo*

Já não me lembro do que disse, camarada,
Mas devia ter tido uma piada infinita,
Lisonja que fascina ou graça que palpita,
Gracejo espirituoso ou preciosa falla
Que lhe deu a impressão de que eu viria a ama-la,
Piada estonteadora aos olhos da mulher
Que p'lo beicinho a põe e faz d'ella o que quer!
La-ri... Callou-se a banza, emfim, chorosa e bella.
Meia hora depois, no vão d'uma janella,
A branca Isabelinha, apaixonada, louca,
Unindo ao meu bigode a pequenina bocca,
Dizia-me a sorrir: «Como eu te amo, *Princêz!*»
— O Champagne vencera inda mais uma vez!
E emquanto o Alves de Sá, na guitarra...

Tocando, á procura, num desespero

Não sei...

La-ri, la-ra...

Depois, numa explosão subita de alegria,
sentando-se a tocar

O fado! Achei! Achei! Achei!

La-ri-ra, la-ri-ra...

O MEDICO, *erguendo-se e aproximando-se do* JURISTA

O collega jurista
Consente uma pergunta ácerca da conquista?

O JURISTA, *acabando de tocar*

Era lindo, o tal fado!

O MEDICO, *sorrindo*

E' que para vencer
A' força de Champagne uma simples mulher,
Parece-me de mais a sua meia hora!

O JURISTA

Oh! Pois acha, Esculapio?

O MEDICO

A piada... demora!
Um comilão d'Almada, enorme e omnipotente,
A' força venci eu de copos d'aguardente!

O JURISTA, *numa ironia, ao* MEDICO

Mandasse abrir Champagne... O Esculapio veria...
Passava a meia hora... — e não o venceria!

Ao THEOLOGO, *que pensa, n'uma attitude quasi d'extase*

E a Reverencia o que diz?

O MEDICO, *acercando-se tambem do* THEOLOGO *e tocando-lhe nas costas*

Em que pensa, Faria?

O THEOLOGO, *como quem acorda, os olhos cheios de luz, a expressão transfigurada, a voz pastosa*

Emquanto é differente a turca em theologia!
Nem aguardente, nem Champagne... Isso é que [não!
E' a ceia vinho verde... A ceia carrascão...
Uma caneca... Um litro... Um almude a pagar...
Um gajo que se entorta e que se vae deitar!...
Tão simples tudo! Ceia que de *verde* se inflora...
Em sendo forte,— firme; em sendo fraco,— fóra!
O pifão portuguez... o horror á agua fria...
Ai, como se embebeda a gente em theologia!
Abrir um pipo á noite e ir p'la ceia fóra
Exgotando esse pipo até nascer a aurora,
Numa ternura casta e num amor bem puro,
Sem saber distinguir entre o *verde* e o *maduro*...
Fazer vibrar a lingua em seccos estalinhos,
Como se em communhão se entendessem os vinhos,
Como se todo o vinho um só fora sómente...
Ai, como é differente! Ai, como é differente!

O MEDICO, *num espanto*

O quê!... Você tambem?...— Theologo?

O THEOLOGO, *imperturbavel*

Inda o diz!
Pode-se lá viver, cear,—ó imbecis!—
Sem beber a fartar, sem pezo e sem medida,
O vinho tinto,— unico amor da minha vida!
Se bebi! Se bebi!...

Enternecido, olhando e afagando amorosamente o pipo que está perto

Teria quatro almudes...
Mas esses quatro tinham todas as virtudes:
A luxuria, a soberba, a gula e a cubiça!
Não havia melhor p'ra acompanhar linguiça!
Enorme não seria... Ah, não... Talvez não fosse..
Mas que *bouquet* subtil e que sabor tão doce!
Chamava-lhe eu, a rir, a minha sacristia...
Eu bebia-lhe tanto! Eu tão minha a sentia!
Toda a gente dizia aqui no restaurante:
« Não ha vinho melhor para aquelle estudante,
Nem em adega antiga existe egual pinguinha! »
E eu, bebendo-a, dizia: E' minha! E' minha! E' [minha!
Quanta vez, quanta vez, cançado de entornar,
Me ficava a olhar assim p'ra elle, a olhar,
O copo inda na mão, vasio... o beiço doce...

Numa grande expressão de dor

Era grande, talvez, mas um dia...— acabou-se!
Uma noite o meu pipo, a minha luz... morreu!

Numa revolta angustiosa

Se tinha de acabar, para que o provei eu?
Para quê! Para quê!

O JURISTA, *ao ve-lo erguer-se, amparando-o*

Oh! Reverencia...

O MEDICO, *curvando-se tambem para o amparar, commovido*

Que sécca

O THEOLOGO

Pois se fiquei tramado *ao pintar da fanéca!*

O MEDICO

Reverencia!

O THEOLOGO, *caindo sobre a meza, a soluçar*

Tramado! Ai, tramado! Tramado!
Cuidei que fosse inexgotavel e sagrado,
E exgotou-se... E exgotou-se!

O JURISTA

Reverencia...

O THEOLOGO

Conclusão:

Jurei fidelidade eterna ao carrascão!
Com elle hoje me deito e acordo ao levantar!

O MEDICO, *ao* JURISTA, *limpando uma lagryma fugitiva, emquanto um relogio dá trez horas*

Só elle, de nós trez, se soube embebedar!

CAE O PANNO, LENTAMENTE

TERCEIRO ACTO

No Penedo da Saudade.

O panno do fundo representa a vista do valle numa noite de lua cheia. Perspectiva immensa de campos e de montes... O Mondego, como uma fita de prata, corre na paysagem.

Nos dois lados da scena, pedras enormes cobertas de verdura. Ao F. alguns bancos de pedra eguaes aos que estão no Penedo da Saudade; veem-se sobre elles guitarras e violões. Á D., estendidos no chão, embrulhados nas capas, dormem alguns dos estudantes que no acto anterior tinham estado na ceia; descançam as cabeças no regaço das raparigas que estão sentadas junto d'elles.

Á E., primeiro plano, os outros estudantes, e alguns mais, conversam em voz baixa.

TERCEIRO ACTO

SANDE E CASTRO, *entrando*

Nada feito?

MARINHO

Não, nada.

SANDE E CASTRO, *furioso*

Espiga!

FRANCISCO D'ALBUQUERQUE

Que massada!

SANDE E CASTRO

Não ha meio?

JOSÉ MARIA

Nenhum!

MARQUES

E é quasi madrugada!
E nós aqui, ha duas horas, co'as tricanas
A vê-los para ahi cosendo as carraspanas!
Que espiga!

ALVES DE SÁ, *num bocejo*

E' já tão tarde!

CARLOS

Então não ha remedio?

MARINHO

Não vejo...

CARLOS

Pois nem eu!

VALENTIM, *espreguiçando-se*

Ai, santo Deus, que tedio!

CANDIDA

E a gente não se deita?

MARGARIDA

Isso sim!...

F. D'ALBUQUERQUE

Que massada!

MARINHO

Não sairão d'aqui?

F. D'ALBUQUERQUE

Só se fôr á paulada!

MARQUES

Vejamos outra vez...

Dirige-se ao estudante que está deitado aos pés de CANDIDA *e debruça-se sobre elle.*

CANDIDA, *tentando desperta-lo*

Vamos embora, anjinho?...

MARQUES, *sacudindo-o*

Não sejas tão teimoso...

MARINHO, *idem*

Anda-te embora...

PRIMEIRO ESTUDANTE, *numa voz de sonho*

Vinho!

MARINHO

Que espiga!

MARQUES, *indo a outro estudante*

E tu, Francisco, não te faças mau...
Vamos p'ra casa... Vamos...

MARINHO, *ao mesmo estudante*

Anda...

SEGUNDO ESTUDANTE, *num ronco*

Bacalhau!

JOSÉ MARIA

Foi *de caixão á cova!*

F. D'ALBUQUERQUE

E a gente que os aguente!...

PAD-ZÉ, *que se tem levantado, a cambalear, muito bebado*

Quero pedir-vos um favor *in continente!...*

SANDE E CASTRO, *furioso*

Outro!...

PAD-ZÉ

Outro quê?

SANDE E CASTRO

Vá... Dize lá...

PAD-ZÉ

Então lá vae...

Lá vae... Vou fallar!...

VALENTIM

Isto é que eu estou massado!

PAD-ZÉ

Não ignoram vocês como eu sou desgraçado... Sim... Muito desgraçado... Muito... Intimamente... Infeliz *como burro!*

Para MARQUES, *como se este o tivesse interrompido*

Hein?...

MARQUES

Perfeitamente!

PAD-ZÉ

Todo eu sou desgraça!... Aos pontapés da sorte,
Resolvi ir pedir asylo e paz — á morte!
Palavra de honra!... Juro-vos que fallo a serio!...
Vou descançar, emfim, na paz de um cemiterio!...
Quero que *me suicidem!*...

JOSÉ MARIA

Ena, pae... que cacho!

PAD-ZÉ, *tragico*

Dormir... dormir... sonhar... ser ou não ser...

MARINHO, *concluindo*

Borracho!

PAD-ZÉ, *para* MARINHO

Disse.

Continuando

...Eis o *busilis!*... Neste grave momento
Vou fazer-vos um triste e breve testamento!

*

MARQUES

Faltava-nos mais esta!...

PAD-ZÉ, *numa voz terrivel*

E que ninguem se affoite
A duvidar de mim!

MARQUES, *solemne*

Ninguem!

PAD-ZÉ, *muito lyrico*

Que linda noite!...
O Penedo... O luar... A lua... Esta poesia...
Ah! Como tudo isto tem philosophia!

VALENTIM

O testamento, vá!

F. D'ALBUQUERQUE

Desembucha!

PAD-ZÉ, *fallando a varios estudantes, successivamente*

Em primeiro
Lugar, quero deixar-te a ti, bom companheiro,
Este sumptuoso annel de rubis africanos
Que me deu a maman no dia dos meus annos!...

A ti, amigo, — a lua!... A ti, — as velhas, rotas,
Cambadas, mas outr'ora afiambradas botas!...
A ti, meu friorento, — o lindo sol doirado!...
Estrellas... vá lá... quinze — áquelle depennado!...
As sebentas, — p'ra ti!... P'ra ti,—bellos romances
Que me valeram lá na aula em tristes lances!...
Aos agiotas, — as lettras!... O vinho, — aos bebe-
[dores!...
Aos lentes, — a sciencia... E as dividas, — aos
[credores!

MARQUES, *cumprimentando*

Bonito!

PAD-ZÉ

Amigos meus... Já a morte descerra
meu cançado olhar as portas da...

(*Cambaleia e vae para cahir...*)

MARINHO, *amparando-o*

Eh!...

F. D'ALBUQUERQUE

Terra!

PAD-ZÉ, *caindo*

Qual terra nem qual lua!... Nunca!

F. D'ALBUQUERQUE

Isso é que vaes!

MARINHO

Aguenta-te, Pad-Zé...

PAD-ZÉ, *deixando cahir a cabeça no regaço d'uma rapariga*

Já não aguenta mais!

MARQUES

Calou-se o massador!

VALENTIM

Mas a massada augmenta!

JOSÉ MARIA

Já viste alguma egual?

ALVES DE SÁ

E' peor que uma sebenta!

MARQUES

Mas nenhum de vocês, então, — parece incrivel!
Se lembra d'um pretexto?

F. D'ALBUQUERQUE

E tu?

MARQUES, *descorçoado*

E' impossivel!

MARINHO

Que noite, santo Deus!

VALENTIM

Que massada!

SANDE E CASTRO, *descendo, num grito*

Uma idéa!

F. D'ALBUQUERQUE

Ha-de ser fresca!

SANDE E CASTRO

...E por signal que nada feia!

MARINHO

Anda... Vê se nos livras d'esta entalação!

SANDE E CASTRO

Não é original, mas tem applicação!

VALENTIM

Deixa as applicações em paz e dize lá!

MARQUES

E' preciso acabar com isto!

SANDE E CASTRO, *reunindo os rapazes em volta d'elle*

Escutem cá...
No *Cyrano,* no quarto acto, quando todos
Os cadetes gascões,—tristes, prostrados, doudos
De fome, a coragem começam a perder
(A revolta a surgir... O animo a fallecer...),
Para lhes dar alento e p'ra lhes dar valor
Cyrano evocou com palavras de amor,
Ao som de uma aria onde um pastor lagrymas
[punha,
A longinqua provincia, a terra da Gasconha,
A paysagem saudosa, o valle e o verde mar,
A mocidade alegre e a doçura do lar!...
Esquecidos da fome, os cadetes choravam...
E ao som das arias que da patria lhes fallavam
A coragem voltou, força, vigor e alento,
Porque uma frauta lhes fallou por um momento
Na paysagem, no valle e no saudoso lar...

MARINHO

Porém, porque razão...?

MARQUES

Onde queres tu chegar?

SANDE E CASTRO

A isto... Ouçam vocês e prestem-me attenção.

Na orchestra, em surdina, os violinos começam a tocar motivos do fado...

Elles dormem além, caidos pelo chão,
Ensopados em vinho, alheados a tudo,
A alma perdida, inerte o olhar, o labio mudo...
Só uma coisa existe, creiam, neste instante,
Capaz de reanimar uma alma de estudante...
Que existe sempre, sempre,—heroica, viva, accêsa,
Em todo o coração, toda a alma portugueza...
Que as lagrymas arranca e que nos faz cantar,
Que nos ensina a rir e nos ensina a amar...
Saudade que soluça um coração maguado...

VOZES, *interrompendo-o, cheias de curiosidade*

E o que é?... O que é?...

SANDE E CASTRO

O que é?... Rapazes,— é o fado!

Os violinos suspendem o fado.

VOZES, *numa admiração*

O fado!...

SANDE E CASTRO

O fado, sim!... Somente o fado agora
Os poderá fazer sair d'aqui p'ra fóra!

MARQUES

Vamos a isso...

SANDE E CASTRO

Vá... Mas demos ao local
Um certo ar de serenada medieval,
Aproveitando a luz longinqua da manhan
Numa decoração romantica *á Rostand!*
Que as banzas e os violões, num gemer desespe-
[rado,
Acordem todo o valle ao som de um triste fado
De um fado onde palpite e vibre e se desfaça
Toda a tristeza, toda a dor da nossa raça!

Voltando-se para alguns rapazes que teem ido ao fundo pegar nos instrumentos

Peguem nessas guitarras... Vá... Nos violões...
Que chorem nesse fado os vossos corações!

Indicando lugares aos rapazes que teem instrumentos

Sobe tu p'ra acolá... P'ra o alto... E tu p'ra além...
Para alli, os violões... Tu ficas alli bem...

Os rapazes collocam-se nos lugares indicados

Lembrae por um momento um Poeta-trovador
Cantando a sua dama uma canção de amor!
A cara levantada... Assim... Olhem p'ra mim...
Erguei os instrumentos, altos... Mais... Assim...
De forma a poder dar na noite enluarisada
Uma impressão cavalheiresca e de ballada!

Os rapazes que estão de pé, em cima dos penedos, com as capas caidas ou traçadas, erguem os instrumentos em poses e attitudes romanticas.

SANDE E CASTRO

Tocae!...

E, no meio de um silencio absoluto, as guitarras, acompanhadas pelos violões, atacam tristemente um fado todo em gemidos e ais...

SANDE E CASTRO, *olhando successivamente tudo*

O valle... As capas... Banzas... Lua cheia... Raparigas bonitas...

Satisfeito

Não foi má, a idea!

Dirigindo-se a CARLOS

E agora tu, poeta, acorda os corações
Ao soluçar da banza, ao choro dos violões,
Emquanto pela noite ascende de mansinho
Um lindo fado, muito triste e choradinho!

CARLOS

Mas o que hei de eu dizer?

SANDE E CASTRO

Tu sabes bem...

CARLOS

Sei lá!

SANDE E CASTRO

Escusas de pensar...— A inspiração virá...
Pois nunca ella faltou, jámais, uma só vez,
A quem um fado ouvio,— bem triste e portuguez!

Conversam ainda um momento em voz baixa. CARLOS *resolve-se, afinal, e avança para o centro da scena.*

CARLOS, *para os que estão deitados*

Ouvi...— Como um soluço immenso que se esvae...

Interrompendo-se, para os que tocam

(Guitarras, em surdina!...

Para os outros

Amigos, escutae!...)

Continuando

E na estrellada noite ascende e geme e chora,
Assim das banzas desprendendo-se nest'hora
Um fado sobe, amargo e tragico, no ceu...
Tudo o que na nossa alma um dia já viveu
Revive agora alli... Na extranha evocação,
Naquella voz que tanto falla ao coração,
No harpejo languido e nas notas arrastadas
Que trinam como um beijo e ferem como espadas,

Palpita e vive — alli — nosso destino inteiro,
Desde o primeiro berço ao berço derradeiro!...
E elle falla de tudo, o antigo e triste fado...
Das saudades que vêm na névoa do Passado,
Memorias d'outra vida,— as noites á lareira
No hynverno, quando ha riso em volta da brazeira,
Os poentes no outomno, á beira dos caminhos,
E as aves a cantar na emigração dos ninhos!...
Evoca (vós sentis...) noites de lua cheia,
Lá muito longe, numa fresca e branca aldeia,
Quando p'las ruas silenciosas e calladas
Vós passeaveis em nocturnas serenadas...
Certa janella, então, se abria com cuidado...
E emquanto a vossa voz cantava o lindo fado
Em cantigas de amor, — em cima, na janella,
Tremula e branca, ella escutava...— Porque era
[*Ella,*
Ella, a amorosa noiva, pallida e mesquinha,
Que lá ficou, tão longe, a soluçar, sósinha,
E em lagrymas agora evoca o seu amor!

Voltando-se bruscamente para os que tocam

Eh, guitarras!... Mais fundo soluçae... Mais dor,
Mais amargura nessas cordas .. Vá... Tocae
Com alma e coração... E vós, violões,—chorae!

Uma dôr inenarravel e infinita agita-se e geme nas guitarras...
— Voltando-se novamente para os que estão deitados

Vamos, amigos meus, ouvide bem agora!
Escutae com amor a doce voz que chora

Nas notas que se evolam, puras, maguadas,
E se perdem no ceu em trillos e revoadas!...
Ah! Quando, dentro em pouco, a voz, como um [incenso,
Se desprender, subir e voar no espaço immenso,
Fallar-vos-ha de tudo, a doce voz amiga!
E ouvindo alguma ingenua e popular cantiga
Vós chorareis, amigos... Sim, heis-de chorar...
Pois nessa trova alguma coisa ha-de fallar
Aos vossos corações,— que é vossa e muito vossa,
Que é toda a vossa alma portugueza e moça,
Que é toda a vossa vida, a vossa mocidade
Tão cheia de tristeza e de fatalidade
E d'uma extranha dôr que não existe egual...
Eh! Vamos... Escutae,— moços de Portugal!

Olhando o ceu, num enlevo

Estrêllas onde o olhar se fixa, fascinado[1],
Quando na noite ascende e chora um triste fado...
Tu,—lua eterna e branca,—ó companheira antiga
Das noites de bohemia, á doce luz amiga
Do claro luar azul...— Astros familiares,
Que já de cór sabeis as trovas e cantares
Que sobem d'este val' nas ondas do luar,
Parae no vosso giro,— ó astros! — a escutar
Lá, no alto ceu, a branda voz que se desprende
Num soluço maguado e em lagrymas ascende

[1] Os doze versos seguintes foram supprimidos na representação.

No firmamento azul, doce e mansa, de rastros,
P'ra ser por vós ouvida e muito amada,—ó astros!...

Com energia, para um dos rapazes que tocam

Vá... Desprende essa voz agora com paixão,
Imprime-lhe muita alma e muito coração...
Soluça bem a trova, enche-a de magua e dôr...
E dá-lhe muito choro e soffrimento e amor,
— Pois ninguem póde ouvir e amar o triste fado,
Se não fôr bem gemido e não fôr bem chorado!...

E a um gesto de CARLOS, — *uma voz ergue-se, cantando um fado em que ha ais e gemidos que dilaceram...*

UMA VOZ, *cantando* :

Eu não sei quem fez o fado
Mas tenho d'isto a certeza;
Quem lhe deu tanta tristeza
Amou e não foi amado [1]!

Dae-me a guitarra e o fado
E bemdirei minha sorte,
Quero ouvi-lo até na morte,
Ser com elle amortalhado!

A pouco e pouco, os rapazes teem ido despertando, levantando as cabeças... As raparigas amparam-nos e ajudam-nos a erguer-se... Todos estão tristes, visivelmente commovidos, — e em

1 Esta quadra e as seguintes foram recolhidas da tradicção oral.

alguns olhos marejam mesmo lagrymas... Conservam-se um momento immoveis, perdidos nas tristezas de que o fado falla .. E A VOZ *canta sempre:*

Ao Penedo da Saudade
Todos se vão recordar...
Todos dizem: «Bem me lembro...»
Todos voltam a chorar!

Obedecendo a gestos de SANDE E CASTRO *e de* CARLOS, *os rapazes que tocam e o que canta vão descendo dos penedos para onde tinham subido no começo da scena. Tocando e cantando sempre, dirigem-se para a D., por onde vão saindo, segundo as indicações que lhes dão os dois estudantes mencionados...*

O' noitadas de Coimbra!
O' pallidas madrugadas!
No meu peito ainda vibra
O chôro das guitarradas!

Já vem raiando o sol... O luar desmaia na paysagem...— Aos rapazes que ficam em scena vão-nos empurrando brandamente para fóra. E todos vão saindo, cabisbaixos, tristes, arrazados pela noitada, amparados pelos que estavam em scena no começo do acto e pelas raparigas que os acompanham, arrastando-os,— emquanto fóra, já muito longe, mesmo depois de a scena ficar deserta, durante a descida, muito lenta, do panno, se ouve A VOZ *cantar ainda:*

Coimbra: tenho saudades
Do Choupal erguido além...
Do Penedo da Saudade
Saudades tenho tambem!...

EPILOGO

Num sitio imaginario. Num imaginario dia em que os rapazes, já formados, vão partir de Coimbra.

Da D. alta parte uma estrada que sobe em curvas, em varios planos, indo dar a uma porta, — a Porta-da-Vida, encimada pela legenda da porta do Inferno de Dante : — **Lasciate ogni speranza, ó voi che entrate.**

EPILOGO

Quando sobe o panno, ALVARO SERENO *e* ALBERTO MARQUES *conversam em voz baixa.*

JOÃO CASTELLO-BRANCO, *entrando*

Ainda não chegou ninguem?

ALBERTO MARQUES

Não, mas não devem tardar.

CASTELLO-BRANCO

Parece que lhes custa a sair... Vocês já cá estão ha muito tempo?

MARQUES

Ha bocado. Temos estado a trocar impressões, a lembrar toda essa vida que vae desapparecer em breves momentos, logo que passemos aquella Porta!

*

CASTELLO-BRANCO

Pois é hoje!

ALVARO SERENO, *triste:*

É hoje, sim!

CASTELLO-BRANCO

E' hoje, finalmente!

MARQUES

E afinal,— é estranho! — no momento da partida eu proprio sinto que estou triste!

CASTELLO-BRANCO

Triste tu, tambem?

MARQUES

E' verdade. Durante estes cinco annos não se passou um só dia, creio eu, um unico em que me não lembrasse alegremente de que este dia haveria de chegar,— a hora bemdita em que diria para sempre adeus a Coimbra.

CASTELLO-BRANCO

Pois ei-la chegada, emfim!

MARQUES

Ei-la chegada... Mas, em vez de toda a alegria que tantas vezes sonhei, vou partir triste, levando na alma qualquer coisa que te não sei bem dizer o que seja.

CASTELLO-BRANCO

Sei eu!

MARQUES

Tu?

CASTELLO-BRANCO

Estás triste só por uma razão: — porque ha muitos seculos é costume sair-se triste de Coimbra!

SERENO

Ora adeus!

CASTELLO-BRANCO, *para* SERENO

E' como digo. *(Para* MARQUES) Podes ter a certeza. Arranca por um momento de cima de ti o pezo de uma enorme tradição, hypocritamente, snobmente sustentada ha vinte annos para cá, — e verás que a partida de Coimbra te não deve offerecer nem motivos de tristeza, nem motivos de saudade. Todos nós hoje, ao sair de Coimbra,

devemos ter uma unica exclamação e uma unica phrase: Uf! Até que emfim!

SERENO

Resta saber se essa exclamação e essa phrase serão justificadas pela vida que nos espera agora... Parece-te isso?

CASTELLO-BRANCO

Não sei... E afinal é possivel que não,— o que nada faz para o caso.

MARQUES

Sim. Tens razão!... E' bom partir, deixar esta atmosphera infecta e mesquinha de Coimbra, ir viver uma vida mais larga e mais pura!

SERENO

Oh!... Mais pura...

MARQUES

Sim, livre de todas as pequenas miserias e de todos os pequenos sentimentos que vegetam em Coimbra!... Eu, meus amigos, no momento de partir, olho para a minha vida de estudante sem uma lagryma e sem uma saudade! Passei muitas

horas amargas durante estes cinco annos, soffri contratempos de todas as especies. Vi-me obrigado a estudar quando me apetecia não fazer nada. Encontrei-me sem dinheiro quando pretendia divertir-me. E as proprias horas alegres que raras vezes tive vi-as sempre amarguradas pelo espectro das sebentas, das licções e das aulas! Enfastiei-me, abhorreci-me, soffri horas de um tedio mortal. Vi os dias passarem monotonamente uns sobre os outros, com rarissimas e insignificantissimas variantes. E no fim de contas,— o que fizemos nós?... O que deixamos nós?... O que é que levamos?... O que foi que vimos?... Nada. Absolutamente nada. As proprias coisas genuinamente pictorescas, as legendarias coisas de Coimbra, tudo isso que durante annos nos fez desejar ardentemente a vinda para esta terra, — tudo desappareceu!... Do antigo estudante, legendario e roto, trovador e lyrico, só ficou a memoria...— E ficámos nós, velhos de vinte annos, cheios de gravidade e de conselheirice, sem brilho e sem destaque de especie alguma. A bohemia, a classica, a celebrada bohemia, está reduzida a cinzas; — só a vi em rotulos de garrafas de cerveja! A banalidade campeia. O estudo escravisa. A mocidade foi uma clausura.

SERENO

Sonhaste muito!

MARQUES

Sonhei... Sonhei demais,— mas toda a gente me ensinava a sonhar assim! E é porque vi depois que esse sonho não passava de uma illusão e de uma mentira, que agora, ao partir, (*Para* CASTELLO-BRANCO) digo como tu: Uf! Até que emfim!

CASTELLO-BRANCO

Ah! Mas o peor ainda não foi isso, meu amigo! Houve peor, houve infinitamente peor!

MARQUES

Peor do que isto?

CASTELLO-BRANCO

Sim, peor... Muitas outras coisas que me fazem partir d'aqui, senão alegre, pelo menos com indifferença. E queres tu saber o que é?

MARQUES

O que é?

CASTELLO-BRANCO

Toda a gente o pensa, mas ninguem o diz... E' a profunda baixeza moral a que chegaram as gerações da actual Coimbra.

SERENO, *extranhando a palavra*

Baixeza?

CASTELLO-BRANCO

Ou como lhe queiras chamar. Durante esta formatura, vi, observei alguma coisa mais profundamente lastimavel do que a massada das licções, o terror das colicas, o desapparecimento da bohemia e as faltas de dinheiro...—Foi a falta de consciencia e, embora isto pareça brutal, a falta de dignidade. Perdeu-se tudo. Creio que não se vendeu, — mas o que é um facto é que se perdeu. (*Para* MARQUES) Dize-me uma coisa: tiveste aqui amigos, embora poucos, não? — bellos e honestos rapazes a quem te affeiçoaste e dedicaste?

MARQUES

Certamente. Porquê?

CASTELLO-BRANCO

Muito bem... D'esse numero, certamente muito pequeno, de amigos que conquistaste aqui, não recebeste senão provas de amizade, não é verdade?

MARQUES

Nem sempre... Algumas vezes me arrependi de considerar certos rapazes como amigos...

CASTELLO-BRANCO

Isso já é velho. A minha questão é outra. Suppondo que tiveste amigos que sempre se te revelaram como amigos, que attitude desejarias tu ver nas outras pessoas que te rodeavam, que tu mal conhecias, muitas das quaes nem mesmo conhecias?... Indifferença apenas, não?

MARQUES

Com certeza.

CASTELLO-BRANCO

E foi isso que viste?... Foi isso que encontraste em volta de ti?... Não. Encontraste apenas linguas que te abocanhavam, invejas de toda a especie, a intriga a fervilhar a cada canto, a imbecilidade e a maldade campeando livremente. A lealdade converteu-se numa chyméra. A decantada solidariedade academica não passa de uma illusão e de uma hypocrisia. A maledicencia, triumphante, arvorou estandarte, converteu-se num principio e numa base de vida. Viste um rapaz de talento fazer um bom livro de versos, um poema, um romance, uma peça de theatro? — Viste immediatamente a critica de Coimbra, a critica dos cafés, saltar-lhe em cima, abocanha-lo, chasquea-lo, ridiculisa-lo! Fizeste um favor a um rapaz? Obsequiaste-o? Foste amavel para com elle? — Qual

foi a retribuição?... Elle saiu de tua casa, riu-se de ti, troçou-te, chamou-te *pato* — e no fim, depois de tudo isto, dá-te um pontapé! Tens dinheiro e consentes que os outros t'o ajudem a gastar? — És um optimo rapaz, um grande caracter, uma joia, — chegas a ter talento! Tens dinheiro, mas vives honestamente, mettido comtigo, isolado, melhor ou peor, conforme entenderes? — A opinião academica chamar-te-ha idiota, o teu nome servirá de pasto a troças e a tua vida será ferozmente discutida!

MARQUES

Homem, tu exagéras!...

CASTELLO-BRANCO

Não, não exagero. E' possivel que uma generalisação tão grande não seja absolutamente verdadeira... Comprehendes que eu não conheço toda a gente... O que é um facto, — indiscutivel, é que os sentimentos que acabo de especificar-te existem em Coimbra largamente representados.

SERENO

E não existe mais nada!

CASTELLO-BRANCO

O quê?

SERENO

Existe, sim... Existem muitas coisas mais, muitas coisas que sobreviveram a essa derrocada moral que acabas de descrever e que, eu, em parte, reconheço como tu. Ninguem ha que a não reconheça.

CASTELLO-BRANCO

E então?

SERENO

Mas é que ao lado d'essa deslealdade encontra-se e existe ainda uma grande lealdade! E' aqui, meu amigo, é em Coimbra que aprendemos a conhecer as nobres, fortes e leaes amizades, que conquistamos os grandes amigos que depois, de braço dado na aspereza da vida, transporta aquella terrivel Porta, nos ajudam a levar ao Calvario uma cruz, ás vezes muito pesada! — A deslealdade existiu sempre!

CASTELLO-BRANCO

Mas a lealdade está hoje reduzida a proporções microscopicas!

SERENO

Por pequenas que sejam, teem ainda a grandeza sufficiente para que façam com que nos lembremos d'ellas commovidamente, no momento em

que nos vamos separar uns dos outros por muito tempo, talvez para sempre!

MARQUES

Ainda é a unica coisa bôa que d'aqui levamos!

SERENO

Não. Ha mais ainda. Ha a recordação immorredoira das horas sem iguaes da vida de estudantes, d'esse tempo alegre e já tão longinquo que passámos na adoravel despreoccupação dos vinte annos, quando não ha verdadeiros cuidados nem verdadeiras responsabilidades! (*Para* MARQUES) Fallaste ha pouco em licções, em colicas, em bolsas vazias... Mas lembra-te do interessante, do pictoresco de tudo isso!... A alegria das *republicas*... As fataes e terriveis discussões depois do jantar... As afflicções por dinheiro... As corridas ao *prégo* por causa de dois tostões... E quantas mais, quantas mais coisas eu não te poderia citar ainda!... Tudo isso, apesar de tudo o que lá vae, enche ainda de pictoresco esta vida de Coimbra e, como alguem disse, — « a vida não é possivel sem um bocado de pictoresco depois do almoço »!

MARQUES

Sim... Mas para que ter saudades? De

quê?... O que fizemos nós? O que deixamos, o que levamos nós de Coimbra?

SERENO

Queres tu saber o que fizemos em Coimbra?... — Vivemos os melhores, os mais bellos annos da nossa vida, aquelles que são

. . . . . como a flôr do lotus
Que em cem annos floresce apenas uma vez!

O que deixamos? — Deixamos a nossa mocidade enterrada, desbaratada estupidamente, talvez, mas, em summa, é aqui que a deixamos. E é d'aqui, meu amigo, é de Coimbra que levamos um grande conhecimento da vida e dos homens, porque de tudo encontrámos, desde o optimo até ao pessimo!... Por tudo isto, que é muito, a memoria de Coimbra deverá ser quasi sagrada para nós! Será com saudade — immensa, amarga saudade! — que nos lembraremos d'ella, como com saudade se lembram todos os que por aqui passaram!... E' por isso que o dia é triste, afinal!... *(Para* CASTELLO BRANCO) Tu proprio estás triste, apesar de tudo!...

CASTELLO-BRANCO

Por outras razões. Não pelas que mencionaste.

SERENO

Por essas ou por outras. Vem a dar no mesmo. E', em resumo, porque amanhan vamos despir esta capa, iniciando uma nova vida, cheia de mais responsabilidade. Adeus tudo o que dentro d'ella viveu! Toda a ingenuidade, todos os sonhos, todas as illusões, — tudo vae desapparecer com ella perante a irremediavel mentira da Vida!... Lembremo-nos só d'isso! Esqueçamos as coisas más, porque as vamos encontrar em toda a parte, da mesma forma que as encontrámos em Coimbra! — E num derradeiro olhar para estes cinco annos, para a inegualavel vida que acaba de findar, digam vocês comigo que Coimbra ainda nos merece uma saudade!

CASTELLO-BRANCO

Pode ser... D'aqui a muitos annos!

MARQUES

Não fallemos mais nisso... Os rapazes já veem chegando! *(Para* SANDE E CASTRO *que, com uns poucos de rapazes, entrou momentos antes)* Olé, Sande e Castro, que demora foi essa?

SANDE E CASTRO

Os ultimos abraços... As ultimas despedidas... Custa a partir!...

ARTHUR NOBRE

Venho estafado... Não calculam vocês o tempo que perdi no prego a tirar de lá innumeraveis reliquias de cinco annos de penuria e de depennação!

SANDE E CASTRO

Foi tambem uma das instituições a que disse adeus! Amanhan, com a solemnidade da sobrecasaca e do chapeo alto, meus pés burocraticos e conselheiraes para sempre se affastarão de pregos e de preguistas!

No entretanto, a scena tem-se enchido com todos os rapazes que vão partir e com os que veem despedir-se. Estão tambem algumas tricanas. Alguns rapazes espreitam curiosamente para o bastidor da D. alta.

MARQUES

O que estão vocês para ahi a espreitar?

VOZES

Quem é?... Quem será?... Venham ver... Será ella?... Não pode ser... Olha que é!... E' capaz de ser!...

MARINHO

Não ha duvida... Reconheço-a... Estamos perdidos!...

VALENTIM, *furioso*

Que perseguição!...

SANDE E CASTRO *idem*

Que desplante!...

MARQUES

E' impossivel que seja!... Não se atreveria nunca!...

A UNIVERSIDADE *entra pela D. alta. Parece ter mil annos, — encarquilhada, tropega, cheia de rugas. Grande tenue seculo* XVIII. *Na cabeça, cinco plumas com as cores das cinco faculdades. Vem amparada a uma bengala, cujo castão lembra uma borla.*

NOBRE

Cá está ella!... Ponhamo-nos de largo!

Todos se afastam da UNIVERSIDADE, *deixando-a sosinha no meio da scena.*

A UNIVERSIDADE, *numa voz lenta e quebrada*

Na hora amargurada e triste da partida,
Quando me abandonaes para ir entrar na Vida,
Sem me dizer adeus, sem para traz olhar,
— Ingratos filhos meus que eu muito soube amar,
Filhos do coração! — venho maternalmente,
Com minha voz cançada e com meu corpo doente,

Minha benção vos dar, — ó muito amados filhos
Que ides enveredar p'los mysteriosos trilhos
Da Vida, cuja Porta estreita se ergue além!
Não me reconheceis?... Vós conheceis-me bem!...
Olhae bem para mim... Olhae... Não conheceis?...

VALENTIM, *aterrado*

E' ella!

MARQUES, *raivoso*

Ah! que se fosse!

A UNIVERSIDADE, *imperturbavel*

Ah! bem...— Reconheceis!
Pelo chispar do olhar, pelo furor do gesto,
Por todo o vosso horror tão claro e manifesto,
Eu vejo bem que sois filhos de vossos paes!...
Ha mil annos... Não sei... Ha mil... Ou talvez [mais,
Desde esse dia em que o leal e valoroso,
Sabio Rei D. Diniz, meu muito amado esposo,
Laços matrimoniaes comigo contrahio,
Nem um só bacharel, um só, d'aqui sahio,
Sem depois de partir me arremessar á face
Odios e maldicções!...

CASTELLO-BRANCO, *muito convencido, a um dos rapazes*

E se a gente a matasse?...

A UNIVERSIDADE

Ingrato... Olha, teu pae, doutor em rabulice,
Quando partio d'aqui a mesma coisa disse!...
Que me queria matar... Injuriou-me... Insultou-me...
Chamou-me nomes feios...

NOBRE

P'ra feio basta-te o nome

SANDE E CASTRO, *numa momice*

A U-ni-ver-si-da-de!

A UNIVERSIDADE, *continuando para* CASTELLO-BRANCO

E ora vê: Afinal
Mandou-te para cá, — como elle, tal e qual!
Foi sempre assim e sempre assim será!...

NOBRE, *invectivando-a*

Madrasta!

A UNIVERSIDADE, *sem se desmanchar*

Sinto-me velha...

SERENO, *ameaçando-a*

Féra!

A UNIVERSIDADE

Doente...

*

SANDE E CASTRO, *idem*

Monstro!

A UNIVERSIDADE, *sempre imperturbavel*

Gasta!...
Por isso, ó filhos meus, por Deus, tende piedade!
Respeitae, venerae a minha antiguidade!
Amei-vos muito...

CASTELLO-BRANCO

Muito!

A UNIVERSIDADE

Sempre! — desde o dia
Em que naquella sala lugubre e sombria,
Com cuidados de mãe, com disvellos de amante,
Eu vos deixei passar *neminé discrepante!*
De certo vos lembraes... Desde esse anno, o pri-
[meiro,
Até agora, ao quinto, ao quinto e derradeiro,
Todo esse tempo, ao pé de vós, sem vos largar,
Eu fui da vossa vida o genio tutelar!...
A *Alma-Mater* eu fui...

VALENTIM

Já faltava o latim!

A UNIVERSIDADE, *continuando*

Que ao chegar do quinto anno o suspirado fim,
Um canudo, te dei, — premio do teu estudo!
E que canudo filho!... Ai filho, que canudo!
Eu soube amar-vos muito, crêde...

CASTELLO-BRANCO

Muito!

A UNIVERSIDADE

A sciencia,
Isso que é do meu ventre a preciosa essencia,
Fui eu quem vo-la deu, vertendo-a em vossos labios
Por intermedio de sebentas e alfarrabios!

VALENTIM

Ora sebo!

A UNIVERSIDADE

Fui eu que em noites mal dormidas,
No terror, no pavor das lições mal sabidas,
Vos insufflei alento e vos gritei: Coragem!
Filho, agarra-te ao verbo!... — E agora, ao fim
[da viagem,
Na hora amargurada e triste da partida,
Eu venho assim velhinha, fragil, succumbida,
Minha benção vos dar!... Sêde felizes... Sêde
Muito felizes... E' o meu desejo, crêde...
Guardae minha memoria em vossos corações...

SERENO

Adeusinho!

A UNIVERSIDADE

Nas minhas velhas orações
De vós me lembrarei com maternal cuidado!

SANDE E CASTRO

Obrigado, maman!

NOBRE

Maman, muito obrigado!

A UNIVERSIDADE, *agastada*

E' sempre assim!... E' sempre a eterna ingra-
[tidão!...
Paciencia! Não faz mal! — Vossos filhos virão...

MARQUES, *vivamente*

Nunca!

A UNIVERSIDADE, *para* MARQUES

Não digas tal! Disse-o tambem teu pae
E p'ra cá te mandou!... Ora vê tu!

MARQUES, *já enfastiado*

Ai, ai!...

NOBRE

Mas que cynismo!

A UNIVERSIDADE, *estendendo a mão a* MARQUES

Adeus!

MARQUES, *fugindo-lhe, aterrado*

Não me toques!

A UNIVERSIDADE, *dirigindo-se a* SERENO

Adeus!

SERENO, *acenando-lhe de longe*

Passa bem!

VALENTIM

Adeusinho!

A UNIVERSIDADE

Adeus, ó filhos meus!
Minha benção vos dou num gesto sublimado!

SANDE E CASTRO, *muito comico*

Obrigado, maman!

NOBRE, *idem*

Maman, muito obrigado!

A UNIVERSIDADE

Vou partir...

SERENO

Vaes-te, emfim!

MARQUES, *num grande gesto*

Co'a nossa maldicção!...

A UNIVERSIDADE, *saindo e acenando-lhes*

Vossos filhos virão!... Vossos filhos virão!...

Sae.

VALENTIM

Que allivio, santo Deus!

NOBRE

Veio-nos amargurar a partida, — a megéra!

SANDE E CASTRO

Pobre velha! Deixa-la ir na paz do Senhor!

CASTELLO-BRANCO

Deixa-la ir, deixa-la... Não nos deixa saudades!

SERENO

Rapazes, são horas de partir!...—E' chegado o momento!...— Terminou a peregrinação!... Um grande adeus — e partamos!

MARQUES, *para os rapazes que se vieram despedir:*

Vocês ficam ainda! Ainda agora somente raiou para alguns de vós o doirado sol da bacharelice! Algum tempo vos espéra ainda de colicas e de sabentas!

SANDE E CASTRO, *para uma tricana*

E a vocês,— quanto tempo ainda vos espéra?

A TRICANA

Toda a vida!

SANDE E CASTRO

Triste destino o vosso! Não importa, pois vivereis sempre, para toda a vida, na saudade com que vos guardaremos nos nossos corações!

SERENO, *beijando uma tricana*

Um beijo, — o derradeiro!

NOBRE, *abraçando outra*

Raparigas, adeus!

VOZES, *entre os rapazes que ficam e os que partem*

Um abraço! Adeus!... Bôa viagem!... Felicidades!... Partamos!...

Quando vão para sair, JOSÉ-AYRES *entra*

JOSÉ-AYRES, *para os que vão partir*

Um momento. Escutae.

Vem á bocca do palco seguido por todos os rapazes. E dirigindo-se ao publico

E' finda a festa agora.
O riso é morto. O coração soluça e chóra.
Afogámos em riso a morta mocidade,
Afogando no peito os gritos da saudade,
Pois foi da mocidade, hoje aqui sepultada,
Que vos viémos trazer a ultima gargalhada,
A dos vinte annos gargalhada derradeira!
Quando em breve da vida a porta traiçoeira
Se abrir, de par em par, com um fragor medonho,
Guardaremos d'aqui o doce e claro sonho
Da noite em que enterrámos, entre dores e risos,
Cinco annos de vida em gargalhada e guizos...
— D'esta noite de festa, alegre e fugidia,
Que foi p'ra vós, Senhores, noite de alegria
E será para nós, Amigos, de saudade!...
E' finda a festa. — E' finda e morta a mocidade.

Todos cumprimentam emquanto o panno cae rapidamente.

FIM

Quintanistas que com esta peça realisaram a sua festa de despedida

---

Adriano de Campos Henriques
Affonso Armando de Seixas Vidal
Alberto Augusto das Neves Rocha
Alberto de Barros Castro
Alberto de Campos Mello
*Alberto Antonio da Silva e Costa (**Pad-Zé**)*
Alberto Marques
Alfredo Pinto da Cruz da Rocha Peixoto
Alvaro Julio Barbosa
Alvaro Sereno
Antonio de Almeida Azevedo
Antonio Corrêa da Fonseca
Antonio Joaquim Machado do Lago Cerqueira
Antonio Luiz Pereira de Almeida
Antonio Maria da Cunha Marques da Costa
Antonio Mendes Vahia de Sousa Carneiro
Antonio Vasco Rebello Valente
Antonio Vianna Ferreira Roquette
Armando Marinho da Cunha

Armindo Mauricio Pinto Rodrigues
Arnaldo Brandão de Sousa e Vasconcellos
Arthur da Silva Nobre
Augusto José Queiroga Valentim
Augusto Victor dos Santos Junior
Bernardo de Sousa Azevedo de Menezes
Carlos José Barata Pinto Feio
Carlos de Mendonça Pimentel e Mello
Carlos Roberto de Oliveira Pinto
Eduardo Dally Alves de Sá
Ernesto de Sande Marinho
Eurico Fernandes Lisbôa
Fernando de Figueiredo
Fernando Vasques da Cunha Braamcamp de Mancellos
Francisco Limpo de Lacerda
Francisco Rebello de Albuquerque
Francisco Xavier Paes de Sande e Castro
Henrique da Graça Freire Sotto-Mayor
Jacintho Humberto da Silva Torres
Jeronymo Augusto de Sousa Sampaio
João Alves de Sá
João Antonio Pinto Bagulho
João Corrêa Botelho Castello Branco
João Corsino Caldeira de Albuquerque Vilhena
João da Cruz Cardoso Santarem
Joaquim Antonio Pereira
Joaquim Antonio de Seixas
Joaquim Pereira da Costa
José Bernardo de Almada
José Bruno Tavares Carreiro

José Joaquim de Azevedo Brito Chaves
José Maria de Andrade Freire
José Maria Cabral de Aragão Lacerda
José Vaz de Carvalho Ayres de Magalhães
Manuel Antonio de Quadros
Manuel Carreiro do Rego
Manuel da Cunha Reis
Manuel Monteiró Velho de Arruda
Manuel Quaresma Limpo Pereira de Lacerda
Miguel Antonio Trancoso
Miguel Homem de Azevedo Sampaio e Mello
Pedro Bernardes de Miranda
Ruy Ennes Ulrich
Sebastião de Castro e Lemos
Virgilio Nunes da Silva

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

Praça dos Restauradores, 20

LISBOA

Agosto Azul, por M. Teixeira Gomes. 1 vol. 500

M. Teixeira Gomes, o delicado colorista do *Inventario de Junho* e das *Cartas sem moral nenhuma*, acaba de juntar mais uma a essas duas perolas litterarias: *Agosto Azul*, livro de impressões, escriptas n'aquella prosa impeccavel e com aquelle cunho artistico que faz destacar as suas obras e superiorisal-as. Na imposibilidade, por agora, de nos referirmos mais detalhadamente a esse mimo litterario, transcrevemos as palavras com que um dos nossos mais distinctos confrades da capital, *O Dia*, o recebeu:

Acaba de ser posto á venda, pela livraria Teixeira, da praça dos Restauradores, mais um livro de Manoel Teixeira Gomes, o subtilissimo artista, que com um epicurismo de verdadeiro meridional, ao mesmo tempo repousado e ardente, e sob a aza immaterial d'um humorismo transcendente, nos conta as suas impressões e agita o doirado guiso da sua phantasia.

Este livro, *Agosto Azul*, é a nova producção do organismo mais requintadamente artistico que conhecemos. Ninguem melhor do que elle consegue hoje entre nós objectivar o vago, subtilisar a emoção e acertar com a forma de expressão propria de certos estados do espirito, que dentro em nós attingem o maximo de agudêza quando o enervamento physico é impotente para exteriorisal-os.

Ao mesmo tempo o adoravel pagão do *Inventario de Junho* e das *Cartas sem moral nenhuma*, pinta e reconta na mais luxuriante orchestração de côres, a gamma infinita de impressões, as multiplas scenas de pittoresco que a sua ávida retina tem sabido apprehender deambulando o mundo.

Entre os mais raros e empolgantes prazeres de Arte, creia, sem favor, a leitora que poderá contar, meditando e saboreando mansamente, no recanto tranquillo do seu *boudoir*, este livro tão primorosamente escripto, e ao mesmo tempo tão portuguez, pela sensibilidade, pela commoção, pela doçura cantante do seu rythmo evocando o brando ronronar das ondas, pela suavidade idyllica das paisagens e pelo fino encanto sensual em que nos envolve as coisas.

Heraldo n.º 1.135 — Tavira.

A Dolores, por Coelho de Carvalho. 1 vol. 500

Em novembro ultimo representou-se no *Theatro Normal* um drama de Codina, *Dolores*, liberrimamente trasladado para versos portuguêses por Coelho de Carvalho. Ao que nos consta, o drama foi justamente applaudido pelos espectadores, mas o applauso só escassamente podia abranger a esmerada execução literaria e as difficuldades vencidas pelo nosso poeta, visto como na audição theatral escapa grande parte dos predicados literarios de uma obra, mormente de uma obra poética.

Com effeito, Coelho de Carvalho burilou com incontestavel mestria os versos de *Dolores*, o que aliás não deve surprender quem já conheça de Coelho de Carvalho outras obras em prosa ou verso.

Como provinciano e amigo de João de Deus, o poeta da *Dolores* extrema-se, á semelhança daquelle, mas sem pruridos nem o defeito da imitação, na singeleza e espontaneidade da phrase, bem como na felicidade e naturalidade da rima.

Delicioso livro de versos, a *Dolores* não é simplesmente uma obra para o theatro, senão tambem um rescendente ramilhête litterario, cujo aroma melhor se aprecia na tranquillidade e insulamento do nosso gabinete.

Diario de Noticias n.º 13.741 — Lisboa.

A Livraria Classica Editora de Lisboa vem de publicar, n'uma edição primorosa e d'um bello gosto artistico, a traducção em verso do drama em 3 actos de José Felliu y Codina «Dolores». A versão para a nossa lingua foi feita pelo illustre poeta snr. Coelho de Carvalho, um artista que conserva ainda hoje todo o fogo da mocidade e sabe imprimir a tudo o que escreve um bello cunho de pessoalidade e de talento. A peça foi representada no theatro de D. Maria, em Lisboa, sendo acolhida tanto pelo publico como pela critica com o maior e mais justo enthusiasmo. Varias passagens, ao serem transplantadas para o nosso idioma, ganharam em belleza plastica, em rythmo e em côr. E' este, a nosso vêr, o mais alto elogio que se póde fazer ao snr. Coelho de Carvalho.

A «Dolores» está á venda em todas as livrarias, sendo depositaria no Porto a casa Moreira. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Diario da Tarde de 19-2-904 — Porto.

Fisiologia do amôr, por Paulo Mantegazza, traducção do Dr. Candido de Figueiredo. 1 vol.. 600

Senador do reino da Itália, lente, médico, antropólogo, Paulo Mantegazza é, além de tudo isso, uma incontestavel summidade litterária e scientifica, conhecida e admirada já hoje em todo o mundo culto.

Como escriptor, os seus assumptos dilectos, — o amor, a mulher, o casamento, — são tratados com uma tal elevação e nobreza de conceitos, com tanto saber e tanta poesia, que os seus livros falam simultaneamente ao coração e ao espirito, deixando nelles uma imperecivel impressão de admiração e jubilo.

Se não nos enganamos, as primeiras obras de Mantegazza, que entre nós appareceram em portuguez, traduzidas do italiano com expressa auctorização e approvação do auctor, foram — o *Problema do casamento*, de que já se fizeram duas edições, e a *Fisiologia da mulher*. Ambas essas obras, traduzidas por Candido de Figueiredo, lograram tal acceitação, que o mesmo traductor se aventurou agora a traduzir outra obra de Mantegazza, a *Fisiologio do amor*, que muitos consideram o trabalho mais notavel e mais delicioso do grande escriptor italiano.

Com effeito, a *Fisiologia do amor* agita os mais momentosos e os mais simpáticos problemas da vida fisica e da vida do sentimento, debatendo ao mesmo tempo as questões que mais interessam á dignidade da mulher e á sua elevação moral. Entre os capitulos da obra, trata-se admiravelmente do amor das plantas e dos animaes ; estuda-se a alvorada do amor, as suas boas e más origens, as suas primeiras armas, a seducção, o pudôr, a voluptuosidade, os abismos e as eminencias do amor, as suas sublimes puerilidades, as suas fronteiras, o ciúme, como se conserva e como acaba o amor ; a castidade ; o inferno e as ignominias do amôr ; o amor, segundo os sexos, e segundo a idade ; os crimes do amor ; etc., etc.

Ao contrario de algumas obras scientificas de Mantegazza, que mal se adaptam ao melindroso olhar feminino, a *Fisiologia do amor* é livro para toda a gente. Basta dizer-se que a obra é precedida por uma carta, em que a mãi do auctor aprova e aplaude o genial trabalho de seu filho ; carta que é seguida de uma longa e judiciosa apreciação, feita por uma escriptora anónima, que nós supomos ser a celebre princesa Dora de Istria. O proprio traductor dedicou o seu trabalho a uma illustre dama, admiradora do velho Mantegazza ; e nessa dedicatoria lêem-se as palavras seguintes :

— «Quando depus em suas mãos as minhas traducções da *Fisiologia da mulher* e do *Problema do casamento*, obras laureadas

do grande psicologo do amôr, Paulo Mantegazza, Vossa excellencia perguntou-me:

«—Porque não traduz tambem a *Fisiologia do amor?* Para mim, é a obra prima do meu querido Mantegazza; tão delicada, tão sentida, tão limpidamente profunda, que todas as mulheres e todos os poetas a deveriam reler e amar.

«Fui ler a *Fisiologia do amor*, e aqui a tem Vossa Excellencia em linguagem nossa.

«Leiam-na as mulheres e os poetas, e leiam-na todos; que, se nella avultam as eminencias alvissimas da mais immaculada poesia, tambem nella se dilatam as pradarias ubérrimas da sciencia em que os fructos se colhem sem esforço, por entre floridos roseiraes.

«Possa este livro,—maravilha de arte e de sabêr,—afervorar o culto que todos devemos ao velho e adoravel Mantegazza, e seja Vossa Excellencia a padroeira desse culto».

Embora motivos de facil intuição nos privem de apreciar o trabalho do traductor, fazemos nosso o seu conceito á cerca da *Fisiologia do amor*, por nos parecer incontestavel e justo.

Diario de Noticias — Lisboa.

Margarida Pusterla, por Cesar Cantu, traducção de José Caldas. 2 vol. . . . 1$500

Cesar Cantu é um nome de reputação universal. Como historiador, é certamente conhecido de quantos não desconheçam a letra redonda. A sua *Historia Universal*, traduzida em quase todas as linguas, é um monumento de trabalho e de saber, sejam quaes forem as restricções que lhe aponha a moderna filosofia da história.

Como romancista porém, pelo menos nós não o conheciamos. Foi-nos, com effeito, uma verdadeira revelação o publicar-se agora em Lisboa a traducção de um grande romance histórico de Cesar Cantu, em dois volumes, a *Margarida Pusterla*.

Traduziu-o José Caldas, escritor adestrado e feito, que viu na vulgarização da *Margarida Pusterla*, não simplesmente um bom serviço ás letras, senão tambem um elemento de educação civica e um impulso para o desenvolvimento e para o culto das liberdades públicas.

Cantu fôra uma das victimas liberaes do predominio austriaco na Lombardia. Jazera nos carceres da Austria, privado, como Silvio Pellico, de desafogar as suas maguas e de formular protestos contra vexames, que os próprios tiranetes declararam depois infun-

dados. Mas, não tendo penna nem tinta, serviu-se pacientemente da fuligem do quebra-luz da cadeia, diluindo-a em agua num recipiente qualquer, e tracejando difficilmente num papel uma novela, que era a história das perseguições austriacas e de generosas reacções. Como porem, descoberto o papel, a novela seria inutilizada, transportou a acção della para o século XIV, em que effectivamente a Lombardia passara por transes iguaes, em lucta com o despotismo, e deixou em branco os nomes e alguns episódios, que mais vivamente reproduziam os factos que lhe eram coetâneos.

Saindo do cárcere, Cesar Cantu pôde dar a ultima demão á sua novela, e assim publicou a *Margarida Pusterla*, que na Italia e na Austria produziu logo a mais viva e imperecivel impressão.

E eis o romance, que ora vemos em português, excellentemente traduzido, magnificamente editorado, e que, no seu gênero, bem póde emparceirar-se com o *Monge de Cister*. Afóra o monumental trabalho de Herculano, será difficil achar em português um romance histórico, que sobreleve á *Margarida Pusterla*. Não é só o movimento dramatico da acção, o interesse da história, o conflito da liberdade com a oppressão, o que dá a este romance attractivo excepcional; é ainda o entrêcho romantico, e a fórma litteraria. O historiador é tambem poeta; e a sua prosa, muitas vezes adoravelmente lirica, enlaça-se, como hera viçosa, á severa escultura dos capitéis e torreões da história.

Grande e bello romance histórico, *Margarida Pusterla* merece realmente lograr em Portugal a extraordinaria e justa acolhida, alcançada por ella nos paises que primeiro a conheceram e applaudiram.

Dr. Candido de Figueiredo.

Diario de Noticias, n.º 13.734 — Lisboa.

Real confeiteiro português e brasileiro,
por Sophia de Souza. 1 vol. 700

Num grosso volume de mais de 400 paginas, reuniu a senhora D. Sofia de Sousa muitas centenas de receitas para a confeição dos melhores doces. Applicavel igualmente a Portugal e ao Brasil, este enorme repositório de indicações utilissimas para qualquer dona de casa, e para todos os confeiteiros que desejem abastecer o mercado com as mais variadas e apetitosas guloseimas, recommenda-se duplamente pela utilidade pratica e vastidão dos ensinamentos, e pela fórma clara, simples e correcta da exposição.

Para maior facilidade de consulta, as receitas estão dispostas

pela ordem alfabética, e toda a gente póde sabêr em dois minutos como se confeiçoam os mais esquisitos e deliciosos doces e bolos desde os *cupidinhos* e as *maizenas*, até aos *zamacois* e *suspiros do Brasil*. Só em receitas para *biscoitos*, ha nada menos de *cincoenta e seis* variedades ; para *bolos, cento e treze receitas ;* só de *pudins* temos receitas para *oitenta e oito* variedades. Etc.

E, se de mais não damos relação, é porque os leitores, crescendo-lhes a agua na boca, são da opinião de Camões : *mais vale experimental-o que julgal-o.*

Experimentem pois os bons bocados, de que fala o *Real Confeiteiro, portuguéz e brasileiro.*

Diario de Noticias n.º 13.741 — Lisboa.

Da meia duzia de volumes excellentes dados ao publico ultimamente pela Livraria Classica Editora, queremos hoje apenas noticiar o «Real confeiteiro portuguez e brazileiro», que é uma obra recheada de receitas de doçaria, a mais completa no genero de quantas temos conhecimento.

A arte culinaria está hoje interessando de tal modo as senhoras portuguezas, que um livro d'estes não lhes póde passar desapercebido. Manipular umas deliciosas *queijadas de amendoa*, ou cosinhar uma *lambarice das moças*, é tão proprio para finas mãos de mulheres como fazer renda de bilros ou pintar aguarellas. As que são donas de casa ou que o desejam ser teem de certo muito mais a lucrar com a *lambarice das moças*. E' de bom gosto e de boa educação de *ménagère* fazer doce delicado — porque aos maridos mais bravos adoçam as furias, e aos noivos mais voluveis prende-se muita vez o coração revolto n'uma rêde de saborosos *ovos em fio*..... E depois, ha até exemplos de rainhas que faziam doce como só consta que em Portugal o arranjou o sr. abbade de Priscos.

Por forma que o «Real confeiteiro» é um livro precioso. Nós, que somos lambareiros incorrigiveis, não conhecemos receituario mais completo. Recommendamol-o, como uma obra prima, ás nossas leitoras. Estamos certos de que nos devem ficar agradecidas — as que conheçam o valor da boa sobremeza para mitigar agruras da vida ! Estamos certos d'isso !»

Diario da Tarde, de 18-2-904 — Porto.

Póde bem chamar-se o codigo de lambarice o grosso receituario que acaba de sair a lume com o titulo de «Real confeiteiro portuguez e brazileiro». O livro, d'umas quatrocentas paginas, principia